

50 ANOS DE ABRIL

QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?



cinemateca
portuguesa
MUSEU DO CINEMA, IP

50 ANOS DE ABRIL

QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

REVOLUÇÃO . LIBERDADE . COMUNIDADE . FUTURO

M

eu século decorrido sobre o ano de todas as nossas esperanças, a Cinemateca não poderia deixar de evocar a efeméride, e, mais do que isso, tudo o que, num sentido mais lato, um intervalo temporal como este nos sugere hoje no território do cinema. Em anteriores aniversários redondos dessa data (logo nos 10 anos em 1984, nos 25 anos em 1999 e nos 40 anos em 2014), organizámos nestas salas ciclos e outras iniciativas em torno do “cinema de Abril” ou daquele em que há ecos desse período. Desta vez, para além de voltarmos às imagens geradas nesse momento refundador da nossa vida coletiva, e de projetar outras em que, posteriormente e até hoje, continuam a ressoar as causas e os efeitos de tal momento – essas, a exhibir sobretudo em ocasiões mais próximas da efeméride, em abril de 2024 - considerámos que era de facto a altura de ir mais longe e de fazer com que um ano inteiro de programação fosse contaminado pelo tema, a níveis e de formas muito diferentes, muito para além da abordagem direta dessa nossa história. Pensando no espírito e nos valores do *big bang* com que o 25 de Abril despertou o país após uma tão longa ditadura, o desafio que a nós próprios lançámos foi então o de intercalar, ao longo dos doze meses do ano, múltiplas iniciativas com isso livremente associadas, tomando como terreno de base toda a História do cinema, as quais por sua vez dialogarão, de modo mais ou menos direto, com os restantes ciclos estruturantes de 2024. Desta vez, Abril não será assim objeto de “uma” comemoração, mas ponto de partida para boa parte da programação do ano, em várias frentes, algumas com incidência mais pontual, outras estendendo-se de janeiro a dezembro. E, quanto a estas últimas (as que vão correr o ano), reunimo-las num vasto programa, que se quer uma vasta interrogação, para a qual tomámos de empréstimo para título – porque de homenagem se trata também – a interrogação de João César Monteiro em 1975 “Que farei eu com esta espada?” A arrancar logo em janeiro com exemplificação robusta, este é portanto, não um Ciclo, mas um conjunto de ciclos que abordarão outros tantos eixos temáticos que irão cruzar toda a nossa programação “abrilista” até final do ano, a saber, *Revolução, Liberdade, Comunidade e Futuro*. Com eles (a seguir apresentados individualmente com maior detalhe) serão depois articuladas as outras frentes da comemoração, e com eles, insiste-se, serão ainda articulados alguns dos restantes programas de 2024 com que haverá mais próximo diálogo de programação – e de que é exemplo flagrante, aliás, já este mês, a retrospectiva dedicada à obra de Fernando Matos Silva. Que faremos nós com esta memória coletiva? Programar é projetar para o presente. São perguntas, o que agora começa.

LIBERDADE

Onde está a liberdade? (Rossellini) A nós a liberdade. (René Clair). Fantasmas da liberdade. (Buñuel) Liberdade. (McCarey) Liberdade e pátria. (Godard-Miéville) Caminhos da liberdade. (Cinequipa) O trabalho liberta? (Pêra) Os títulos citados em trocadilho permitem aferir, não restringindo, a amplitude do tópico como eixo de programação de cinema. Liberdade. Em data comemorativa da alegria do povo português na madrugada esperada que Sophia descreveu como *O dia inicial inteiro e limpo / Em que emergimos da noite e do silêncio / E vivos habitamos a substância do tempo*. Do escuro e do chumbo: a travessia de quarenta e oito anos, faz agora cinquenta, feitos de ditadura, censura, anestesia, letargia, implosão, a que muitos foram resistindo com vitalidade criativa, terminou no espaço público, numa festa de energia partilhada com o branco e o vermelho dos cravos a colorirem os canos das armas dos jovens militares, as mãos civis. A imagem da liberdade portuguesa no século XX – a flor solitária do craveiro com pétalas recortadas – fincou-se no imaginário coletivo.

A poesia está na rua, ficou ainda de Sophia, que soletrou a frase para o desfile do primeiro 1º de Maio em liberdade, antes que fosse impressa no cartaz pintado por Vieira da Silva como imagem da festa do 25 de Abril de 1974. Também ficámos com palavras-canção: a senha de *Grândola Vila Morena* de Zeca Afonso com os arranjos – e os passos na gravilha – das “Cantigas do Maio” por José Mário Branco (1971); sempre as da síntese de Sérgio Godinho que continuam a ressoar, *Liberdade: A paz, o pão habitação saúde, educação. Só há liberdade a sério quando houver. Liberdade de mudar e decidir quando pertencer ao povo o que o povo produzir*. (“À Queima Roupas”, 1974) Escritores de canções crescidos em democracia tomam o rastilho. Por exemplo, assim, A Garota Não: *Liberdade, querida Liberdade O nosso chão tem sonhos e vontade*. (Canção a Zé Mário Branco. “2 de Abril”, 2022)

Os filmes [...] libertam a cabeça. (Fassbinder) Neste programa “em fascículos” ao longo de 2024, os filmes trazem ideias de liberdade e a liberdade na espinha dorsal, personagens profundamente livres criadas em profunda liberdade de espírito. Fundamentalmente estruturado à volta de dois núcleos, o eixo Liberdade junta filmes que 1) fazem prova de resistência à privação de liberdade, se encontram em fuga ou na fuga a todas as clausuras; que 2) configuram gestos de liberdade no que constroem ou no como se constroem. O chão comum é largo mas não pantanoso. Não entrarão aqui as censuras, até porque, a seu tempo, a censura será assunto da programação de 2024. Já a resistência está nos planos e nos entre-planos. O mapa é a desenhar: entram pioneiros, vanguardas, clássicos e modernos, filmes indomados, indomáveis. Um beijo filmado, um primeiro *travelling*, um plano em rodopio, filmes construídos em vertigem, fugas a perseguições, escolher a evasão, escolher ficar. Filmes de Hollywood, cinema europeu ou asiático, iraniano e português compreendidos, bem-entendido. Buster Keaton em corrida veloz à frente de uma chusma de noivas, Boudu-Michel Simon-Jean Renoir, W.C. Fields e outros dignos protagonistas olímpicos do não politicamente correto. João de Deus-João César Monteiro enviado por Lívio-Luis Miguel Cintra no final das RECORDAÇÕES DA CASA AMARELA para ir “dar-lhes trabalho”, profere noutro filme, numa cena de coreografia na cela em que cumpre pena injusta, uma máxima imbatível: “Do cadáver de um homem livre pode sair acentuado mau cheiro, nunca sairá um escravo.”

Uma outra vez João César Monteiro preferiu o negro por fidelidade (BRANCA DE NEVE); Manoel de Oliveira filmou uma obra que manteve inédita para a posteridade até ao desprendimento terreno (VISITA OU MEMÓRIAS E CONFISSÕES); António Campos filmou, em ditadura, um poema-distopia (A INVENÇÃO DO AMOR). São três gestos de liberdade, a tomar como exemplos de títulos a vir. Como outros, do catálogo Lumière, de Germaine Dulac, Maya Deren, Jean Epstein, John Ford, Nicholas Ray, Billy Wilder, Robert Bresson, Jacques Becker, Zoltán Fábri, Otar Iosseliani, Don Siegel, John Carpenter, Jean-Luc Godard, Jerzy Skolimowski, Amir Naderi, Jafar Panahi, Panah Panahi. Continua.

► **Quarta-feira [03] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

AS ARMAS E O POVO

de colectivo de Trabalhadores da Actividade Cinematográfica

Portugal, 1974-1977 - 80 min | M/12

AS ARMAS E O POVO é o mais célebre filme da revolução portuguesa. Composto por material filmado durante a semana que mediou o 25 de Abril e o 1º de Maio de 1974, junta as grandes movimentações de massas aos discursos de Mário Soares e Álvaro Cunhal e a libertação dos prisioneiros políticos às entrevistas de rua conduzidas pelo cineasta brasileiro Glauber Rocha. Assinado pelo Colectivo de Trabalhadores da Actividade Cinematográfica, é um documento histórico inestimável, a partir de imagens captadas a quente por vários técnicos e realizadores portugueses, tendo a montagem ficado a cargo de Fernando Matos Silva e Monique Rutler, com trabalho de som de Alexandre Gonçalves. Obra incontornável do cinema militante europeu, é também um manifesto sobre a relação entre cinema e política, não apenas como mero difusor dos acontecimentos, mas sobretudo como participante ativo do ato revolucionário. Resultado de assinatura alargada entre a comunidade do cinema português da época e mostrando uma comunidade em processo revolucionário, *AS ARMAS E O POVO* é um título programado no eixo Liberdade mas um título no qual confluem os demais eixos e que dialoga diretamente com a retrospectiva "Fernando Matos Silva - O Cinema a Fazer a Realidade".

► **Sexta-feira [05] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

► **Quinta-feira [25] 19h30 | Sala Luís de Pina**

THE FATAL GLASS OF BEER

de Clyde Bruckman

com W.C. Fields, Rosemary Thiby, George Chandler

Estados Unidos, 1933 - 19 min
legendado eletronicamente em português

BOUDU SAUVÉ DES EAUX

Boudu Querido

de Jean Renoir

com Michel Simon, Charles Granval,
Marcelle Hainia, Séverine Lerczinska

França, 1933 - 85 min / legendado em português
duração total da projeção: 104 min | M/12

THE FATAL GLASS OF BEER é uma genial paródia ao "regresso do filho pródigo" ambientada numa das regiões mais inospitadamente geladas do noroeste americano. A produção de duas bobines pré-Código de Mack Sennett é protagonizada pelo genial W.C. Fields, que se tornou popular, no cinema, pela "incorrecção política" das personagens com queda para o álcool e aversão por crianças e cães. Em BOUDU SAUVÉ DES EAUX o protagonista é Michel Simon, no papel do vagabundo parisiense que se atira ao Sena e é salvo por um livreiro que tenta a sua conciliação com a vida em sociedade.

Realizado quase trinta anos antes da Nouvelle Vague, por Jean Renoir, cineasta de génio e liberdade, BOUDU talvez seja um dos seus mais legítimos predecessores: prodigiosamente inventivo, deliciosamente "anarca", um filme que está olímpicamente nas tintas para a "correção" técnica, efusivamente provocador. Ou seja, e decididamente, da mesma cepa.

► **Sábado [06] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

► **Quinta-feira [11] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

UN CONDAMNÉ À MORT S'EST ECHAPPÉ

Fugiu Um Condenado à Morte

de Robert Bresson

com François Leterrier, Roland Monod, Jacques Estaud

França, 1956 - 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Subintitulada "O vento sopra onde quer", citação do Evangelho Segundo S. João, a quarta longa-metragem de Bresson baseia-se num facto real: a evasão de um homem, em 1943, de um forte de onde teoricamente qualquer fuga era impossível. Bresson aplica de modo ainda mais estrito os austeros princípios de realização do seu filme anterior, JOURNAL D'UN CURÉ DE CAMPAGNE: despojamento da imagem, escolha de atores não profissionais, cenários reduzidos, ausência de música de cinema (só a Grande Missa de Mozart), oposição entre monólogo e diálogo. Um extraordinário filme sobre a coragem, que também é um filme sobre o mistério da Graça. Por esta altura, já Bresson elegera o termo cinematógrafo - "é pelo cinematógrafo que reviverá a arte que o cinema está a querer matar". A apresentar em cópia digital.

► **Segunda-feira [08] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

► **Terça-feira [16] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

LE TROU

de Jacques Becker

com Michel Constantin, Jean Kéraudy,
Raymond Meunier, Marc Michel, Catherine Spaak

França, 1960 - 120 min / legendado eletronicamente em português | M/12

O último filme de Jacques Becker é uma das obras-primas do moderno cinema francês. De uma austeridade total, de onde está ausente qualquer efeito supérfluo, LE TROU é um filme "negro" sobre um grupo de prisioneiros que prepara uma evasão que estará condenada ao fracasso por causa de um denunciante. Sobre ele disse Melville: "Considero este filme - e peso as palavras com toda a atenção - o maior filme francês de todos os tempos." "Como diz um dos personagens do filme: 'C'est ça qui va nous sauver. C'est le bruit'. E o que os perdeu foi o silêncio, esse silêncio absoluto que se segue à traição, antes da melodia ao piano nos fazer pensar em que acordes se pode sustentar esta comunicação subterrânea" (JBC). A apresentar em cópia digital.

- **Sexta-feira [12] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**
► **Terça-feira [30] 19h30 | Sala Luís de Pina**

COEUR FIDÈLE

de Jean Epstein

com Léon Mathot, Gina Manès, Edmon van Daële

França, 1923 - 85 min / mudo, intertítulos em francês
legendados eletronicamente em português | M/12

Ligado ao documentário e à vanguarda dos anos 1920, autor de brilhantes textos teóricos, Jean Epstein (1897--1953) foi uma das personalidades mais singulares e talentosas da sua geração no cinema francês. COEUR FIDÈLE, é uma das suas obras-primas. A trama narrativa mostra a rivalidade, nos meios populares de Marselha, entre um honesto trabalhador e um *mauvais garçon*, interessados na mesma mulher. A montagem, o sentido do ritmo cinematográfico, faz deste filme um dos pontos culminantes do que à época se chamou o impressionismo no cinema, a capacidade de narrar de forma oblíqua, num verdadeiro contraponto de imagens. "As suas imagens estavam como que em relevo [...] a ponto de, nas salas, os espectadores serem tomados fisicamente pela vertigem ao verem o turbilhão do carrossel." (Henri Langlois) A apresentar em cópia digital.

- **Sexta-feira [12] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**
► **Terça-feira [30] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

KÖRHINTA

"Carrossel"

de Zoltán Fábri

com Mari Töröcsik, Imre Soós, Ádám Szirtes, Béla Barsi

Hungria, 1956 - 90 min / legendado eletronicamente em português | M/12

KÖRHINTA (a partir de um conto de Imre Sarkadi; apresentado em Cannes, em 1956) é um clássico do cinema húngaro, um filme ambientado na Hungria rural onde dois jovens, socialmente afastados, se apaixonam sem o consentimento familiar vivendo uma história de amor que se relaciona com escolhas decorrentes da tradição e da política. Um drama romântico em que a ideia de comunidade ocupa um lugar central, e que faz rimar amor e liberdade. Um manifesto da classe operária com a inspiração shakespeariana de *Romeu e Julieta*, também se pode dizer assim. A cena dos dois jovens embarcados no carrossel, juntamente com a câmara, é uma cena de antologia. Primeira apresentação na Cinemateca, em cópia digital.

- **Sábado [13] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro**
| Cinemateca Júnior

SEVEN CHANCES

As Sete Ocasões de Pamplinas

de Buster Keaton

com Buster Keaton, James Shannon,
Ruth Dwyer, Mary Jones

Estados Unidos, 1925 - 56 min / mudo, intertítulos em inglês, legendado
eletronicamente em português | M/6

ACOMPANHADO AO PIANO POR CATHERINE MORISSEAU

Nesta obra-prima Buster Keaton eleva um dos temas narrativos centrais do cinema burlesco, a perseguição e fuga, à altura da grande arte quando filma a sua personagem em corrida com centenas de mulheres no seu encalço em resposta a um anúncio de urgência matrimonial; ou quando filma a avalanche de pedras perto do desfecho. A narrativa gira em torno do putativo herdeiro de uma fortuna que, para poder recebê-la, tem de casar-se antes das sete horas da tarde desse próprio dia do seu 27º aniversário. Às proezas acrobata e mímica de Keaton-ator soma-se o génio experimental da linguagem cinematográfica ensaiada no interior do sistema de Hollywood em que Keaton-realizador foi pródigo.

SEVEN CHANCES, que originalmente começava com um prólogo em Technicolor de duas bandas, e tem cenas de antologia, é um tratado da arte visual do humor. A exibir em cópia digital. O filme está programado numa sessão Cinemateca Júnior - Sábados em Família.

- **Segunda-feira [15] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

FILM SOCIALISME

Filme Socialismo

de Jean-Luc Godard

com Catherine Tenvier, Christian Sinnier,
Jean-Marc Stehlé, Robert Maloubier, Patti Smith

França, Suíça, 2010 - 102 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Apresentando-se como um ensaio em três movimentos (um cruzeiro pelo Mediterrâneo e os seus viajantes; um conflito familiar algures na província francesa; uma reflexão sobre a Europa e o mundo contemporâneo), FILME SOCIALISME é um dos grandes filmes do século XXI. Godardiano até à medula, compõe-se de sobreposições de imagens e sons, citações, aforismos, entre os quais o de que "quando a lei é injusta, a justiça passa antes da lei". O último plano, a negro, inscreve uma conhecida expressão, "No comment". A liberdade, que custa caro tal e qual se lê no cartaz, saúda-se.

- **Quarta-feira [17] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

THÈMES ET VARIATIONS

de Germaine Dulac

com Ève Francis, Sylvio de Pedrelli,
Jacques Volnys, Suzanne Parisys

França, 1928 - 8 min / mudo, sem intertítulos

LA COQUILLE ET LE CLERGYMAN

de Germaine Dulac

com Alex Allin, Génica Athanasiou, Lucien Bataille

França, 1927 - 40 min / mudo, sem intertítulos

UN CHIEN ANDALOU

de Luis Buñuel e Salvador Dalí

com Pierre Batcheff, Simone Mareuil, Salvador Dalí, Jaume
Miravittles, Luis Buñuel, Fano Messan

França, 1929 - 21 min / mudo, intertítulos em francês legendados em português
duração total da projeção: 69 min | M/12

THÈMES ET VARIATIONS é um dos pouco conhecidos e muito surpreendentes filmes da vanguardista francesa Germaine Dulac - "Evoco uma bailarina! Uma mulher? Não. Uma linha saltitante de ritmos harmoniosos! Evoco uma projeção luminosa velada! Matéria precisa! Não. Ritmos fluidos. Porquê desconsiderar, no ecrã, o prazer que o movimento nos dá no teatro? Harmonia de linhas. Harmonia de luz. Linhas, superfícies, volumes [...] cinema integral" (Dulac). No alinhamento da sessão, o segundo filme de Germaine Dulac tem argumento de Antonin Artaud, uma história de desentendimento entre os dois e a da ferocidade levantada na histórica estreia contra a realizadora, em 1928, no Studio des Ursulines. Hoje Dulac é descrita como uma feminista pioneira das vanguardas dos anos 1920 e LA COQUILLE ET LE CLERGYMAN (o seu filme mais célebre a par de LA SOURIANTE MADAME BEUDET, de 1923) é tido como o primeiro filme surrealista da História do cinema, um estudo sobre o ritmo que também é comum aparentar ao lirismo, ao impressionismo ou à influência do simbolismo. É um belo filme de um experimentalismo estonteante, decerto uma incursão precursora no subconsciente humano. Baseado numa série de sonhos de Luis Buñuel e Salvador Dalí, UN CHIEN ANDALOU (a apresentar em cópia digital) é um violento e extraordinário filme surrealista - "um apaixonado apelo ao homicídio", segundo os seus autores -, um dos filmes vanguardistas mais famosos de sempre.

REVOLUÇÃO

E

lícito defender que o aparecimento do cinema e a sua rápida expansão nas primeiras décadas do século XX constituíram uma revolução, social e cultural, potenciadora ou catalisadora de muitas outras pequenas ou grandes revoluções sociais e culturais. Não é que esse efeito revolucionário do cinema esteja completamente ausente deste Ciclo, mas o foco é outro: aparecido no final do século XIX, o cinema veio a tempo de documentar, refletir, e nalguns casos servir, integrar, as grandes revoluções políticas do século XX. E no mundo inteiro, sem exagero. Aquela que foi certamente a primeira grande articulação destes termos, cinema e revolução, disparou em 1917, meras duas décadas depois das primeiras sessões públicas com que os irmãos Lumière apresentaram ao mundo o seu invento. Mais do que só isso, a revolução soviética foi a primeira grande articulação explícita entre o cinema e a política, a primeira grande reivindicação do cinema por parte da política. "O cinema é, para nós, a mais importante das artes", segundo a famosíssima frase de Lenine, e o cinema soviético, sobretudo nos anos imediatamente subsequentes a 1917, foi de facto a primeira grande experiência, concertada e premeditada, de constituição do cinema em arte revolucionária, em arte ao serviço de uma revolução política.

Era fundamental começar por aí, começar pelo OUTUBRO de Eisenstein, narrativa das origens revolucionárias, construção da sua mitologia. Tão grande foi o poder desta conceção do cinema que meio século depois ainda eram os seus intérpretes e principais vultos aqueles que inspiravam outras experiências concertadas e premeditadas de conjugar o cinema com uma prática revolucionária – como sucedeu em França com o Grupo Dziga Vertov, animado por, entre outros, Jean-Luc Godard e Jean-Pierre Gorin.

Mas o que se segue a isso, no Ciclo que apresentamos, não é um fluxo didático através de revoluções do século XX, com todas as paragens bem identificadas. Interessa mostrar algumas das mil abordagens históricas da temática revolucionária – que incluem a reconstituição de momentos mais remotos, como a Revolução francesa nos ORPHANS OF THE STORM de Griffith, ou reflexões muito em cima dos acontecimentos, como no caso de VIDEOGRAMME EINER REVOLUTION, de 1992, onde Farocki e Ujica analisam a revolução romena de 1989 – para constatar como também aqui o laço entre o cinema e a História é inevitável e inquebrável. Mas interessa, mais ainda, confundir a cronologia, confundir a história, confundir a geografia, fazer suceder os filmes num grande "banho" revolucionário, onde de repente um filme sobre a revolução mexicana (como o VIVA ZAPATA! de Kazan) pode estar a dialogar com um filme sobre as revoltas anti-coloniais em África (como o SAMBIZANGA de Sarah Maldoror), um filme sobre a revolução americana (como o AMERICA de Griffith) a dialogar com filmes de outras revoluções americanas do século XX (como as filmaram e integraram Robert Kramer, Charles Burnett, Emile de Antonio), filmes sobre revoluções políticas a dialogar com o carácter intrinsecamente político de revoluções sociais e de costumes (Jack Smith, Lizzie Borden). O cinema como espectador da revolução, o cinema como veículo de um sentimento revolucionário, o cinema como agente da revolução, o cinema como consciência (frequentemente crítica) da revolução. Este é o vasto percurso para que convidamos o público da Cinemateca.

► **Quarta-feira [03] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

de João César Monteiro

Portugal, 1975 - 66 min | M/12

Manifestações operárias contra a presença de Portugal na NATO junto às águas do Tejo cruzam-se com cenas de NOSFERATU, o vampiro de Murnau, que desembarca ameaçadoramente. A realidade política portuguesa é ainda confrontada com uma marginalidade que desafia a moral conservadora. Com a forte marca de autor que ao quarto filme já se lhe reconhecia, QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? alimentou discussões e polémicas na altura da sua estreia, nomeadamente através de um aceso debate televisivo cujas querelas se prolongariam nas páginas dos jornais.

► **Terça-feira [03] 19h30 | Sala Luís de Pina**

OKTIABR

Outubro

de Sergei Eisenstein

com Vassili Nikandrov, Nikolai Boris Lianov

URSS, 1927 - 100 min / mudo, intertítulos em russo traduzidos português | M/12

Realizado dois anos depois de O COURAÇADO POTEMKINE, OUTUBRO foi uma encomenda oficial para o décimo aniversário da Revolução Bolchevique e marca o começo do fim do estado de graça de Eisenstein junto às autoridades soviéticas, o que prenunciava o fim do grande cinema revolucionário soviético. Substituindo a "montagem de atrações" de POTEMKINE pela "montagem intelectual", numa tentativa de veicular ideias abstratas através de imagens, OUTUBRO é o filme mais "experimental" alguma vez feito por Eisenstein e marca o apogeu da convergência entre vanguarda formal e vanguarda política, durante o breve período em que ambas foram inseparáveis na URSS.

► **Sexta-feira [05] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

► **Quarta-feira [17] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

ONE PLUS ONE

de Jean-Luc Godard

com The Rolling Stones (Mick Jagger, Keith Richards, Brian Jones, Charlie Watts, Bill Wyman, Nicky Hopkins), Anne Wiazemsky, Ian Quarrier

França, 1968 - 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Os Rolling Stones ensaiam *Sympathy For the Devil*. Em montagem paralela acompanhamos ações dos Black Panthers, discursos militantes e manifestações de contra-cultura. Ensaios de música e revoluções falhadas. O filme é composto por dez planos-sequência, cinco dos quais dedicados aos ensaios dos Stones. A versão a exibir, por falta de cópias disponíveis, é a conhecida como *Sympathy for the Devil*, ou a "versão de produtor", que difere da versão autorizada por Godard pelo acrescento, no fim, de planos com a versão definitiva da canção dos Stones.

► **Sábado [06] 17h00 | Sala Luís de Pina**

LE FOND DE L'AIR EST ROUGE

de Chris Marker

França, 1977 - 240 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Pode filmar-se o "ar do tempo"? Chris Marker mergulhou nos arquivos e fez a crónica, simultaneamente épica e intimista, de dez anos (1967-1977) de contestação do sistema político-económico mundial – apropriadamente, o argumento do filme subintitula-se "cenas da terceira guerra mundial". Uma montagem lírico-dialética da Revolução em curso, da guerra do Vietname às manifestações de estudantes, de Che Guevara aos tanques de Praga, da tortura na América latina aos bombardeamentos

americanos com napalm. A história de um fracasso? "Ao longo dos últimos dez anos, um determinado número de homens e de forças (por vezes mais instintivas que organizadas) tentaram tomar em mãos os seus destinos e inverter as peças do jogo. Todos eles falharam nos terrenos que tinham escolhido. Apesar disso, a sua passagem foi aquilo que mais profundamente transformou as condições políticas do nosso tempo. Este filme não pretende senão colocar em evidência algumas etapas desta transformação." (Chris Marker).

► **Segunda-feira [08] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

► **Quarta-feira [24] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

VIVA ZAPATA!

Viva Zapata!

de Elia Kazan

com Marlon Brando, Jean Peters, Anthony Quinn, Mildred Dunnock, Joseph Wiseman

Estados Unidos, 1952 - 113 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Com argumento de John Steinbeck, VIVA ZAPATA! conta a odisseia de um camponês mexicano na revolução, desde o seu triunfo à manipulação política por oportunistas e à traição que levará ao seu assassinato. A fotografia de Joe MacDonald dá tonalidades épicas a VIVA ZAPATA!, onde Brando teve uma das suas mais carismáticas criações, que lhe valeu uma nomeação para o Oscar.

► **Terça-feira [09] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

► **Sábado [13] 19h30 | Sala Luís de Pina**

MEMORIAS DEL SUBDESARROLLO

de Tomás Gutierrez Alea

com Sergio Corrieri, Daisy Granados

Cuba, 1968 - 97 min / legendado eletronicamente em português | M/12

No seu tempo, foi um dos mais internacionalmente famosos filmes cubanos, e bastante apreciado pelos críticos norte-americanos, apesar da declarada animosidade entre Cuba e os EUA. MEMORIAS DEL SUBDESARROLLO é uma reflexão retrospectiva sobre os primeiros anos da revolução cubana, à procura de uma distância crítica mais do que da inflamação que se encontra, por exemplo, nos filmes de Santiago Alvarez. O filme segue o percurso de um escritor, de extração "burguesa", que permanece em Cuba depois da revolução mesmo se toda a sua família próxima partiu para o exílio em Miami.

► **Quinta-feira [18] 19h30 | Sala Luís de Pina**

VIDEOGRAMME EINER REVOLUTION

"Videogramas de uma Revolução"

de Harun Farocki, Andrei Ujica

Alemanha, 1992 - 106 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Colaboração entre Harun Farocki e o cineasta romeno Andrei Ujica (que mais recentemente foi autor de um filme estreado em Portugal, AUTOBIOGRAFIA DE NICOLAE CEAUSESCU, com estreitas ligações a este), VIDEOGRAMME EINER REVOLUTION é um ensaio sobre a revolução romena de 1989 feito a partir da análise de imagens captadas pela televisão ou por videastas amadores (onde se contam as imagens do julgamento sumário, e posterior execução, de Ceausescu e da sua mulher Elena).

► **Sexta-feira [19] 22h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

► **Terça-feira [23] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

FLAMING CREATURES

de Jack Smith

com Joe Markham, Mario Montez

Estados Unidos, 1963 - 45 min / legendado eletronicamente em português | M/16

A obra mais célebre de Jack Smith, fantasia revolucionária e libertária, inspirada nos caleidoscópios de Busby Berkeley, e onde o homoerotismo é figura dominante. FLAMING CREATURES causou escândalo e foi proibido em vinte e dois estados americanos, devido aos temas da droga, da homossexualidade e do narcisismo, como reflexos subterrâneos de uma época em que tudo mudava.

► Segunda-feira [22] 19h30 | Sala Luís de Pina

I AM NOT YOUR NEGRO

Eu Não Sou o teu Negro

de Raoul Peck

com narração de Samuel L. Jackson

Estados Unidos, França, Suíça, 2016 - 96 min | M/12

Passagem a filme dos escritos de James Baldwin (1924-1987), um dos mais destacados intelectuais afro-americanos do século XX, que profundamente refletiu sobre as questões raciais na sociedade americana, sobre o racismo e as suas origens, históricas e psicológicas. O filme do haitiano Raoul Peck não desaproveita o poder das palavras de Baldwin, construindo um filme que também é uma extensa recolha de imagens (de imagens cinematográficas, inclusive, porque em vários momentos o texto de Baldwin vai ao encontro delas), um documentário de montagem que é uma particularmente estimulante crónica do fortalecimento público da identidade afro-americana.

► Quinta-feira [25] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

BRONENOSETS POTIOMKINE

O Couraçado Potemkine

de Sergei M. Eisenstein

com Aleksander Antonov, Grigori Alexandrov, Vladimir Barsky

URSS, 1925 - 74 min / mudo, com intertítulos em russo,
traduzidos em português | M/12

Na primeira metade dos anos 1920, a União Soviética conheceu um extraordinário florescimento artístico, em todos os domínios, com obras duplamente de vanguarda: do ponto de vista formal e do ponto de vista político. O COURAÇADO POTEMKINE é, sem dúvida, a mais célebre destas obras. Pondo em prática as suas teorias sobre a montagem, elemento fundamental em todo o cinema de vanguarda, Eisenstein fez deste filme de encomenda sobre a Revolução de 1905 um momento absolutamente eletrizante, com a mais célebre sequência da História do cinema: o massacre na escadaria de Odessa. Na abertura da sessão, NOCTURNA de Pedro Florêncio (Portugal, 2023, 16 min - ver nota na entrada Com a Linha de Sombra, pág. 18; Pedro Florêncio apresenta a sessão).

► Segunda-feira [29] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

► Quarta-feira [31] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

SAMBIZANGA

de Sarah Maldoror

com Domingos de Oliveira, Elisa Andrade, Jean M'Vondo,
Adelino Nelumba, Benoît Moutsila

Angola, França, 1973 - 98 min | M/12

Adaptação de *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*, obra literária do poeta angolano José Luandino Vieira, SAMBIZANGA é a primeira longa-metragem conhecida de Sarah Maldoror. Se o livro se centra na figura de Domingos Xavier, operário envolvido nos movimentos de resistência anticolonial, preso e torturado até à morte em 1961 pela polícia política portuguesa, o filme é narrado do ponto de vista da sua mulher, Maria, que parte em busca do seu marido, viajando até Luanda. Como escreveu Annouchka de Andrade, filha de Maldoror e de Mário Pinto de Andrade, "SAMBIZANGA tem uma estética sensual, transmitida através de cenas do quotidiano: o casal Maria e Domingos, as longas viagens de Maria a pé por caminhos poeirentos, e a relação de Maria com o filho que carrega nas costas (...)". A exhibir em cópia digital.

COMUNIDADE

Someone would strike up a song, and the valley would ring with the sound of many voices – for singing is in my people as sight is in the eye. A fala do narrador de HOW GREEN WAS MY VALLEY (1941), em que John Ford filma uma comunidade galesa de mineiros na passagem do século XIX para o século XX vai ao coração da coisa: quando o *flashback* arranca associado à lembrança do mais novo dos seis filhos da família que habitava o verde vale desses tempos, a imagem de harmonia é clara e compõe-se em coro – alguém entoava uma canção e “o vale fazia-se ouvir com o som de muitas vozes” porque “cantar é para a minha gente o que a vista é para o olho.” Além do unísono das vozes, tónica na “minha gente”. A expressão podia estar nos diálogos de STARS IN MY CROWN (1950) de Jacques Tourneur, o clássico série B de Hollywood, mais subterrâneo nas premissas, que abre, neste programa, a roda da comunidade.

A História do cinema, arte de matriz coletiva e comunitária, está infundida dessa noção e dessa prática, dos primórdios em diante. O cinema clássico de Hollywood é fértil em histórias de construção e perda de comunidades, e foram as comunidades, do antes e dos pós-guerras, que o cinema foi imaginando, fixando, retratando, representando nos muitos cantos do mundo ao longo das eras que dobraram dois séculos de tradição narrativa, vanguardas, realismos, novas vagas, impulsos de ficção como do real. O imaginário *western*, fundado na

exploração do território americano atravessado a cavalo, cruzado por diligências, sulcado pelos carris dos comboios, é um reflexo nítido em que irradiam *saloons*, esquadras, escolas, igrejas, tiroteios, sinos e bailes, gestos rituais. Para lá dos géneros de estúdio, transversal a cinematografias e épocas, o sentido de uma comunidade, histórias de comunidade, retratos e experiências de comunidades, encontram-se em imagens de paisagem aberta, territórios rurais ou selvas urbanas, ilhas isoladas nos oceanos, bairros ou ruas de cidades pouco ou densamente povoadas. Como se encontram, nas imagens de cinema, o deslascar que as desfaz, todos vulnerabilizando.

O que pode uma comunidade? Respondam D.W. Griffith, Allan Dwan, Raoul Walsh, Robert Flaherty, King Vidor, Manoel de Oliveira, Humphrey Jennings, Julien Duvivier, Jean Renoir, John Ford, Howard Hawks, Fritz Lang, Kenji Mizoguchi, Kinuyo Tanaka, Roberto Rossellini, Jacques Tourneur, Jean Grémillon, Anthony Mann, Jean Rouch, Richard Fleischer, Alain Resnais, Antonio Pietrangeli, António Campos, Manuel Costa e Silva, Cecilia Mangini, Jean Eustache, Jonas Mekas, Artavazd Pelechian, David Lamelas, Noémia Delgado, Shinsuke Ogawa, Fernando Lopes, Abbas Kiarostami, Frederick Wiseman, José Luis Guerín, Pedro Costa, Jean-Marie Straub e Danièle Huillet, tantos outros. Noutra perspetiva, atentar-se-á aos coletivos de produção-realização, às comunidades artísticas, como a Factory de Andy Warhol ou a Diagonale de Paul Vecchiali ou as Produções Ogawa ou as cooperativas e unidades de produção portuguesas que emergiram nos revolucionários anos 1970.

Pensar a comunidade no cinema, diferente de equacionar a comunidade do cinema, nos 50 anos do 25 de Abril de 1974, convoca noções com as quais a ideia gravita: identidade, participação, relação, coletivo, mas também cidadãos, minorias, margens, desfavorecidos, oprimidos. O programa *Comunidade* tomará forma ao correr dos meses em diálogo com os demais eixos da iniciativa: no mesmo movimento, em rota paralela e bifurcada, alinhar-se-ão umas dezenas de títulos que cruzam latitudes, registos, cronologias. Que contagiam e são contagiados pelos demais alinhamentos. E que projetam o que, numa definição simples, refere a qualidade do que é comum ou indica um conjunto de indivíduos unidos ou organizados de forma coletiva, seja esse traço uma história, um território, práticas, propósitos. Em tempos desagregados, em que a primeira pessoa do singular tende a sobrepor-se à do plural acusando perda de sentido, sobreleva-se o nós – o espírito do conjunto de pessoas. Em equipa.

► **Quarta-feira [03] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

STARS IN MY CROWN

de Jacques Tourneur

com Joel McCrea, Ellen Drew,

Dean Stockwell, Juano Hernandez

Estados Unidos, 1950 – 89 min / legendado em português | M/12

STARS IN MY CROWN é, talvez, o mais belo e perfeito exemplo daquilo a que se chama “americana” (evocação nostálgica do passado dos EUA) no cinema. É também o mais pessoal dos filmes de Jacques Tourneur, que, para o dirigir, aceitou um salário simbólico. Foi ele quem falou de STARS IN MY CROWN como uma coleção de “vinhetas humanas” da vida numa pequena cidade no interior dos EUA no século XIX. O ponto de partida é a história de uma criança (Dean Stockwell, num dos seus primeiros papéis) com os pais adotivos, uma tia (Ellen Drew) casada com um pastor da igreja que em tempos fora pistoleiro (Joel McCrea), na comunidade que os adotou, onde o tranquilo

deslizar do tempo é por vezes quebrado pelo drama (a tentativa de linchamento pelo KKK) e rondado pelo mal (a epidemia tifoide). Um retrato de sentimentos e emoções, mas também de dinâmica coletiva, de rara intensidade e beleza.

► **Quinta-feira [04] 19h30 | Sala Luís de Pina**

► **Segunda-feira [22] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

MAN OF ARAN

O Homem e o Mar

de Robert J. Flaherty

com Colman “Tiger” King, Maggie Derrane,

Michael Derrane, Pat Mullen

Reino Unido, 1934 – 76 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Filmado nas ilhas de Aran, ao largo da costa ocidental da Irlanda ao cabo de uma vivência de perto de dois anos nesse lugar, o primeiro título sonoro de Flaherty é um clássico do cinema

documental, representando uma comunidade extremamente isolada, exposta à severidade dos elementos, que preservava antigos costumes gaélicos. A experiência do confronto com o mar, a construção dos solos, a tradição perdida da pesca ao tubarão gigante, estruturam *MAN OF ARAN*, a partir da crónica de uma família. “Quanto à cena final do *curragh* (a canoa) na tempestade, é um dos mais lendários troços de cinema de Flaherty. [...] É a ‘exaustão temporal’ que, ainda aqui [como nas cenas finais de *NANOOK OF THE NORTH* e *MOANA*], injeta no assunto a dimensão da gesta coletiva e a marca sacrificial da comunidade filmada” (José Manuel Costa). A apresentar em cópia digital.

- Segunda-feira [08] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
 ► Terça-feira [23] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE SUN SHINES BRIGHT

O Sol Nasce para Todos

de John Ford

com Charles Winninger, Arleen Whelan, John Russell, Stepin Fetchit, Russell Simpson

Estados Unidos, 1953 - 90 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Nova versão de *JUDGE PRIEST* (1934), mas a personagem surge agora envelhecida e o olhar de Ford é mais sereno. Em tempo de eleições para um novo mandato como juiz, Priest ousa enfrentar as convenções sociais da sua cidade em casos polémicos como o julgamento de um negro e o enterro de uma prostituta, o que lhe pode custar a vitória. “O filme mais amado por Ford (‘It’s my favorite picture - I love it’). Eis um dos seus filmes mais intimistas e comoventes. Eis um filme para fordianos. Impossível gostar de Ford sem gostar deste filme. Impossível gostar deste filme sem gostar de Ford” (JBC). A apresentar em cópia digital.

- Terça-feira [09] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE DESERT PEOPLE

de David Lamelas

Estados Unidos, 1974 - 50 min

legendado eletronicamente em português | M/12

David Lamelas descreve *THE DESERT PEOPLE* como “um estudo sobre a produção cinematográfica americana”. Um carro com um grupo de pessoas atravessa o deserto, e o que se assemelharia a um clássico *road movie* é interrompido por um conjunto de entrevistas em que os viajantes descrevem as suas experiências numa reserva índia norte-americana, e em que Manny, um membro da tribo Papago, nos fala sobre a extinção cultural do seu povo. Misturando os géneros, Lamelas confunde a fronteira entre realidade e ficção.

- Quinta-feira [11] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

OPERA, CONTADINI

“Operários-Camponeses”

de Jean-Marie Straub, Danièle Huillet

com Angela Nugará, Giacinto Di Pascoli, Gianpaolo Cassarin

Itália, 2001 - 123 min / legendado em português | M/12

Nas ruínas da Itália do pós-guerra, uma comunidade de homens e mulheres de várias gerações inventa relações de novo tipo, profissionais e pessoais, mantendo uma espécie de diário: *OPERA, CONTADINI* foi a segunda incursão de Straub-Huillet na obra de Elio Vittorini, neste caso o romance *Donne di Messina*, de que são transpostos alguns trechos, sob a forma de monólogos de doze pessoas, de frente para a câmara, evocando situações que definem as condições de vida das classes trabalhadoras. Isto dá a esses monólogos o aspecto de depoimentos, o que fez com que Straub e Huillet evocassem, a seu propósito, o desenvolvimento de um filme policial. Numa entrevista aos *Inrockuptibles*, Straub declarou que “de todos os nossos

filmes, este é aquele em que a imagem é mais densa, em que as cores são realmente as cores da natureza, não um colorido inventado pela química moderna. Para o som é a mesma coisa”. A apresentar em cópia digital.

- Sábado [13] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

- Quarta-feira [24] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

EN CONSTRUCCIÓN

de José Luis Guerín

Espanha, 2000 - 125 min / legendado eletronicamente em português | M/12

É dos mais conhecidos filmes de José Luis Guerín, rodado em Barcelona, a sua cidade de origem, ao longo de três anos. Guerín filmou a demolição de uma zona determinada do Barrio Chino, um bairro operário em desagregação, e a construção de um moderno complexo residencial para a nova classe média catalã. Entre o bairro que se extingue e o surgimento do novo espaço urbano, o passado reafirma incessantemente a sua presença, seja na descoberta de um antigo cemitério romano debaixo das fundações do novo edifício, seja na sabedoria popular sentida nas conversas entre vizinhos. O que é contar pouco sobre o belíssimo filme que é *EN CONSTRUCCIÓN*, “um filme sobre a ‘requalificação urbana’ como uma operação económica que releva da engenharia social: mudar o ‘rosto da cidade’, mas também mudar os rostos que povoam as cidades. E é um filme sobre o apagamento da identidade, da história [...]” (Luís Miguel Oliveira).

- Terça-feira [16] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

- Sexta-feira [19] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

L’AMOUR D’UNE FEMME

O Amor de Uma Mulher

de Jean Grémillon

com Micheline Presle, Massimo Girotti, Gaby Morlay

França, 1953 - 103 min / legendado eletronicamente em português | M/12

A esplêndida última longa-metragem de Jean Grémillon, “o grande clássico desconhecido e secreto” do cinema francês (*Cahiers* n.º 693, 2013), que a Cinemateca revelou na retrospectiva de 2020 (“O outro gigante”), foi uma amarga experiência do ponto de vista da receção pública, comprometendo o seu trabalho futuro. Trata-se de uma história feminista *avant la lettre*, em que uma jovem médica, destacada numa pequena aldeia na Bretanha, vive uma ligação sentimental com um jovem engenheiro que equaciona a hipótese de ela abandonar o seu trabalho. *L’AMOUR D’UNE FEMME* é também um filme centrado no cenário da pequena ilha, batida pelas tempestades, e na comunidade isolada da sua população, sob a influência fulgurante dos elementos, central no cinema de Grémillon. A apresentar em cópia digital.

- Sábado [20] 16h00 | Sala Luís de Pina

BELFAST, MAINE

de Frederick Wiseman

Estados Unidos, 1999 - 245 min

legendado eletronicamente em português | M/12

SESSÃO COM INTERVALO

A comunidade da beira-mar da pequena cidade do Maine, em Belfast, é retratada por Frederick Wiseman a partir das cento e dez horas de material filmado ao longo de oito semanas e montado durante vários meses. A representação da vida daquela população naquele lugar é exemplar do seu trabalho de longo curso: a observação de uma América como território cinematográfico por explorar ocupa Wiseman desde os anos 1960 (*THE COOL WORLD*, *TITICUT FOLLIES*). A sua prolixidade e a sua

originalidade assentam num olhar sobre instituições públicas como a escola, a saúde, o estado social, a indústria alimentar, e micro-comunidades como uma biblioteca, um museu ou uma pequena urbe. No caso deste filme, o foco é posto no modo como a comunidade, eminentemente pobre, se relaciona com as instituições. “As cidades pequenas são muito características da vida americana. [...] Belfast é um sítio complicado e quatro horas arriscam não atingir a sua complexidade” (F. Wiseman). Primeira apresentação na Cinemateca.

► Sábado [27] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro
Cinemateca Júnior
Sessão descontraída

ANIKI BOBÓ

de Manoel de Oliveira

com Nascimento Fernandes, Fernanda Matos,
Horácio Silva, António Santos

Portugal, 1942 - 71 min | M/6

A primeira longa-metragem de Manoel de Oliveira adapta livremente o conto de Rodrigues de Freitas, *Meninos Milionários*, propondo uma incursão poética na realidade ribeirinha pobre do Porto e de Gaia, filmada *in loco* e em estúdio (na lisboeta Tobis), e interpretada, na sua maioria, por não atores. O título invoca o jogo infantil que divide «polícias» e «ladrões» na sequência noturna das brincadeiras dos miúdos, que a história agrupa à volta de Carlitos e Eduardito, rivais pela atenção de Teresinha. Há uma Loja das Tentações, onde se vende de tudo, incluindo rebuçados e uma boneca parecida com a menina. Embora o universo seja “infantil”, os temas são “adultos”, na primeira abordagem de Oliveira à paixão, ao desejo, ao ciúme, elementos essenciais do seu imaginário futuro, na mesma paisagem da sua obra de estreia (DOURO, FAINA FLUVIAL, 1931). O filme está programado na Cinemateca Júnior - Sábados em Família enquanto Sessão Descontraída. Na manhã do mesmo dia, uma oficina concebida e orientada por Ana Eliseu parte de um excerto do filme para questionar “O que faz uma comunidade?” (ver entrada Cinemateca Júnior).

FUTURO

“ Com efeito, quem ousará negar que o futuro ainda não existe? Contudo, a espera do futuro já está no espírito”. Santo Agostinho associava o futuro à esperança, nascendo a interrogação sobre se dela depende alguma forma de ação, porquanto a mudança não se faz, em segurança, nos termos de uma atitude *laissez-faire*. Se é importante a ocorrência de uma agência que propulsione a roda da fortuna num sentido, também é verdade que nem sempre esta reserva finais felizes. Olhar para o futuro como agência de mudança, mas também abertura sempre arriscada para o infortúnio (futuro vem do latim *futuru*, “que há de ser”), é uma das principais propostas deste eixo, que vê no “ainda não existe” uma possibilidade de irresistível natureza dramática. Dominar esse “ainda”, tentando antecipar os seus designios, é uma das propostas contidas nas narrativas em que personagens, normalmente “em crise”, decidem mudar de vida. Há recursos para que o caminho em frente se faça de maneira mais segura – e cobarde? E profana? – tais como a cartomancia ou a cabalística e há quem apenas especule: quem quero ser quando for grande? O que farei ou quem serei se...? Ler o futuro ou especular sobre os “ses” da existência são formas de entreter as possibilidades daquele e daquilo que “ainda não...”

“But we’re absolute beginners / With eyes completely open / But nervous all the same”, cantou David Bowie, em *Absolute Beginners*. Que decisões são essas que nos podem afetar ou deixar nervosos? A mudança de um país, de uma cidade ou um “novo começo” num emprego de sonho ou de pesadelo ou “o possível” (o primeiro dia de escola ou de trabalho *será* eternamente o primeiro dia de escola ou de trabalho). Ou a mudança futura poderá dar-se “na negativa”, contrariando vícios e ódios antigos, ativamente participando num processo de reabilitação pessoal, à guisa de histórias de amor, de saúde e/ou de fé. O futuro como o luto permanente de um passado em que nos definimos sempre na ânsia de sermos alguém diferente e alguém novo. Será a novidade inteiramente possível e quanto dela se deseja imprevisível, e, enfim, grande questão *também* de cinema, quanto dessa imprevisibilidade depende o efeito, de facto, transformador do porvir?

Nesta primeira antecipação do eixo do Ciclo “Que Farei Eu com Esta Espada?” dedicado a pensar o “Futuro” apresentam-se dez títulos que procuram cobrir a diversidade de abordagens

que considerámos no planeamento deste programa. Dada a especificidade imaterial do tema, concluímos que o único método suficientemente abrangente seria pensar o futuro a partir de uma lógica dispersiva cujo retrato só começa a tornar-se claro com a acumulação e o distanciamento. Através da conjugação de visões muito díspares – e até conflituais – do futuro, pretendemos compor um panorama que acomode tanto o cinema de ficção como o documental, tanto filmes de metragem curta como extremamente longa, tanto cinema de imagem real como de animação e, partindo disso, lançámo-nos em diferentes abordagens narrativas sobre aquilo que o destino nos reserva. Assim, ora enveredámos pela via da distensão das rodagens (filmes que acompanham as suas personagens ao longo de vários anos) que produz um cinema de fluxo, onde a vida (dis)corre e o futuro se vai construindo diante de nós; ora recolhemos filmes que fazem convergir, na mesma linha narrativa, diferentes temporalidades que interatuam (um entendimento estratificado do tempo em que, por vezes, há movimentações tectónicas que fendem a linearidade do *continuum* Espaço/Tempo); ora ainda os filmes que descobrem as suas personagens num momento de mudança em que a esperança serve de guia; ora, por fim, os filmes que refletem sobre a ideia de destino, isto é, que acreditam que o futuro está já traçado e que é possível aceder-lhe, nem que seja por formas invias e tortuosas, como o lançamento das cartas, da leitura das mãos, a análise das borras de café ou dos folhas do chá, as visões e demais soluções – com doses maiores ou menos de charlatanismo – de lidar com a incerteza do amanhã.

- Quinta-feira [04] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
 ► Quarta-feira [10] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

UNFAITHFULLY YOURS

Odeio-te Meu Amor

de Preston Sturges

com Rex Harrison, Linda Darnell,
 Rudy Vallee, Barbara Lawrence

Estados Unidos, 1948 – 105 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Uma fabulosa comédia de Preston Sturges, onde Rex Harrison, à época envolvido no escândalo da tentativa de suicídio de uma jovem atriz que por ele se apaixonara, é um famoso maestro que suspeita que a mulher lhe é infiel. Durante um concerto, vai imaginando três formas de resolver a questão, incluindo o homicídio (mórbida especulação!). A música serve de contraponto. Uma das mais brilhantes comédias de sempre, UNFAITHFULLY YOURS foi um fracasso comercial e de crítica à época da sua estreia, mas tornou-se, com o tempo, um exemplar superior do estilo “sturgesiano”, sendo, como escreveu João Bénard da Costa, “uma das histórias mais bem escritas e brilhantes de Preston Sturges”.

- Sexta-feira [12] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
 ► Terça-feira [23] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

GROUNDHOG DAY

O Feitiço do Tempo

de Harold Ramis

com Bill Murray, Andie MacDowell, Chris Elliott

Estados Unidos, 1993 – 101 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um dos filmes de culto do cinema americano dos anos 90, dirigido pelo sempre discreto Harold Ramis, que foi um dos nomes mais sólidos e mais interessantes de uma “segunda linha” de Hollywood nas últimas décadas, trata-se da história de um homem que entra num “buraco temporal” e se vê condenado a viver, eternamente, o mesmo dia: faça o que fizer, volta

sempre a acordar às seis da manhã daquele dia 2 de fevereiro. Divertido e melancólico, qualidades que também são idealmente encarnadas por Bill Murray, num dos seus melhores papéis.

- Sexta-feira [12] 19h30 | Sala Luís de Pina

GADAJACE GLOWY

“Cabeças Falantes”

de Krzysztof Kieslowski

Polónia, 1980 – 16 min

WORLD OF TOMORROW

de Don Hertzfeldt

Estados Unidos, 2015 – 17 min

HOW DO YOU MEASURE A YEAR?

de Jay Rosenblatt

Estados Unidos, 2021 – 29 min

duração total da projeção: 62 min /

legendados eletronicamente em português | M/12

O tempo, a rapina de todas as coisas, vai passando e debitando lições, e interrogações, que podemos ir passando ao próximo. Em GADAJACE GLOWY, o grande realizador polaco Krzysztof Kieslowski atravessa múltiplas gerações, de um bebé recém-nascido a uma senhora de vetusta idade, perguntando a cada concidadão “quem são?” e “o que querem da vida?”. Na animação minimal do americano Don Hertzfeldt, nomeada para o Óscar de Melhor Curta de Animação, viajamos no tempo, quer dizer, projetamo-nos no futuro mais longínquo, onde incursões as profundezas do cosmos e soluções de vida eterna mediante clonagem configuram possibilidades excitantes e, ao mesmo tempo, novas formas de condenação. Com isto, a pequena e enternecedora Emily é visitada pela sua versão clonada, que a guia pelo futuro mais distante, revelando uma paisagem pouco animadora. Em HOW DO YOU MEASURE A YEAR?, Jay Rosenblatt revisita cada ano em que perguntou à filha uma série de questões no seu dia de anos, até esta perfazer 18 primaveras: “Sonhas com o quê? O que te faz medo? O que queres dizer

a ti mesma quando fores mais velha? O que pensas da nossa relação?” Um filme, nomeado para o Oscar de Melhor Curta Documental, sobre o crescimento e a relação entre pai e filha. Primeiras apresentações na Cinemateca.

- ▶ Segunda-feira [15] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [25] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LIGHT SLEEPER

Perigo Incerto

de Paul Schrader

com Willem Dafoe, Susan Sarandon, Dana Delany

Estados Unidos, 1992 - 103 min / legendado eletronicamente em português | M/16

Um dos vários filmes de Paul Schrader sobre culpa e redenção, LIGHT SLEEPER conta a história de John LeTour (Willem Dafoe) e a sua *via crucis* para abandonar de vez uma carreira no crime ligada à droga. Com fotografia de Ed Lachman, esta obra apresenta características de um *neo-noir* sobre a possibilidade/impossibilidade de regeneração moral numa Nova Iorque empestada pela adição e pela perdição, que inevitavelmente nos remete para TAXI DRIVER, filme realizado por Martin Scorsese e com argumento assinado pelo próprio Schrader. Primeira apresentação na Cinemateca. A exhibir em cópia digital.

- ▶ Quarta-feira [17] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [26] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

FAMILY PLOT

Intriga em Família

de Alfred Hitchcock

com Karen Black, Bruce Dern, Barbara Harris

Estados Unidos, 1976 - 120 min / legendado eletronicamente em português | M/12

O último filme de Hitchcock é uma comédia de *suspense* à volta de ladrões de joias, no qual o realizador regressa à colaboração com o argumentista Ernest Lehman, com quem não trabalhava desde NORTH BY NORTHWEST. William Devane e Karen Black formam um casal de raptos que exigem pedras preciosas como resgate, e Barbara Harris (Blanche Tyler) é uma *medium* que chega a eles quando procura descobrir o paradeiro de um familiar de uma cliente. Entre o furto e a charlatanice, Hitchcock dá-nos umas das suas mais divertidas comédias, deixando-nos na incerteza: Blanche Tyler é uma burlona ou é mesmo capaz de prever o futuro?

- ▶ Quinta-feira [18] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [26] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

STROSZEK

A Canção de Bruno S.

de Werner Herzog

com Bruno S., Eva Mattes, Clemens Scheitz

República Federal Alemã, 1977 - 115 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Quatro anos após KASPER HAUSER, Bruno S. volta a ser o *alter ego* de Werner Herzog numa obra sobre segundas oportunidades na terra do Tio Sam. Em Berlim, um alcoólico acabado de sair da prisão procura dar início a uma nova vida em Wisconsin. Mas o “sonho americano” vai transformar-se num “pesadelo” quando decide adquirir uma casa-roulotte e aí viver na companhia de Eva. Filme que marca a ambientação do cinema de Herzog à paisagem americana. Uma das obras-primas do seu período alemão, STROSZEK foi considerado por David Lynch o melhor filme de toda a extensa filmografia herzogiana – culpa talvez da muito discutida “cena da galinha”? Primeira apresentação na Cinemateca.

- ▶ Segunda-feira [22] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [29] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

MILYANG

“Sol Secreto”

de Lee Chang-dong

com Jeon Do-yeon, Song Kang-ho, Lee Dong-yong

Coreia do Sul, 2007 - 122 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Neste drama povoado pelas ideias de luto, graça e “recomeço”, Lee Chang-dong conta a história de uma mulher, interpretada de maneira fulgurante por Jeon Do-yeon (Melhor Atriz no Festival de Cannes de 2007), que se muda com o filho pequeno para uma povoação chamada Miryang, terra natal do seu falecido marido. No lugar da felicidade desejada, que a ajude a superar a perda, esta instável professora de piano encontra tensões várias que culminarão numa tragédia sem nome. Song Kang-ho, conhecido ator sul-coreano em filmes de Bong Joon-ho, por exemplo, interpreta um mecânico desesperadamente à procura de mulher, que vê, por isso, na forasteira uma oportunidade para finalmente poder casar. Lee, também romancista e antigo ministro da Cultura e do Turismo, especializou-se em dramas de grande intensidade e complexidade emocional e moral, tendo, depois de MILYANG, realizado SHI/POESIA e BEONING/EM CHAMAS. Primeira apresentação na Cinemateca. A exhibir em cópia digital.

- ▶ Sexta-feira [26] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

RESSOURCES HUMAINES

Recursos Humanos

de Laurent Cantet

com Jalil Lespert, Jean-Claude Vallod, Chantal Barre

França, Reino Unido, 1999 - 100 min
legendado eletronicamente em português | M/12

O “primeiro dia” num novo emprego marca uma promessa de futuro. Com a sua estreia no formato da longa-metragem, Laurent Cantet (o autor de ENTRE LES MURS/ A TURMA, vencedor da Palma de Ouro em Cannes), aborda as tensões entre patrões e assalariados. Um jovem gestor chega a uma fábrica onde é encarregue de racionalizar a produção, o que vai implicar o despedimento de uma série de trabalhadores, entre eles o seu próprio pai, operário há mais de 30 anos. Um filme onde a luta pelos direitos laborais se funde com os choques geracionais e o caminho imparável do liberalismo socioeconómico.

- ▶ Segunda-feira [29] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [31] 19h30 | Sala Luís de Pina

NIGHT TIDE

de Curtis Harrington

com Dennis Hopper, Linda Lawson, Gavin Muir

Estados Unidos, 1961 - 84 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Thriller psicológico fantástico sobre um marinheiro (o primeiro papel de Dennis Hopper no cinema) que se apaixona por uma mulher que trabalha com um grupo de saltimbanco, interpretando o papel de uma sereia com poderes de adivinhação. Só que Mora (Linda Lawson) é conhecida por dar azar a todos os homens com quem se envolve. O mau-olhado que sobre ela recai leva Johnny a suspeitar que, talvez, Mora não esteja simplesmente a interpretar uma sereia, mas que seja de facto um ser anfíbio habituado a matar os seus amantes nas noites de lua cheia. Um filme de culto fortemente inspirado pelo universo de Edgar Allan Poe.

LIBERDADE

A *Liberdade* é da vanguarda de Jean Vigo e a da luz do Pacífico aos olhos de Murnau; tem o olhar de John Ford, num filme sonhado que a uns fez pensar em Renoir, a outros em Ozu; questiona a acidez da fábula criada do encontro entre Roberto Rossellini e Totò; toma a forma da resistência numa outra fábula, deste século XXI, por Otari Iosseliani, também presente na *Comunidade*, intersetando as “quatro vistas” programadas em sua memória.

- Quinta-feira [01] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Quarta-feira [07] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

DONOVAN'S REEF

A Taberna do Irlandês

de John Ford

com John Wayne, Lee Marvin, Elizabeth Allen,
Cesar Romero, Dorothy Lamour

Estados Unidos, 1964 - 109 min

legendado em espanhol e eletronicamente em português | M/12

Um conto de fadas com o paraíso por cenário e uma bebedeira de amigos por moral. Uma jovem puritana, da aristocracia de Boston, parte para os mares do Sul em busca do pai. A viagem vai mudar toda a sua vida. Um filme da fase final da obra de Ford, a serenidade do olhar e o amor à vida no seu ocaso, o humor esfuziante dos combates entre John Wayne e Lee Marvin e o mais surpreendente Natal que o cinema mostrou. Em filigrana, uma variante de *A Tempestade* de Shakespeare. “Há realizadores que descobrem o mundo, há outros que o inventam. Ford, como a maior parte dos grandes cineastas de Hollywood, pertence à segunda categoria. Àquela onde o cinema é o sonho e não o documento.” (Andrew Sinclair)

- Segunda-feira [05] 19h30 | Sala Luís de Pina
- Quarta-feira [14] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

TABU

Tabu

de Friedrich W. Murnau, Robert Flaherty

com Matahi, Reri, Hitu

Estados Unidos, 1931 - 80 min /

mudo, intertítulos em inglês legendados em português | M/12

O último filme de Murnau, feito em vaga e discutida colaboração com Robert Flaherty. Situado na Polinésia, TABU narra a história trágica em que o amor se confronta com costumes ancestrais. Uma jovem é consagrada aos deuses tornando-se “tabu”. A quebra deste implica a punição. Ao fatalismo e sensualidade junta-se uma poética mítica, numa das grandes obras-primas do cinema. “Fugindo ao seu mundo, a Hollywood e ao *pathos* do cinema alemão dos anos 1920, Murnau viu, de facto, como desejava, a luz do cruzeiro do Sul e das ilhas de Stevenson e Melville (e de Gauguin, e de Matisse...), mas o que se revelou aos seus olhos, ou através deles, foi, ainda e sempre, a presença de um mundo muito mais sombrio, um mundo que está para além daquela luz, o mundo dos não-vivos.” (José Manuel Costa)

- Terça-feira [06] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Segunda-feira [19] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

L'ATALANTE

Atalante

de Jean Vigo

com Jean Dasté, Dita Parlo, Michel Simon

França, 1934 - 89 min / legendado eletronicamente em português | M/12

A única longa-metragem de Jean Vigo foi um filme maldito do qual o autor não pôde controlar a montagem, que a Gaumont retalhou (LE CHALAND QUI PASSE) e que foi alvo de uma história intricada de versões e restauros; tornou-se um filme de culto, elogiado por Henri Langlois como uma obra que culminou a experimentação estética do cinema francês dos anos 1930. É um filme raro, de uma imensa liberdade, que segue o movimento do amor, do desejo, do rio em que voga a embarcação chamada Atalante que as personagens habitam na sequência da ligação matrimonial contraiada no início do filme. No rumo das vanguardas, da poesia cinematográfica, L'ATALANTE é uma obra-prima irredutível a descrições. A apresentar em digital, na versão restaurada em 2017, a mais fiel às intenções do cineasta e do montador em 1934 (com supervisão de Bernard Eisenschitz).

- Quinta-feira [08] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Quarta-feira [14] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

DOV'È LA LIBERTÀ?

Onde Está a Liberdade?

de Roberto Rossellini

com Totò, Vera Molnar, Nyta Dover

Itália, 1953 - 93 min / legendado eletronicamente em português | M/16

A seguir ao negrume e gravidade de EUROPA 51, Rossellini ofereceu a Totò uma fábula que ficou como um dos maiores papéis cinematográficos do grande cómico italiano. Totò é Salvatore, um pobre diabo, que, após cumprir uma pena de prisão, procura adaptar-se à vida em liberdade, encontrando pela frente preconceitos e regras que o frustram, levando-o a tomar consciência de que só na cadeia encontrará a liberdade. Parábola amarga em registo de comédia questionando a essência, ou a possibilidade, de ser livre, DOV'È LA LIBERTÀ? é um ótimo, ainda subestimado, filme de Rossellini. A apresentar em cópia digital.

- Segunda-feira [12] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Sábado [17] 19h30 | Sala Luís de Pina

CHANTRAPAS

Chantrapas

de Otari Iosseliani

com Dato Tarielashvili, Tamuna Karumidze, Fanny Gonin,
Givi Sarchimelidze, Pierre Étaix

França, Geórgia, 2010 - 122 min / legendado em português | M/12

O penúltimo Iosseliani (sem Iosseliani) parte de um argumento de fundo biográfico, ficcionando a história de um realizador georgiano a braços com os temas do exílio e da liberdade artística. *Chantrapas* é uma palavra vinda da aristocracia russa do século XIX que falava francês - *Chantera* / *Cantará* e *Chantera pas* / *Não cantará*, diziam os mestres italianos às crianças que frequentavam aulas de canto. “Mais tarde, *Chantrapas* tornou-se uma palavra comum: os *chantrapas* eram aqueles que ‘não prestavam para nada’, os excluídos. Um pouco como a minha personagem principal, que é censurada na União Soviética, e

menos bem recebida do que estava à espera no Ocidente.” “[CHANTRAPAS] é uma parábola sobre a necessidade de continuarmos a ser nós próprios apesar dos obstáculos à nossa volta. [...] O que eu queria partilhar com o espectador era isto: a felicidade de ser uma pedra, de resistir a tudo.” (Otar Iosseliani)
Também programado em “Quatro Vistas de Otari Iosseliani”.

REVOLUÇÃO



A evocação da revolução e das ideias revolucionárias segue com mais cinco filmes: a Revolução Francesa segundo Renoir (LA MARSEILLAISE), as aventuras de um intelectual europeu no México pós-revolucionário (QUE VIVA MEXICO!), as lutas laborais, e sua repressão, nos Estados Unidos (MATEWAN), a chegada da revolução sexual à classe média (BOB & CAROL & TED & ALICE), e as memórias da Revolução Cultural chinesa em ...ATÉ TOCAR O AZUL DO MAR.

► Sexta-feira [02] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sexta-feira [09] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

LA MARSEILLAISE

de Jean Renoir

com Pierre Renoir, Lisa Delamare, Louis Jouvet

França, 1937 - 135 min / legendado eletronicamente em português | M/12

A Revolução feita pelo povo é o ponto de partida para esta incursão histórica na Revolução Francesa, e na queda da monarquia, que é, no fim de contas, uma reflexão sobre o “presente”: os tempos da Frente Popular que Renoir celebra em vários filmes. A exhibir em cópia digital.

► Sábado [10] 19h30 | Sala Luis de Pina

QUE VIVA MEXICO!

de Sergei M. Eisenstein

com Júlio Saldivara, David Leceaga,
Isabel Villaseñor, Martin Hernandez

México, 1932 - 88 min / legendado em português | M/12

Nunca concluído e apenas existente, em diversas versões, em material que não foi montado por Eisenstein, QUE VIVA MEXICO! é um caso único na História do Cinema. Iniciada em 1930 numa viagem de Eisenstein ao Ocidente e na sua associação ao escritor Upton Sinclair por sugestão de Chaplin, a história da produção do filme é uma saga rocambolesca. Jay Leyda e Zina Voynow chamaram-lhe “o mais grandioso plano de filme de Eisenstein e a sua grande tragédia pessoal”.

► Segunda-feira [12] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Segunda-feira [19] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

BOB & CAROL & TED & ALICE

Bob, Carol, Ted e Alice

de Paul Mazursky

com Natalie Wood, Elliot Gould, Robert Culp, Dyan Cannon

Estados Unidos, 1969 - 105 min / legendado eletronicamente em português | M/16

O primeiro filme de Paul Mazursky, enorme sucesso na época de estreia, representa porventura a passagem da “revolução sexual” dos anos 1960 ao *mainstream*. Ainda que nos modos satíricos que eram habituais em Mazursky, BOB & CAROL & TED & ALICE, com a sua história de casais trocados, ou de um “ménage à quatre”, mostra bem o corte com o puritanismo

da década anterior, e a maneira como uma nova perspectiva sobre a sexualidade começava a chegar às classes médias que nada tinham de *hippie* nem de “revolucionário”. O que era, em si mesmo, algo de revolucionário (sem aspas). A exhibir em cópia digital.

► Sábado [17] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

MATEWAN

O Massacre de Matewan

de John Sayles

com Chris Cooper, James Earl Jones,
Mary McDonnell, Will Oldham

Estados Unidos, 1987 - 133 min / legendado em português | M/12

Baseado na “batalha de Matewan”, as famosas greves da comunidade mineira de Mingo County, que ocorreram nos Estados Unidos nos anos 20, em que os mineiros enfrentaram o patronato com vista à criação de um sindicato que contrariasse a poderosa companhia que brutalmente os subjugava, MATEWAN destaca-se pelo seu elenco impressionante e pelo modo direto como retrata esta dura realidade.

► Quinta-feira [22] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Quarta-feira [28] 19h30 | Sala Luis de Pina

YI ZHI YOU DAO HAI SHUI BIAN LA

... Até Tocar o Azul do Mar

de Jia Zhangke

China, 2020 - 112 min / legendado em português | M/12

Mais conhecido pelo título internacional SWIMMING OUT TILL THE SEA TURNS BLUE, é o mais recente filme de Jia Zhangke. Adotando um registo documental estrito, o filme aproveita um encontro de escritores num festival literário algures na China para ouvir as suas memórias de algumas épocas nevrálgicas da História chinesa, como o tempo da Revolução Cultural. Para além de tudo o que tem de específico, transforma-se numa reflexão sobre o lugar e o papel dos intelectuais em tempos de revolução.

COMUNIDADE

No eixo *Comunidade* saúda-se o plural: os filmes de fevereiro trazem comunidades migrantes, microcosmos de bairro, em Nova Iorque ou em Tóquio, famílias-comunidade, comunidades artísticas. Dito de outra maneira, cinema pioneiro, clássico, moderno, de quatro cantos do mundo.

► Quinta-feira [01] 19h30 | Sala Luís de Pina

► Segunda-feira [05] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

BEND OF THE RIVER

Jornada de Heróis

de Anthony Mann

com James Stewart, Arthur Kennedy,
Rock Hudson, Julie Adams

Estados Unidos, 1952 - 90 min

legendado em espanhol e eletronicamente em português | M/12

Segundo dos cinco magníficos *westerns* com James Stewart realizados por Anthony Mann, BEND OF THE RIVER foi o primeiro filmado a cores. É um dos muitos títulos que narram a instalação de colonos brancos numa cidade fundada ao cabo de uma travessia de território por explorar, mas seguindo menos uma história de conquista do Oeste e violência contra os índios do que a narrativa de um grupo de famílias em circunstâncias pioneiras. Como é costume nos *westerns* de Mann, o herói não é super-homem nem santo, mas falível e alguém com um passado duvidoso: James Stewart é o chefe da caravana de colonos que se instala no Oregon, mas a descoberta de ouro na região desencadeia ambições criminosas e o paraíso transforma-se num inferno. O desenlace é um ajuste de contas que permite ao protagonista enterrar o passado.

► Sexta-feira [09] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sábado [24] 19h30 | Sala Luís de Pina

GINZA NO ONNA

Mulheres de Ginza

de Kozaburo Yoshimura

com Yukiko Todoroki, Nobuko Otowa, Sumiko Hidaka,
Sumiko Minami, Fumiko Shimada, Mie Kitahara,
Murasaki Fujima, Ken Hasebe

Japão, 1955 - 109 min / legendado em português | M/12

GINZA NO ONNA pertence ao período mais fértil da filmografia de Kozaburo Yoshimura (1911-2000), que começou nos estúdios japoneses, como assistente, em 1929, e como realizador protagonizou uma travessia que ronda as cinco dezenas de títulos até 1974. Drama do pós-guerra aberto a outros laivos de género, retrato de uma casa de gueixas em Ginza (bairro abastado de Tóquio muito presente no cinema japonês dos anos 1950), é um filme concentrado em cinco personagens de mulheres que formam uma comunidade laboral de sobreviventes na qual se refletem lucidez e ilusão, o embate com a sociedade e o momento de socorro, um mundo em mudança, a natureza humana. "Uma comédia de enganos corrosiva onde ao riso sucede o ranger de dentes [...] leve só em aparência, centrifugador. Um cinema da cidade, um cinema voraz." (Miguel Patrício, no texto que acompanhou a estreia portuguesa do filme em 2021). Primeira apresentação na Cinemateca, em cópia digital.

► Quinta-feira [15] 18h00 | Sala Luís de Pina

LOST, LOST, LOST

de Jonas Mekas

Estados Unidos, 1976 - 178 min / legendado eletronicamente em português | M/12

O diário filmado com o qual o lituano Jonas Mekas (1922-2019) documenta os anos 1949-1963 conta as histórias de desapego e pertença que acompanharam a sua chegada aos EUA, e a vida de exílio que aí levou, ao lado do irmão Adolfas, integrando-se na comunidade artística da baixa de Nova Iorque das décadas de 1950 e 60. "Lido, nestas seis bobines, com um período de desespero, de tentativas desesperadas para lançar raízes em terra nova, de construir novas memórias. Nestas dolorosas seis bobines tentei sinalizar qual é a sensação de alguém no exílio, tal como a senti nesses anos. Descrevem o estado de espírito de uma Pessoa Deslocada que ainda não esqueceu o seu país de origem, mas que ainda não conquistou um novo país. A sexta bobine é uma bobine de transição em que começamos a ver alguma descontração, em que eu comecei a vislumbrar momentos de felicidade. A nova vida começa..." (Jonas Mekas). Primeira apresentação na Cinemateca.

► Sexta-feira [16] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sexta-feira [23] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

PASTORALI

Pastoral

de Otar Iosseliani

com Rezo Charkhalashvili, Lia Tokhadze-Giugheli,
Marina Kartsivadze, Támara Gabarashvili

Geórgia, 1975 - 98 min

legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

Do período georgiano de Otar Iosseliani e antecedendo a inflexão francesa da sua filmografia, PASTORALI é a sua terceira longa-metragem e a última soviética, após "FOLHAS CAÍDAS" e "ERA UMA VEZ UM MELRO CANTOR" (1966/70). Polifónico, musical no sentido da anterior curta "VELHAS CANÇÕES GEORGIANAS" (1969), constrói-se à volta da vida quotidiana numa aldeia remota da Geórgia, onde a dado passo se instala um grupo de músicos para ensaiar um quarteto. "O filme de Iosseliani tem qualquer coisa de projeto etnológico; demolindo a velha ideia de contar uma história, conta mais histórias do que aquelas que o cinema contemporâneo contém, e multiplica-as pela força documental, ou seja, dirige-se ao espectador de amanhã" (Bernard Eisenschitz). A apresentar em cópia digital. Também programado em "Quatro Vistas de Otar Iosseliani".

► Quarta-feira [21] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Quinta-feira [29] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE MUSKETEERS OF PIG ALLEY

de D.W. Griffith

com Lillian Gish, Elmer Booth,

Walter Miller, Alfred Paget, Harry Carey

Estados Unidos, 1912 - 17 min

mudo, legendado eletronicamente em português

ON THE BOWERY

de Lionel Rogosin

com Gorman Hendricks, Frank Matthews, Ray Salyer

Estados Unidos, 1956 - 65 min / legendado eletronicamente em português

duração total da sessão: 82 min | M/12

No centro da sessão, as comunidades trabalhadoras, tradicionalmente imigrantes que, na passagem dos séculos XIX e XX encontraram refúgio no bairro histórico de Manhattan conhecido como Lower East Side (LES). Retrato da cidade pobre que vive paredes-meias com a violência, THE MUSKETEERS OF PIG ALLEY foi rodado nos cenários reais das ruas do LES nova-iorquino e evoca as séries de fotografias de Jacob Riis, renunciando aspectos da sequência moderna de INTOLERANCE. Da primeira fase da fértil filmografia Biograph de Griffith, iniciada em NY, em 1908, é um título exemplar das suas experimentações formais (coescrito por ele e Anita Loos, com fotografia de Billy Bitzer). ON THE BOWERY é um clássico do cinema independente americano. Foi a primeira obra de Lionel Rogosin, que mergulhou no bairro do Bowery, contíguo a LES, durante seis meses para lhe sentir o pulso, os ritmos, conhecer os habitantes. Depois filmou-os, sem condescendência e incandescentes, tomando os ensinamentos de Flaherty, a inspiração no neorealismo italiano e em THE QUIET ONE, de Sidney Meyers, mas também em Weegee ou Jacob Riis. ON THE BOWERY dá a ver Nova Iorque como nunca antes no cinema. "Um estudo pessoal em grande plano dos mais negros recantos

da sociedade e um trabalho crucial do realismo americano (John Cassavetes, Shirley Clarke, Robert Frank e Kent MacKenzie devem-lhe todos alguma coisa)" (Michael Joshua Rowin). ON THE BOWERY é apresentado em cópia digital.

► Sexta-feira [23] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

NÓS POR CÁ TODOS BEM

de Fernando Lopes

com Zita Duarte, Wanda França, Adelaide João,

Fernando Barradas, Lia Gama, Paula Guedes

Portugal, 1978 - 80 min | M/12

Longe do "cinema militante" e mais perto do que se pode designar por "cinema etnográfico", a terceira longa-metragem de Fernando Lopes elege o lugar da Várzea dos Amarelos, na Beira Litoral, e os seus habitantes: um documento sobre a vida na Várzea, uma entrevista com a mãe do realizador, um registo da realização do filme. Duas comunidades num encontro de cinema. E também uma forma de notar os "ecos da revolução" na sociedade portuguesa, fora da cidade, depois do 25 de Abril de 1974. NÓS POR CÁ TODOS BEM é uma produção do Centro Português de Cinema, inserindo-se no projeto coletivo do Museu da Imagem e do Som, que também deu lugar a TRÁS-OS-MONTES de António Reis e Margarida Cordeiro, MÁSCARAS de Noémia Delgado e FALAMOS DE RIO D'ONOR de António Campos.

FUTURO

A obra-prima de Spike Lee, realizada no rescaldo do ataque às Torres Gémeas, em 11 de Setembro de 2001, lança o mote para este momento específico do eixo Futuro: como projetar ou dar a sentir o tempo que ainda não foi? O que é que a "vigésima quinta hora" nos reserva? O que é que de passado tem o futuro? Como precipitá-lo na ação ou imaginá-lo durante o "grande sono" do cinema?

► Quinta-feira [15] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Quarta-feira [21] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

ZUI HAO DE SHI GUANG

Três Tempos

de Hou Hsiao-Hsien

com Qi Shu, Chen Chang, Fang Mei, Shu-Chen Liao

França, Taiwan, 2005 - 132 min

legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

Três histórias de amor, três períodos - 1966, 1911 e 2005 - e dois atores, Qi Shu e Chen Chang, interpretando os protagonistas. O filme é na sua integralidade do grande realizador taiwanês Hou Hsiao-Hsien, um "mestre do tempo", como lhe chamou J. Hoberman, que aqui reflete sobre a comunicação ou falta dela na relação entre homem e mulher. A mais surpreendente é a história do meio, "Um Tempo para a Liberdade", encenada como se fosse um filme mudo, usando-se intertítulos em vez de diálogos falados. Mas o último episódio, "Um Tempo para a Juventude", "tem talvez a proposição política mais complexa, (...) porque resulta muito mais ambigua (mas também muito mais, digamos, esperançosa, mesmo que a *contrário*) a ideia de oferecer o tempo da época contemporânea ao tempo da juventude" (Luís Miguel Oliveira).

► Sexta-feira [16] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Quarta-feira [28] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

25TH HOUR

A Última Hora

de Spike Lee

com Edward Norton, Philip Seymour Hoffman, Barry Pepper, Rosario Dawson, Anna Paquin, Brian Cox

Estados Unidos, 2002 - 135 min / legendado em português | M/12

Talvez o melhor filme de Spike Lee, adaptado do romance de David Benioff, 25TH HOUR conta-nos as 24 horas de um *dealer* condenado a uma pena de cadeia, que antecede a sua entrada na prisão. Uma espécie de despedida de uma forma de vida e dos amigos, um ajuste de contas consigo próprio e o medo de um futuro incerto. Sobre o seu comovente desenlace, escreveu Luís Miguel Oliveira na respetiva Folha de Sala: "nesse final (imaginado? Sonhado? Antecipado? Retrospetivado?) aponta-se para uma resolução do conflito central do filme de Spike Lee: a vigésima quinta hora é exatamente isso, uma hora a mais, um privilégio - a hipótese de recomeçar outra vez". A exhibir em cópia digital.

► **Sábado [17] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

THE THREE AGES

de Buster Keaton, Edward F. Cline
com Buster Keaton, Blanche Payson,
Margaret Leahy, Wallace Beery

Estados Unidos, 1923 - 63 min / mudo, intertítulos em inglês legendados eletronicamente em português | M/6

SESSÃO ACOMPANHADA AO PIANO
POR CATHERINE MORISSEAU

THE THREE AGES é a primeira longa-metragem de Keaton, que queria realizar longas há muito tempo, mas só foi autorizado a fazê-lo depois de Chaplin ter realizado as suas primeiras longas, que tiveram êxito comercial. O filme é uma hilariante paródia de INTOLERANCE, de Griffith, que mistura quatro histórias situadas em épocas diferentes e narradas em simultâneo. Buster Keaton queria que Constance Talmadge, uma das protagonistas de INTOLERANCE, fizesse o papel da mulher, mas não o conseguiu. THE THREE AGES situa-se em três épocas diferentes: a Idade da Pedra, a Antiguidade Romana e o período contemporâneo do filme. Nos três episódios, Buster Keaton e o seu rival, Wallace Beery, tentam conquistar as graças da “mesma” mulher. Buster acaba sempre por levar a melhor. *O filme está programado numa sessão Cinemateca Júnior - Sábados em Família. A exhibir em cópia digital.*

► **Sábado [17] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

INTOLERANCE

Intolerância

de D.W. Griffith
com Lillian Gish, Mae Marsh, Robert Harron,
Howard Gaye, Margery Wilson, Constance Talmadge

Estados Unidos, 1916 - 167 min /mudo, intertítulos em inglês legendados eletronicamente em português | M/6

Filmado como resposta aos que acusavam o reacionarismo do anterior THE BIRTH OF A NATION, INTOLERANCE foi a todos os níveis um desafio para Griffith, ficando para a história do cinema como um dos seus títulos maiores. Partindo da ideia de uma história contemporânea (“The Mother and the Law”, que foi também o título de trabalho do filme), o projeto evoluiu para uma ambiciosa narrativa em quatro andamentos: quatro histórias que decorrem em épocas diferentes (episódio moderno; episódio bíblico; episódio medieval e episódio babilónico), intercalam-se e progridem ao mesmo nível até atingirem o clímax. Além da complexidade narrativa, das experiências e inovações ao nível das filmagens, os grandiosos cenários marcaram todo o cinema de reconstituição histórica do futuro. A exhibir em cópia digital e na versão musicada por Carl Davis.

► **Terça-feira [20] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

► **Terça-feira [27] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

PRZYPADEK

“O Acaso”

de Krzysztof Kieślowski
com Bogusław Linda, Tadeusz Łomnicki, Zbigniew Zapasiewicz

Polónia, 1987 - 104 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Realizado dois anos antes de DEKALOG, que consagraria Kieślowski ao nível mundial, PRZYPADEK é um filme relativamente pouco visto do realizador. Mostra três direções possíveis que a vida do protagonista podia ter tomado, todas graças ao acaso. Segundo os encontros que faz, o protagonista entra em meios diferentes, tornando-se membro do Partido ou, pelo contrário, um dissidente ou um indivíduo apolítico. “Quando Witek corre na estação para apanhar ou perder o seu comboio, nada deixa adivinhar o que vai acontecer, os encontros que fará Witek. No entanto, os ‘Possíveis’ são sempre tratados com o realismo mais estrito e são sempre credíveis”, escreveu Hubert Niogret para a *Positif*. A exhibir em cópia digital.



LIBERDADE

A nós a liberdade como no título do filme de René Clair. Em cruzamento com o burlesco hollywoodiano e o lirismo de um dia de folga nos mesmo finais de anos 1920 europeus; um movimento de *travelling* pioneiro e uma personagem de comédia lusitana ribeirinha; uma fuga para a desilusão humanista.

► Sexta-feira [01] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Terça-feira [26] 19h30 | Sala Luis de Pina

À NOUS LA LIBERTÉ

de René Clair

com Henri Marchand, Raymond Cordy, Germaine Aussey,
France Rolla, Paul Ollivier

França, 1931 - 83 min / legendado eletronicamente em português | M/12

É um filme culto dos anos 1930 franceses, prosseguidos por René Clair depois de integrar o primeiro movimento de vanguarda da década anterior. A história segue dois companheiros de cela que se reencontram anos mais tarde, depois de uma fuga da prisão e de uma pena cumprida: Louis é um industrial de sucesso e Émile um vagabundo. As peripécias com a polícia continuam, a fábrica de fonógrafos de Louis é cenário e motivo de boa parte da série de achados visuais e sonoros do filme. Como os anteriores SOUS LES TOITS DE PARIS e LE MILLION, À NOUS LA LIBERTÉ é um portento de experimentação com as possibilidades do som, em época de transição mudo-sonoro, e da direção artística (de Lazare Meerson) que, por exemplo, aproxima os cenários - e por aí as ideias - da prisão e da fábrica. De espírito anárquico, criatividade experimental, humor de lucidez satírica, é um filme aproximável de TEMPOS MODERNOS de Chaplin (1936) com o qual, de resto, manteve uma polémica de época. A apresentar em cópia digital.

► Sábado [09] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PANORAMA DU GRAND CANAL PRIS D'UN BATEAU

vista Lumière n° 295

França, 1896 - 1 min / mudo, sem intertítulos

RECORDAÇÕES DA CASA AMARELA

de João César Monteiro

com João César Monteiro, Manuela de Freitas,
Teresa Calado, Luís Miguel Cintra, Ruy Furtado,
Henrique Viana, Sabina Sacchi

Portugal, 1989 - 119 min

duração total da projeção: 120 min | M/16

RECORDAÇÕES DA CASA AMARELA, "uma comédia lusitana", marca o nascimento de João de Deus, personagem cáustica e poética que só João César Monteiro poderia interpretar. À primeira vez, saído de um manicómio para divagar diletante por Lisboa e "dar-lhes trabalho", João de Deus encanta-se com uma menina que toca clarinete, passa uma noite de amor sob o olhar de Stroheim em imagem pregada na parede da cama da pensão e transfigura-se em criatura das trevas como Nosferatu no fim do filme. O primeiro título da "trilogia de Deus", que prossegue na COMÉDIA e nas BODAS, tem, nesta sessão, a companhia da vista n° 295 do catálogo Lumière, captada em Veneza por Alexandre Promio, um dos operadores enviados mundo fora pelos irmãos pioneiros, para captarem "vistas animadas". Tida como um primeiro *travelling* lateral, esta vista resulta da câmara instalada a bordo de uma góndola, que a imagem não mostra, seguindo o seu movimento no movimento do Grande Canal. É um dos primeiros "Panoramas Lumière" e celebra a quebra da fixidez e da estabilidade das vistas do cinematógrafo no século XIX (a apresentar em cópia digital).

► Segunda-feira [11] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sábado [23] 19h30 | Sala Luis de Pina

LE CAPORAL ÉPINGLÉ

O Cabo de Guerra

de Jean Renoir

com Jean-Pierre Cassel, Claude Brasseur, Claude Rich

França, 1962 - 105 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um par de LA GRANDE ILLUSION (1937), a face negra da sensualidade luminosa de LE DÉJEUNER SUR L'HERBE (1959). LE CAPORAL ÉPINGLÉ é o "filme austriaco" de Jean Renoir, o último que filmou para cinema, em Paris e Viena, a partir de um romance de Jacques Perret (1947, sugerido por Charles Spaak, argumentista de LA GRANDE ILLUSION), a preto e branco, como um filme da desilusão. Uma "comédia de costumes" ambientada num campo de prisioneiros alemão na Segunda Guerra, do qual o protagonista ensaia repetidamente uma fuga por cuja tentativa é repetidamente castigado. "Aqui, Renoir afasta-se da dialética da classe e da nacionalidade para se interrogar sobre o próprio conceito de liberdade." (Jean François Rauger) "Ai está ela, sem ilusões, a vida no que tem de fecundo e na linguagem do amor que não precisa de intérpretes." (Manuel Cintra Ferreira) Foi o filme em que Paulo Rocha foi estagiário de Jean Renoir. A apresentar em cópia digital.

► Quinta-feira [28] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

LIBERTY

de Leo McCarey

com Stan Laurel, Oliver Hardy, Tom Kennedy, Sam Lufkin

Estados Unidos, 1929 - 20 min / mudo, intertítulos em inglês legendados eletronicamente em português

MENSCHEN AM SONNTAG

"Gente ao Domingo"

de Curt e Robert Siodmak, Edgar G. Ulmer,
Fred Zinnemann

com Erwin Splettstosser, Brigitte Borchert

Alemanha, 1929 - 74 min / mudo, intertítulos em alemão legendados em inglês e eletronicamente em português

duração total da projeção: 94 min | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR DANIEL SCHVETZ

Dois títulos de 1929, vindos de Hollywood e da República de Weimar. LIBERTY de Leo McCarey, com Laurel & Hardy, vulgo Bucha e Estica, segue as personagens recém-fugidas da prisão num carro onde trocaram inadvertidamente de calças. É o *gag* do filme, perseguido à exaustão e que segue para as alturas de uns andaimes com vista sobre o precipício da cidade. MENSCHEN AM SONNTAG, "um filme de e para amadores", é o célebre filme cooperativo que revelou uma série de nomes de que a história do cinema iria guardar boa memória - além dos citados como realizadores, ainda Billy Wilder (no argumento) e Eugen Schüftan (na fotografia). Rodado com atores amadores ao longo de uma sucessão de domingos, segue as vidas de um punhado de berlinenses. A despreocupação e o lazer contrastam com as sombras perfiladas no horizonte, num filme que é um extraordinário documento sobre a "vida normal" na Berlim do final da década de vinte, uma obra seminal realizada no espírito da República de Weimar que influenciaria gerações de cineastas em todo o mundo. LIBERTY é apresentado em cópia digital.

REVOLUÇÃO



Quatro grandes momentos para evocar a Revolução e o espírito revolucionário. Um monumento de Griffith sobre a Revolução Francesa, ORPHANS OF THE STORM, um dos seus filmes mais ambiciosos, que implicou uma reconstituição fabulosa de Paris e de Versalhes nos seus estúdios de Mamaroneck; o canto do cisne de Dziga Vertov, uma fabulosa e lírica elegia de Lenine que também significou o fim do cinema soviético (realmente) revolucionário; um dos filmes mais bizarros de Glauber Rocha, DER LEONE HAVE SEPT CABEZAS, filmado no Congo, fábula quase burlesca sobre os imperialismos e colonialismos universais; e UNDERGROUND, onde um trio de realizadores perscruta o célebre movimento Weather Underground, uma das mais importantes organizações esquerdistas clandestinas da América dos anos 1960 e 1970.

► Sexta-feira [01] 19h30 | Sala Luís de Pina

DER LEONE HAVE SEPT CABEZAS

de Glauber Rocha

com Jean-Pierre Léaud, Gabriele Tinti, Rada Rassimov

Itália, França, 1970 - 98 min / legendado em português | M/12

Coprodução italo-francesa filmada no Congo Brazzaville, a atual República Popular do Congo, DER LEONE HAVE SEPT CABEZAS foi o primeiro dos quatro filmes que Glauber Rocha realizou durante os seus sete anos de exílio. O título poliglota (com um notável erro de inglês) entende sublinhar a vastidão do conflito colonial. A dramaturgia é extremamente rarefeita e didática, com personagens deliberadamente esquemáticos: um casal loiro que representa o imperialismo americano, um guerrilheiro latino-americano, um português, um padre europeu, africanos cúmplices e africanos revolucionários.

► Quarta-feira [20] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

TRI PESNI O LENINE

"Três Canções sobre Lenine"

de Dziga Vertov

URSS, 1934 - 61 min / intertítulos em russo, legendados eletronicamente em português - versão sonora | M/12

Em 1922, Vertov, no auge do fervor revolucionário, inaugurou a famosa série dos Kino-Pravda (vinte e três "jornais de actualidades", estreados entre 1922 e 1925). "Captar a vida tal como ela é", "agarrá-la de improviso", "ignorar os actores", "recusar os estúdios". Mas este programa, a que Maiakovski também aderiu, começou a ser combatido pelo Partido precisamente no ano fatídico de 1926, o ano em que Estaline confirmou o seu poder e em que Trotski e Kamenev foram expulsos do Comité Central. Vertov procurou alguma liberdade na Ucrânia mas não mais o largaram as acusações de formalismo. TRÊS CANÇÕES SOBRE LENINE foi o apogeu e o fim da sua carreira. Deram-lhe a Ordem da Bandeira Vermelha, mas impuseram-lhe o ostracismo. Se uniu o cinema à rádio e o olhar ao ouvido, como alguns disseram, não o deixaram mais nem ver nem ouvir. Ficou um grande clássico do cinema, mas também um filme maldito.

► Sexta-feira [22] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

UNDERGROUND

de Emile de Antonio, Mary Lampson e Haskell Wexler

Estados Unidos, 1976 - 87 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Um documento precioso sobre o Weather Underground, a mais célebre associação revolucionária americana nas décadas de 1960 e 1970, e que, da clandestinidade, animou uma série de combates políticos fulcrais naqueles anos, do movimento pelos direitos civis à contestação da guerra do Vietname. O trio de realizadores, que pagou o filme do seu próprio bolso (ninguém mais o queria produzir), encontrou-se com militantes do Weather Underground, que aceitaram ser filmados na condição de não voltarem a ser contactados pelos cineastas. De Antonio, Lampson e Wexler sofreram de seguida enormes pressões do FBI, que ameaçou confiscar o material como chantagem para que os realizadores denunciassem os nomes e os contactos dos indivíduos presentes no filme - mas, sendo os anos 70 o que foram, rapidamente vários nomes sonantes da "ala liberal" de Hollywood se solidarizaram com eles, obrigando o FBI a baixar a guarda. UNDERGROUND é um testemunho fundamental de uma história muito poucas vezes contada, ainda hoje.

► Sábado [23] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

ORPHANS OF THE STORM

As Duas Órfãs

de David Wark Griffith

com Lillian Gish, Dorothy Gish, Joseph Schildkraut,
Frank Losee, Morgan Wallace

Estados Unidos, 1921 - 160 min / mudo, intertítulos em inglês legendados eletronicamente em português | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO

Ambiciosa produção histórica com a Revolução Francesa em pano de fundo, e as irmãs Gish como protagonistas da história individual e intimista que com aquela se cruza. O Palácio Real, Notre Dame, Versalhes e a Bastilha são recriados nos estúdios de D. W. Griffith em Mamaroneck. Um filme singular em que se encontram todos os temas de Griffith e o ritmo que foi só dele.

COMUNIDADE

Em território português, comunidades filmadas por Manoel de Oliveira (nos anos 1960), Noémia Delgado (nos anos 1970), Pedro Costa (2000), pelos lados nortenhos de Trás-os-Montes e no bairro dos subúrbios lisboetas das Fontainhas à beira da demolição. O núcleo dedicado à *Comunidade* em março acrescenta, às obras ímpares destes três cineastas, dois títulos do cinema americano de Hollywood nos *fifties*, por Richard Fleischer, e da cena artística de Nova Iorque nos *sixties*.

► Sexta-feira [08] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

MÁSCARAS

de Noémia Delgado

Portugal, 1976 - 111 min | M/12

Noémia Delgado rodou MÁSCARAS entre o Natal de 1974 e a Quarta-Feira de Cinzas de 1975 em Varge, Grijó da Parada, Bemposta, Podence, Rio de Onor e Bragança. Centrando-se nos caretos tradicionais de Trás-os-Montes, o filme regista os rituais seculares do "Ciclo de inverno", associados ao solstício e à iniciação à idade adulta. Ao registar um conjunto de tradições, cujo significado e rigor na representação estavam a diluir-se no tempo, reencenando mesmo algumas delas, Noémia Delgado faz muito pela recuperação e revitalização dessas mesmas tradições das "terras de feição ainda arcaizante do nordeste trasmontano", como afirma a voz de Alexandre O'Neill. A sessão *está simultaneamente programada na rubrica "Com a Linha de Sombra" assinalando o lançamento da edição DVD do filme, a apresentar em cópia digital.*

► Sábado [09] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

VIOLENT SATURDAY

Sábado Trágico

de Richard Fleischer

com Victor Mature, Richard Egan, Stephen McNally, Virginia Leith, Tommy Noonan, Lee Marvin, Sylvia Sidney

Estados Unidos, 1955 - 91 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um notável e algo subestimado *noir* em Technicolor CinemaScope de Fleischer com um elenco de primeira linha, a partir de um argumento de Sydney Boehm (argumentista de THE BIG HEAT de Lang ou THE TALL MEN e THE REVOLT OF MAMIE STOVER de Walsh): uma pequena comunidade do Arizona, dominada por uma mina de cobre, é abalada pela preparação de um assalto ao banco. A ação decorre em trinta e seis horas, expondo a corrupção da cidade, os três bandidos recém-chegados, os dramas paralelos de alguns habitantes, entre os quais o dono da mina, um banqueiro-voyeur frustrado, um casal em crise, um ex-combatente de guerra julgado cobarde pelo filho, uma bibliotecária envelhecida que procura um empréstimo. A coreografia dos planos, a orquestração das múltiplas personagens, a progressão do conflito rumo ao "sábado violento", fazem do filme "uma obra-prima que reflete as tensões sob a conformidade dos anos Eisenhower" (Philip French). Numa crítica de época, Jacques Rivette notou o essencial, a *mise-en-scène* de Fleischer.

► Sábado [16] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

NO QUARTO DA VANDA

de Pedro Costa

com Vanda Duarte, Zita Duarte

Portugal, 2000 - 177 min | M/18

Uma extraordinária experiência de cinema, absolutamente ímpar no panorama do cinema mundial. Reencontro com lugares e personagens de OSSOS (em especial a protagonista, Vanda Duarte) e captando uma comunidade em perda, com o desmantelamento iminente do Bairro das Fontainhas, NO QUARTO DA VANDA foge da ficção tanto quanto foge do documentário para se instalar num território inventado por si, feito de luz, de carne e de pedra. Foi também o filme em que Pedro Costa reinventou a sua maneira de estar no cinema, filmando pela primeira vez em digital e, praticamente, sozinho. "Do Quarto da Vanda não se sai mais. Como já disse: o século XXI abriu com NO QUARTO DA VANDA. 'Não há remédio: não podemos deixar de ver.' 'Jamais poderemos deixar de ver.'" (João Bénard da Costa) A apresentar em cópia digital.

► Segunda-feira [18] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

NORMAL LOVE

de Jack Smith

com Mario Montez, Diana Baccus, David Sachs, Angus

MacLise, Francis Francine, Beverly Grant, Tony Conrad

Estados Unidos, 1963 - 120 min / legendado eletronicamente em português | M/14

Depois do seu mais célebre título no cinema, o caleidoscópico FLAMING CREATURES (apresentado em janeiro no eixo *Revolução*), e do escândalo causado, Jack Smith filmou NORMAL LOVE em 16 mm, cor, em boa parte no verão e no outono de 1963, no campo, com intenções supostamente mais "convencionais". Prosseguindo o trabalho artístico de Smith na vanguarda nova-iorquina dos anos 1960, o filme começou a ser projetado em fragmentos, em 1964, assumindo uma forma inacabada e performativa. Vagamente baseado em filmes de terror dos anos 1930 e 40 e na paixão de Smith pela atriz Maria Montez, NORMAL LOVE foi referido por tópicos por Jonas Mekas: "Rubens, Mil e Uma Noites. Mestres chineses. Monet." Citando-o, J. Hoberman continua: "De facto, NORMAL LOVE sugere uma fusão pastoral em tons pastel de FRANKENSTEIN MEETS THE WOLF MAN, I WALKED WITH A ZOMBIE, THE MUMMY'S HAND e SPIDER WOMAN". Primeira apresentação na Cinemateca.

► Terça-feira [26] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

A CAÇA

de Manoel de Oliveira

Portugal, 1963 - 21 min

ACTO DA PRIMAVERA

de Manoel de Oliveira

com habitantes da aldeia da Curalha

Portugal, 1962 - 90 min

duração total da projeção: 111 min | M/12

A sessão reúne os dois títulos que, no início dos anos 1960, configuraram a modernidade do cinema de Manoel de Oliveira,

duas das suas obras-primas absolutas. A CAÇA tem uma concisão e uma força direta um tanto raras no seu cinema. Esta poderosa alegoria sobre o destino humano em forma semidocumental, que alguns defendem ser o mais buñueliano dos filmes de Oliveira, teve problemas com a censura salazarista, levando-o a filmar um desenlace optimista. A apresentar na versão que inclui os dois finais, como é regra nas últimas décadas. ACTO DA PRIMAVERA fixa uma representação popular da Paixão de Cristo numa aldeia de Trás-os-Montes, e mostra também, de forma magistral, a impercetível passagem do quotidiano à representação do sagrado e o regresso ao quotidiano, confundindo o ritual com a representação.

FUTURO

Em março, o eixo *Futuro* é feito sob o signo do azar: sente-se a vertigem da numerologia, saboreia-se um bolo malfadado, revisitam-se os mitos cabalísticos, confunde-se mediunidade com charlatanice e sofrem-se os ditames de um oráculo robotizado. É o futuro entendido como conspiração do passado, para martírio do presente.

► Sábado [02] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Terça-feira [05] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE MINISTRY OF FEAR

Prisioneiros do Terror

de Fritz Lang

com Ray Milland, Marjorie Reynolds,
Carl Esmond, Hillary Brooke

EUA, 1944 - 85 min / legendado eletronicamente em português | M/12

A partir de uma novela de Graham Greene, Fritz Lang teceu outra das suas intrincadas teias, numa intriga de *suspense* que tem por cenário a Segunda Guerra Mundial e a "quinta coluna" dos agentes nazis infiltrados na Grã-Bretanha. Jogo do destino (como todas as personagens de Lang), Ray Milland ganha numa feira um bolo que era destinado a um agente do Eixo, tornando-se alvo de uma perseguição de que não percebe, durante muito tempo, o sentido. Sorte ou azar: são os sorrisos do provir.

► Terça-feira [12] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PI

de Darren Aronofsky

com Sean Gullette, Mark Margolis,
Pamela Hart, Abraham Aronofsky

EUA, 1998 - 84 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Darren Aronofsky (o realizador de *CISNE NEGRO*, *O WRESTLER* ou *A VIDA NÃO É UM SONHO*) lançou-se no cinema - ele que havia estudado Antropologia - com *PI*. Realizado com um orçamento ínfimo, este é um filme que nos lança numa viagem alucinada (fortemente inspirada por David Lynch) pela mente de um matemático obcecado em descobrir o padrão numérico por trás das flutuações da bolsa de Wall Street (enquanto é pressionado por empresas misteriosas e seitas ocultistas). Pode a numerologia decodificar os padrões da natureza e antecipar o futuro? Primeira apresentação na Cinemateca.

► Sexta-feira [15] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Quinta-feira [21] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

A SERIOUS MAN

Um Homem Sério

de Joel e Ethan Coen

com Michael Stuhlbarg, Aaron Wolf,
Sari Lennick, Richard Kind

EUA, 2009 - 105 min / legendado em português | M/12

Depois de terem ganho o prémio máximo da indústria de Hollywood (o Oscar) pelo seu filme *ESTE PAÍS NÃO É PARA VELHOS*, os irmãos Coen resolveram lançar-se naquele que é, talvez, o mais inusitado dos seus filmes, *A SERIOUS MAN*, revisitação cabalística da história bíblica de Job transformada numa comédia negra de azares sobre a vida suburbana. O professor de Física Aplicada Larry Gopnik é um "homem sério" e tem a vida toda organizada, até que, um por um, vai assistindo ao desmoronar do seu "império". É impossível velejar contra os ventos do destino. Primeira apresentação na Cinemateca.



Depois da interrupção de abril e maio com uma programação reforçada dedicada aos 50 anos do 25 de Abril, prosseguimos o programa lançado em janeiro pela Cinemateca para acompanhar essas comemorações ao longo de 2024 com mais uma vintena de filmes distribuídos pelos quatro eixos temáticos desta celebração: Liberdade, Revolução, Comunidade e Futuro.

LIBERDADE

Oeixo *liberdade* regressa em junho com Chaplin e a liberdade de movimentos do vagabundo Charlot (uma sessão que cruza a programação Júnior) e do andarilho Robert Kramer, num filme americano anterior à incursão portuguesa que, na sua obra, acompanhou a revolução de 1974; com a liberdade experimental de Marcel Duchamp, Man Ray, Maya Deren, Kenneth Anger e o olhar livre de Peter von Bagh no filme-montagem SOCIALISMO.

- **Sábado [08] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro**
Cinemateca Júnior
- **Sexta-feira [28] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

THE KID

O Garoto de Charlot

de Charles Chaplin

com Charles Chaplin, Jackie Coogan, Edna Purviance,
Charles Reisner, Lita Grey

Estados Unidos, 1921 - 68 min / mudo (versão musicada por Chaplin)
com intertítulos em inglês e legendado eletronicamente em português | M/6

Primeira longa-metragem de Chaplin após as centenas de títulos de formato curto que o popularizaram, mistura de burlesco e *pathos* (o sonho do paraíso, a criança abandonada), THE KID é um filme prodigioso, e hoje uma obra-prima da História do cinema. No papel do Vagabundo, Chaplin cuida da personagem do Garoto (que revelou Jackie Coogan lançando a moda dos "meninos-prodígios"), que toma por órfão e com quem estabelece uma ligação de compaixão e companheirismo na liberdade do sonho e das ruas da cidade. "Um filme com um sorriso - e, talvez, uma lágrima." A apresentar em cópia digital. *A projeção de dia 8 é uma sessão Cinemateca Júnior.*

- **Quinta-feira [20] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

THE WITCH'S CRADLE

de Maya Deren

com Marcel Duchamp, Pajorita Matta

Estados Unidos, 1943 - 12 min / mudo, sem intertítulos

ANÉMIC CINEMA

de Marcel Duchamp

França, 1926 - 7 min / mudo, sem intertítulos

ÉTOILE DE MER

de Man Ray

com Kiki de Montparnasse, André de la Rivière,
Robert Desnos

França, 1928 - 17 min / mudo (versão sonorizada), com intertítulos em francês
sem legendas

FIREWORKS

de Kenneth Anger

com Kenneth Anger, Gordon Gray

Estados Unidos, 1947 - 14 min / sem diálogos
duração total (aproximada) da projeção: 50 min | M/12

Quatro obras que celebram a liberdade das vanguardas por Duchamp, Man Ray, Maya Deren e Kenneth Anger. THE WITCH'S CRADLE (a apresentar em cópia digital) é dos mais conhecidos

títulos de Maya Deren, artista maior dos anos 1940 e 50 para quem um filme equivalia à criação de uma experiência; esta sua obra inacabada foi rodada durante uma exposição de arte surrealista do século XX na galeria Peggy Guggenheim. Especialmente admirado por Deren, ANÉMIC CINEMA de Duchamp, feito em colaboração com Man Ray e Marc Allégret e assinado pelo alter ego feminino do artista, Rose Sélavy, é um ensaio filmado que questiona as próprias regras do cinema, projetando uma experiência cinematográfica de vanguarda dadaísta. ÉTOILE DE MER de Man Ray é um *film-flou*, de imagens difusas, uma espantosa criação da fase surrealista francesa do artista que privilegia o ato de olhar em imagens de beleza transfigurada. Não raro descrito como um filme experimental homoerótico, FIREWORKS é um dos mais célebres filmes de Anger, marcado pela poesia, o tema do duplo e do desdobramento.

- **Segunda-feira [24] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

SOCIALISMI

"Socialismo"

de Peter von Bagh

Finlândia, 2014 - 86 min
legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

SOCIALISMI é a derradeira obra de Peter von Bagh, representando o culminar de toda uma vida de historiador, crítico e programador de cinema, e de uma continuada prática de cinema de montagem. Sobre ele Olaf Möller escreveu: "Pela primeira vez, Peter von Bagh olha para um tema mais vasto do que a História finlandesa: Socialismo, o maior sonho do século XX e a fonte de alguns dos seus piores pesadelos (...) mostra como o socialismo e o cinema - tudo no cinema, seja documentário ou ficção - são um só, e como a vida diz respeito a este nunca estar sozinho, a esta unidade". Abrindo com a "saída da fábrica" dos irmãos Lumière e com as origens do marxismo para terminar nos dias de hoje, SOCIALISMI parte de imagens do cinema para cartografar magistralmente a sensibilidade de um século de filmes e do tempo presente.

- **Terça-feira [25] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**
► **Quinta-feira [27] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

LIBERDADE PARA JOSÉ DIOGO

de Luís Galvão Teles

Portugal, 1975 - 66 min | M/12

COM A PRESENÇA DE LUÍS GALVÃO TELES (A CONFIRMAR)

LIBERDADE PARA JOSÉ DIOGO segue o caso do operário agrícola

alentejano de 36 anos, José Diogo, que, a 30 de setembro de 1974, matou o latifundiário Columbano Libano Monteiro, para quem trabalhara como tratorista. Preso em Beja, José Diogo foi solto sob caução e posteriormente absolvido num julgamento popular que condenou postumamente Columbano. Testemunho do espírito da luta de classes da época, o filme de Luís Galvão Teles é uma produção da cooperativa Cinequanon e teve uma primeira versão televisiva em sintonia com o espírito da época. A história de José Diogo é contada a partir de documentos, testemunhos, uma canção de intervenção, uma peça de teatro.

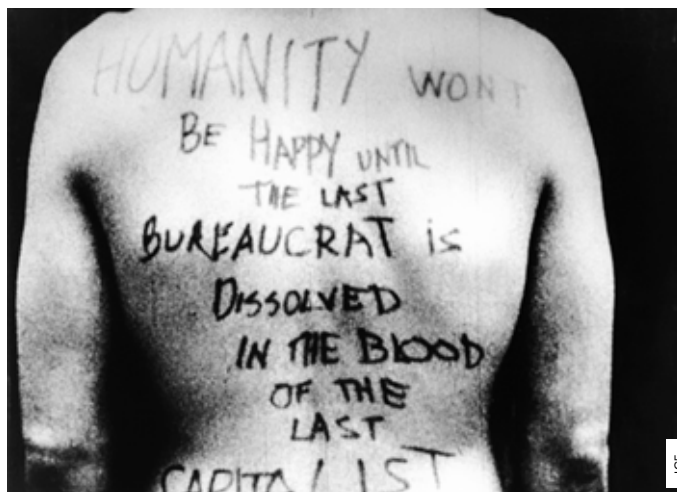
► Quinta-feira [27] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

ICE

de Robert Kramer
com Robert Kramer, Leo Braudy

Estados Unidos, 1970 - 130 min / legendado eletronicamente em português | M/12

"O mais original e significativo filme narrativo americano de finais dos anos 1960." Foi como Jonas Mekas designou ICE de Robert Kramer. "Uma das mais potentes ficções *underground* do cineasta independente americano", escreveu Jonathan Rosenbaum, que o viu ainda como "um equivalente de alguns dos filmes conspirativos de Jacques Rivette, uma mensagem desesperada encontrada numa garrafa". Em modo de *thriller* ambientado num futuro distópico, a ficção segue a luta de um grupo revolucionário na



encenação de uma ação armada contra um regime fascista nos EUA. Para Kramer, "ICE não foi uma tese a favor da luta armada. Foi uma tentativa de explicar a razão daquelas pessoas sentirem o que sentiam, a raiva que sentiam e as consequências dessa raiva nas suas vidas [...]". Na Cinemateca foi mostrado uma única vez, em 2000, no contexto da retrospectiva dedicada ao cineasta. A apresentar em cópia digital.

REVOLUÇÃO

Mais seis abordagens cinematográficas de temas revolucionários. Duas visões americanas da revolução russa de 1917, as de Cecil B. DeMille e Warren Beatty, separadas por mais de cinco décadas. O filme em que Koji Wakamatsu analisa, com secura e frieza, o *harakiri* dos movimentos revolucionários japoneses das décadas de 1960 e 1970. LE VENT D'EST, um dos melhores filmes saídos da "oficina" do Grupo Dziga Vertov. O imenso LA COMMUNE, reconstituição por Peter Watkins da história da Comuna de Paris em 1871. E PINK NARCISSUS, um clássico do cinema *queer*, livre, provocador, uma revolução em si mesmo.

► Terça-feira [04] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

► Terça-feira [11] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE VOLGA BOATMAN

O Barqueiro do Volga

de Cecil B. DeMille

com William Boyd, Elinor Fair, Robert Edeson, Victor Varconi

Estados Unidos, 1926 - 120 min / mudo, intertítulos em inglês, legendados eletronicamente em português | M/12

Um filme em que a revolução bolchevista serve de pano de fundo para aventuras romanescas e românticas, desta vez a história de uma aristocrata que se apaixona por um camponês. Surpreendentemente para um filme cujo realizador viria a ser um campeão do anticomunismo e ativo colaborador da "caça às bruxas" do período maccarthysta, THE VOLGA BOATMAN não assume uma posição antagónica em relação à revolução e, no desenlace, a aristocracia e o proletariado acabam por se unir. "O sangue da velha Rússia é necessário para construir a nova Rússia". DeMille explicou o facto dizendo que quis fazer um filme "sobre a pequena minoria de homens que ousam levantar a cabeça sob o jugo da opressão" e que em 1925 "o comunismo russo ainda não se revelara como uma tirania pior do que a que tinha substituído". O filme é magnificamente encenado e marcado por um forte erotismo.

► Sexta-feira [07] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sexta-feira [14] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

LE VENT D'EST

de Grupo Dziga Vertov

com Anne Wiazemsky, Gian Maria Volonté

França, 1970 - 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um dos mais complexos - e para vários comentadores, o melhor - de entre os filmes produzidos pelo Grupo Dziga Vertov. Há quem defenda que é o filme ideal para perceber as ideias de Godard e Gorin quanto à "destruição da linguagem burguesa" do cinema. O cinema, o cinema hollywoodiano industrial e os seus pilares (como os géneros, particularmente o *western*), é explicitamente criticado e decomposto, a partir de uma sustentação teórica encontrada no marxismo. Também o podemos ver, atenuando um pouco o seu carácter político mais moralista, como um objeto extraordinariamente livre e criativo (por exemplo na relação imagem/som) que opera um traço de união entre os últimos Godards em nome próprio (WEEKEND, LA CHINOISE, ONE PLUS ONE) e a dimensão mais profunda da reflexão do Grupo Dziga Vertov. A exibir em cópia digital.

► **Sábado [08] 15h30 | Sala Luís de Pina**

LA COMMUNE

de Peter Watkins

França, 2000 - 345 min / legendado eletronicamente em português | M/12

**A sessão decorre com um intervalo de 30 minutos
a meio da projeção**

O último filme de Peter Watkins (e o único que realizou em França) é um regresso ao simulacro histórico que tantas vezes cultivou ao longo da sua obra. Se a situação identificada são os acontecimentos na Comuna de Paris em 1871, fulcrais na História do socialismo europeu, e que Watkins “reconstituiu”, todo o século seguinte está contido no filme, a partir de diálogos que referem acontecimentos posteriores e aludem a dispositivos tecnológicos (como a televisão e os media em geral) longe de estarem inventados no século XIX. O culminar perfeito – se Watkins, como tudo indica, não voltar a filmar – para uma obra obcecada com o trabalho de reflexão histórica e com os modos (técnicos e conceptuais) da sua representação.

► **Sábado [08] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

► **Terça-feira [18] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

REDS

Reds

de Warren Beatty

com Warren Beatty, Diane Keaton, Edward Herrmann, Jerzy Kosinski, Jack Nicholson

Estados Unidos, 1981 - 195 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Segunda longa-metragem de Warren Beatty como realizador, REDS é o exemplo supremo da recuperação de um acontecimento histórico pela máquina de Hollywood. O filme adapta *10 Days that Shook the World* (1919), a célebre narrativa do jornalista americano John Reed, que acompanhou os acontecimentos da Revolução de Outubro, sem esconder as suas simpatias pelos bolcheviques. No filme, a História é um simples pano de fundo e os “dez dias que abalaram o mundo” abalam sobretudo a relação do casal, que é separado pelos acontecimentos. O crítico Alain Ménil observou que “se alguma coisa comove no filme, é a própria loucura do projeto: fazer a unanimidade do ‘establishment’, apossando-se de um tema que oculta”. E ainda que “REDS não altera nada, mas ocupa um espaço virgem: o da hagiografia oficioso”. A exibir em cópia digital.



► **Sábado [08] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

► **Segunda-feira [24] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

PINK NARCISSUS

de Jim Bidgood

com Bobby Kendall

Estados Unidos, 1971 - 70 min / sem diálogos | M/16

PINK NARCISSUS é um dos mais famosos exercícios de erotismo gay e *underground*. Rodado em 8mm, amadoristicamente, tornou-se um *cult movie*. Belo poema cinematográfico sobre as fantasias eróticas de um jovem, PINK NARCISSUS inscreve-se na linhagem do *trance film* do cinema experimental americano, aqueles filmes em que o protagonista deambula num mundo onírico em busca da sua identidade. Durante muito tempo o nome do realizador (que não figura no filme) foi mantido em segredo.

► **Sábado [22] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

► **Quinta-feira [27] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

JITSUROKU RENGU SEKIGUN: ASAMA SANSO E NO MICH

Exército Vermelho Unido

de Koji Wakamatsu

com Akie Namiki, Arata, Takaki Uda,
Soran Tamoto, Maki Sakai

Japão, 2007 - 189 min / legendado eletronicamente em português | M/16

O filme de Wakamatsu apresenta-se como um docudrama estruturado em três atos e integrando um assinalável lote de imagens de arquivo. Trata-se da reconstituição de um sangrento episódio decorrente do radicalismo político dos estudantes japoneses através da história da facção *United Red Army*, cujas raízes remontam aos anos 1960 quando os estudantes japoneses protestaram contra o uso americano do Japão durante a guerra do Vietname: em 1972, 14 dos membros do *United Red Army* lincharam-se uns aos outros em sessões de grupo e os sobreviventes refugiaram-se nas montanhas dando origem a um dos momentos chave da História japonesa. “Quis fazer o filme para as gerações futuras” (Koji Wakamatsu).



JUNHO 2024

COMUNIDADE

Em junho reunimos comunidades rurais cuja solidariedade se revela essencial em plena Grande Depressão; comunidades cinematográficas que se fundem com as comunidades agrícolas que documentam (as produções Ogawa, no Japão), ou uma comunidade lisboeta confrontada com um momento de grande transformação. Mas também comunidades cinéfilas, como a retratada por Louis Skorecki, com os seus códigos e regras tão próprias. Todas elas comunidades que, face aos momentos de grande provação, revelam como a cooperação é o único caminho para fazer face ao futuro.

- Terça-feira [04] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
► Quarta-feira [12] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

OUR DAILY BREAD

O Pão Nosso de Cada Dia

de King Vidor

com Karen Morley, Tom Keene, Barbara Pepper, John Qualen

Estados Unidos, 1934 - 73 min / legendado em português | M/12

OUR DAILY BREAD é um dos mais impressionantes retratos dos tempos da Depressão dos anos trinta nos Estados Unidos, contando a história de um casal de cidadãos atingidos pela crise que regressa ao campo, formando uma comunidade agrícola com outras pessoas na mesma situação, união que culmina na construção da conduta de água para a plantação, um extraordinário momento de cinema. Como escreveu João Bénard da Costa, "Espantoso coral, assente em meia dúzia de temas de grande simplicidade (a solidariedade entre os homens, o acordo com os elementos primordiais - e acentue-se o papel da água - o bem e o mal), OUR DAILY BREAD é o filme dum homem que não duvida e cujo universo plástico desposa perfeitamente a elementaridade das suas convicções. É um admirável ato de fé, em que tudo está certo porque tudo encontra adequação: os homens entre si, os homens com a natureza, e a linguagem de Vidor com o universo que propõe."

- Terça-feira [25] 18h00 | Sala Luís de Pina

SEM NEN KIZAMI NO HIDOKEI: MAGINOMURA MONOGATARI

"A Aldeia de Magino — Um Conto"

de Shinsuke Ogawa

com Hijikata Tatsumi, Miyashita Junko, Tamura Takahiro,
Kawarasaki Choichiro, Ishibashi Renji

Japão, 1986 - 222 min / legendado eletronicamente em português | M/12

O coletivo Ogawa instalou-se na aldeia de Magino a convite dos respetivos habitantes e com eles cultiva o arroz ao mesmo tempo que regista a sua memória, restituindo-a através da filmagem da palavra dos mais velhos, que transmitem a tradição oral de geração em geração, ou mesmo de recriações ficcionais. Uma obra única e complexa que resulta da montagem de várias curtas-metragens realizadas pelo coletivo Ogawa durante 13 anos de experiência comunitária nos arrozais que rodeiam Magino. A revelação do quotidiano de uma comunidade, que passa a incluir a equipa de filmagens, cujos ritmos se espelham no ritmo do próprio filme.

- Terça-feira [25] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LISBOETAS

de Sérgio Tréfaut

Portugal, 2004 - 105 min / legendado em português | M/12

Depois de ter sido durante mais de três séculos um país de emigração, Portugal tornou-se na passagem ao terceiro milénio

um país de imigração, com a chegada de quase um milhão de pessoas, muitas das quais se concentraram na área da grande Lisboa. Questionando se esse fluxo de nova energia iria mudar Lisboa e Portugal ou se a sua diversidade se diluiria na "indefinível indolência do país", no início dos anos 2000 LISBOETAS filma os lisboetas vindos da Europa do Leste, do Brasil, da Ásia, de países africanos não lusófonos, o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, o trabalho clandestino, expectativas e decepções, num vibrante retrato da cidade e do país. Em 2024 Lisboa continua em grande transformação.

- Quarta-feira [26] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
► Sábado [29] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

HANGMEN ALSO DIE

Os Carrascos Também Morrem

de Fritz Lang

com Brian Donlevy, Gene Lockhart, Walter Brennan, Anna Lee

Estados Unidos, 1943 - 134 min / legendado eletronicamente em português | M/12

O encontro em Hollywood de dois alemães (Lang e Brecht, que colaborou no argumento, mas que acabou por repudiá-lo) para um olhar forçosamente amargo sobre a Alemanha e a II Guerra, centrado nos acontecimentos que se seguiram ao assassinato de Heydrich (o representante do III Reich na Checoslováquia ocupada) pela Resistência. A conspiração é a grande figura de HANGMEN ALSO DIE. A crueza o seu tom, mas com a lição de que ao terror e à impiedade só podem corresponder a resistência, solidariedade e a cumplicidade de toda uma cidade contra os carrascos ("No Surrender"). Em alternativa ao habitual "The End", o filme termina com um premonitório "Not the End". Um convite para pensar o presente à luz do passado.



- Quarta-feira [26] 19h30 | Sala Luís de Pina
► Sábado [29] 19h30 | Sala Luís de Pina

LES CINEPHILES 1 : LE RETOUR DE JEAN

de Louis Skorecki

com Marie Nester, André Nouhaem, Pierre Léon, Vladimir Léon

França, 1988 - 70 min

LES CINEPHILES 2 : ERIC A DISPARU

de Louis Skorecki

com Sébastien Clerger, Noémie Lvovsky,

Nathalie Joyeux, Pierre Léon

França, 1988 - 54 min

duração total da projeção: 124 min

legendados eletronicamente em português | M/12

Com estes dois filmes, rodados por ordem inversa da sua numeração, se iniciou aquilo que cerca de vinte anos mais

tarde se veio a tornar uma série, ou antes, e nas palavras de Skorecki, uma “saga derisória e explosiva sobre a conversa de uma tribo de cinéfilos, e sobre os seus costumes (poéticos, teóricos, sexuais)”. O elenco foi recrutado entre autênticos “cinéfilos”, frequentadores dedicados e obsessivos das salas de cinema parisienses, uma delas a da Cinemateca Francesa (em cujas imediações, autenticidade *oblige*, alguns planos foram filmados). Com as suas cenas assentes em diálogos (nem todos sobre cinema; muitos sobre os relacionamentos dentro da “tribo”), formando e desfazendo pares de personagens à medida dos encontros e desencontros, LES CINEPHILES fala da cinefilia e da disposição (psicológica) para a cinefilia, em seriedade e irrisão, num humor crescentemente percorrido por uma espécie de tristeza. Sem falsas modéstias, Skorecki afirmou que o único outro filme que trata verdadeiramente da cinefilia é LES SIÈGES DE L’ALCAZAR de Luc Moullet.

FUTURO

Em junho, o eixo Futuro organiza-se em torno da noção de “destino”. Ora pelas vias da ficção científica, ora pelos inexplicáveis efeitos da fantasia, ora pela cinefilia, ora ainda pela violência do recalque, somos levados a adivinhar o futuro a partir da reescrita do passado: desde a funesta memória de infância de LA JETÉE até aos jogos de verdade de Fassbinder, passando pela leitura da sina como *tropo* cinematográfico.

- Quarta-feira [05] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
► Terça-feira [11] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LA JETÉE

de Chris Marker

França, 1962 - 28 min

BEYOND THE TIME BARRIER

de Edgar G. Ulmer

com Robert Clarke, Darlene Tompkins, Vladimir Sokoloff

EUA, 1960 - 75 min

duração total da projeção: 103 min

legendados eletronicamente em português | M/12

Na sequência de uma 3ª Guerra Mundial, um homem é mantido prisioneiro e submetido aos efeitos de uma viagem no tempo para a época do pré-guerra, em busca de uma solução para o destino da humanidade. LA JETÉE é um marco no cinema de ficção-científica e um dos mais originais e complexos foto-filmes da História do cinema. As cerca de 200 de fotografias que o compõem têm a capacidade de revelar os tempos (passados, presentes e futuros) de uma geração que assiste à própria morte. Juntamente com a obra-prima de Chris Marker, um dos últimos filmes de Edgar G. Ulmer, uma incursão na ficção-científica barata (pouco mais de cem mil dólares custou o filme) mas altamente representativa dos sentimentos da Guerra Fria. Um piloto da Força Aérea americana, ao regressar de uma experiência com um novo avião supersónico, encontra a sua base transformada numa cidade subterrânea e distópica: é que por alguma razão misteriosa quando quebrou a barreira do som também viajou no tempo, e está agora no ano... 2024. A exibir em cópias digitais.

- Sábado [15] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE CURIOUS CASE OF BENJAMIN BUTTON

O Estranho Caso de Benjamin Button

de David Fincher

com Cate Blanchett, Brad Pitt, Tilda Swinton

EUA, 2008 - 166 min / legendado em português | M/12

Benjamin Button (Brad Pitt) tem um destino curioso e nasceu em circunstâncias pouco habituais. A sua vida é a estranha história de um homem que nasce com 80 anos e vai regredindo na idade, sem conseguir, como qualquer outra pessoa, parar o tempo. Quanto mais vive, mas novo se torna. O mais romântico e comovente dos filmes de David Fincher (também o seu mais clássico e fantasista), conta o peculiar percurso e as atribulações da vida desta personagem em contraciclo, desde 1918 até ao presente – baseando-se no conto homónimo de F. Scott Fitzgerald. O que sobrevive à passagem do tempo? O que deixamos para o futuro? Talvez o amor. Primeira apresentação na Cinemateca.

- Segunda-feira [17] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro
► Sábado [22] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

CHINESISCHES ROULETTE

Roleta Chinesa

de Rainer W. Fassbinder

com Margit Carstensen, Anna Karina,

Ulli Lommel, Macha Méril

Alemanha, 1976 - 86 min / legendado em português | M/12

CHINESISCHES ROULETTE é um filme-jogo, concentracionário e claustrofóbico. Um casal vai passar um fim-de-semana numa casa de campo, separadamente. Cada um viaja com o seu (a sua) amante e têm a surpresa de se encontrar frente a frente: ele e a sua amante, ela e o seu amante. A filha do casal, uma



CHINESISCHES ROULETTE

pré-adolescente que sofre de deficiência física, é a responsável por organizar esta arenas das paixões. Ela é, claro, o *alter ego* de Rainer W. Fassbinder o orquestrador deste jogo de cruel. Todos são obrigados a participar, até se desvendar o enigma que os assombra. Não se pode fugir ao destino. A exibir em cópia digital.

- ▶ Quarta-feira [19] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [24] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro

HANDS OF THE FUTURE

de Dan Shoval, Mehdi Jahan e Sabrina D. Marques

Portugal, Israel, Índia, Austrália, 2021 - 13 min

THE PURPLE ROSE OF CAIRO

A Rosa Púrpura do Cairo

de Woody Allen

com Mia Farrow, Jeff Daniels, Danny Aiello, Irwing Metzman, Stephanie Farrow

Estados Unidos, 1985 - 82 min / legendado em português

duração total da projeção: 95 min | M/12

HANDS OF THE FUTURE é um video-ensaio sobre o recurso à

quiromancia (leitura da palma da mão) na História do cinema. Fragmentos de dezenas de filmes (incluindo vários títulos nacionais – um dos autores é a realizadora portuguesa Sabrina D. Marques) constroem uma meta-narrativa sobre os traumas do passado e os destinos de amanhã. A curta-metragem é apresentada em diálogo com THE PURPLE ROSE OF CAIRO, um dos filmes mais celebrados de Woody Allen. A ação decorre nos primeiros anos do cinema sonoro, Mia Farrow é uma espectadora de cinema apaixonada pelo galã de um filme que a faz esquecer a sua desapaixonada vida real. Mas o amor é recíproco, e é, desta vez, um ator que sai da tela para ir ao encontro da realidade. Romantismo e cinefilia nesta homenagem ao imaginário popular do cinema e aos seus poderes de identificação, projeção e transformação. HANDS OF THE FUTURE é uma primeira apresentação na Cinemateca.

- ▶ Quinta-feira [20] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

ETERNAL SUNSHINE OF THE SPOTLESS MIND

O Despertar da Mente

de Michel Gondry

com Jim Carrey, Kate Winslet, Elijah Wood, Mark Ruffalo, Kirsten Dunst

EUA, 2004 - 108 min / legendado em português | M/12

Joel (Jim Carrey) descobre que a namorada Clementine (Kate Winslet) o apagou da memória, a ele e à relação tumultuosa de ambos. Joel contacta então o inventor do processo para também ele remover a ex-namorada da sua mente. Só que, à medida que as suas memórias vão sendo apagadas, Joel redescobre o seu amor por Clementine e torna-se óbvio que ela não lhe vai "sair da cabeça" assim tão facilmente. ETERNAL SUNSHINE OF THE SPOTLESS MIND, a segunda longa-metragem de Michel Gondry, a partir de um argumento de Charlie Kaufman (o argumentista de BEING JOHN MALKOVICH), transformou-se num filme de culto. Uma fábula agridoce sobre a inevitabilidade do passado como assombração do futuro. Primeira apresentação na Cinemateca.



LES 400 COUPS

A partir de 1 de julho, regressam as habituais sessões de cinema ao ar livre. Excecionalmente, neste mês será apenas na Esplanada que a Cinemateca Portuguesa terá a sua programação regular. Devido a trabalhos técnicos nas salas de cinema M. Félix Ribeiro e Luís de Pina para manutenção e melhoria dos equipamentos de som – os quais vão decorrer ao longo de todo o mês de julho –, a programação da Cinemateca passará exclusivamente pelas sessões na Esplanada de segunda-feira a sábado (sempre às 21h45), sendo quase exclusivamente preenchida com a continuação dos quatro eixos do programa que decorre ao longo de 2024 a pretexto dos 50 anos do 25 de Abril: Revolução, Liberdade, Comunidade e Futuro.

LIBERDADE

Nas projeções ao ar livre da Esplanada a *liberdade* é a da fuga para lado nenhum ou rumo a fronteiras que deixam para trás territórios dominados por regimes repressivos. Também é a do gesto de quem escolhe a liberdade de expressão artística. A do cinema em quatro filmes diversos: nos anos 1930 de Hollywood, jogando com os limites ou trocando as voltas ao código de produção censório que entretanto se impôs; nos anos 1950 japoneses em que uma mulher realizadora filmou improvavelmente a personagem de uma mulher extraordinária; à beira dos anos 1960 franceses da *Nouvelle Vague* em fase com o cinema moderno; nos anos 1980 americanos em visão distópica de um futuro próximo; nos anos 2020 do Irão, aproximando filmes de dois cineastas de gerações diferentes que respondem pelo mesmo apelido. King Vidor e Frank Capra, Kinuyo Tanaka, François Truffaut, John Carpenter, Jafar e Panah Panahi.

► Segunda-feira [01] 21h45 | Esplanada

IT HAPPENED ONE NIGHT

Uma Noite Aconteceu

de Frank Capra

com Clark Gable, Claudette Colbert,

Walter Connolly, Roscoe Karns

Estados Unidos, 1934 – 105 min / legendado eletronicamente em português | M/12

A quintessência da comédia americana com a “clássica” milionária doidivanas conquistada por um persistente jornalista, e sequências de antologia: a do *auto-stop* (o polegar de Gable e a perna de Claudette!), a noite no celeiro com a “escada de Jacob” e as improvisadas “muralhas de Jericó” no quarto do motel! O filme que impôs um género (a *screwball comedy*) e fez de Gable o “Rei”. Foi o primeiro, e durante quatro décadas o único, filme a conquistar os cinco Oscars principais (melhor filme, realizador, argumento, ator e atriz). “Hollywood fez dezenas de filmes decalcados neste. Mas nunca, como em IT HAPPENED ONE NIGHT, a moral sexual e social foi tão oblíqua e tão transparente. O tronco nu de Clark Gable, a saia levantada de Claudette Colbert e as muralhas de Jericó” (João Bénard da Costa). A apresentar em cópia digital.

► Sexta-feira [12] 21h45 | Esplanada

LES 400 COUPS

Os 400 Golpes

de François Truffaut

com Jean-Pierre Léaud, Claude Maurier, Albert Rémy

França, 1959 – 93 / legendado em espanhol e eletronicamente em português | M/12

Filmado a preto e branco e em formato panorâmico, o filme de estreia de Truffaut é um dos atos fundadores do cinema moderno e, embora menos radical do que O ACOSSADO de Godard, instaura uma nova rela  o com os atores, com o espaço e com a narrativa. Parcialmente autobiográfico, conta a história de um adolescente mal amado, encarnado por Jean-Pierre Léaud, então com quinze anos, que comete pequenos delitos e    mandado pelos pais para um reformatório, de onde acaba por fugir, numa célebre cena, que tem tanto de realista como de simbólico. A personagem de Antoine Doinel, nascida em LES 400 COUPS (expressão que em português pode traduzir-se por trinta por uma linha), acompanharia os percursos de Truffaut e Léaud por vinte anos.

► Quinta-feira [18] 21h45 | Esplanada

JADDEH KHAKI

Estrada Fora

de Panah Panahi

com Pantea Panahiha, Hasan Majuni,

Rayan Sarlak, Amim Simiar

Irão, 2021 – 94 min / legendado em português | M/12

É um drama familiar, um filme político, um *road movie*, a história de uma fuga, a maravilha da sintonia do retrato de uma criança, a personagem e o ator que a interpreta a cantar, a dançar, a agradecer a beleza da paisagem quando os pais e o jovem adulto seu irmão se exaltam ou cont  m as lágrimas, mais o c  o que os acompanha na viagem de automóvel que atravessa o Irão rumo à fronteira? A primeira obra de Panah Panahi, filho de Jafar Panahi e seu assistente ou colaborador em filmes recentes, foi uma descoberta do início dos

anos 2020, novo caso transbordante da energia do cinema iraniano. "O carro é o lugar intermediário em que temos uma liberdade relativa [no Irão repressivo]: podemos falar dos assuntos que quisermos, ouvir a música que quisermos e mesmo se for guiado por uma mulher ela não será incomodada como o seria na rua" (Panah Panahi, em entrevista ao *Público*, 2022). Primeira apresentação na Cinemateca.

► Sexta-feira [19] 21h45 | Esplanada

BIRD OF PARADISE

A Ave do Paraíso

de King Vidor

com Dolores Del Río, Joel McCrea, John Holiday,
Richard "Skeets" Gallagher

Estados Unidos, 1932 - 82 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Nos primeiros anos do cinema sonoro e num registo marcado pela liberdade pré-Código Hays em Hollywood, *BIRD OF PARADISE* conjuga aventuras exóticas nos Mares do Sul e um romance sacrificial entre uma jovem princesa nativa e um naufrago forasteiro, as personagens dos jovens Dolores Del Río e Joel McCrea. O projeto foi lançado a King Vidor por David O. Selznick, rodado no Havai para a RKO, polémico quando estreou pela sexualidade implícita, a carga erótica, a seminudez da personagem de Del Río. Os termos narrativos e a caracterização das personagens levantarão hoje outras questões, não obliterando o portento da obra na filmografia de Vidor, na dos atores ou o facto de marcar a entrada em cena das fabulosas coreografias de Busby Berkeley. O exótico bailado aquático é um dos pontos culminantes do filme. A apresentar em cópia digital.

REVOLUÇÃO

Mais oito momentos que assinalam capítulos importantes da relação entre o cinema e as ideias (ou as práticas) revolucionárias. Das fronteiras marginais do cinema americano, um clássico do cinema independente e politicamente feroz, essencial numa História da representação das ideias feministas (*BORN IN FLAMES*). Dois filmes de dois realizadores italianos (Zurlini e Bellocchio), estreados no mesmo ano, onde o primeiro, no seu filme mais claramente político, examina o caso de Patrice Lumumba, e o segundo propõe uma espécie de comédia maoísta que fixou a temperatura política na Itália pré-Maio de 68. Veremos ainda o mais famoso filme da colaboração entre Cuba e URSS (o *SOY CUBA* de Kalatozov), e regressamos à mãe de todas as revoluções, a francesa, através da mordacidade de Rohmer em *L'ANGLAISE ET LE DUC*.

► Quarta-feira [24] 21h45 | Esplanada

CHIBUSA YO EIEN NARE

Para Sempre Mulher

de Kinuyo Tanaka

com Yumeiji Tsukioka, Hiroko Kawasaki, Ryoji Hayam,
Junkichi Orimoto

Japão, 1955 - 106 min / legendado em português | M/12

É o mais conhecido título da realizadora japonesa Kinuyo Tanaka (terceiro de seis entre 1953 e 1962), submersa durante as décadas que ignoraram o trabalho da cineasta elogiando o da atriz de Ozu, Mizoguchi, Naruse ou Kurosawa, entre os mais conhecidos a Ocidente (umas duas centenas de títulos de meados dos anos 1920 aos 70). Livrementemente baseado no relato dos últimos anos da poeta Fumiko Nakajo (1922-1954), submetida a uma mastectomia pelo cancro que lhe daria a morte precoce antes da publicação dos poemas, é uma obra assombrosa, em linha com a perspetiva livre, emancipada, rigorosa do cinema de Tanaka. Filmada com uma humanidade lancinante e raro domínio, a personagem de Fumiko afirma, avessa a preconceitos, a sua identidade, solidão, desejo. Na Cinemateca, *PARA SEMPRE MULHER* passou pela primeira vez em 1995 como uma das "120 Chaves para a História do Cinema"; em Portugal, estreou em 2023 numa operação de distribuição da integral da realizadora. A apresentar em cópia digital.



► Segunda-feira [29] 21h45 | Esplanada

ESCAPE FROM NEW YORK

Nova Iorque 1997

de John Carpenter

com Kurt Russell, Lee Van Cleef, Ernest Borgnine,
Harry Dean Stanton, Donald Pleasance

Estados Unidos, 1981 - 97 min / legendado eletronicamente em português | M/16

Na visão apocalíptica do argumento, coescrito por John Carpenter sob a influência do escândalo Watergate, Manhattan é uma gigantesca prisão onde cai o avião presidencial, sendo

o presidente usado como refém pelos prisioneiros. Um homem que nada tem a perder é enviado para tentar o impossível. Uma das mais ambiciosas produções de John Carpenter, que nos anos 1990 teria uma (fabulosa) sequência em ESCAPE FROM L.A. Neste como noutros filmes, “o cineasta exprime-se sobretudo pelo *décor* e pelo som, quando todo o cinema dominante dele e nosso contemporâneo os utiliza como efeito, circunflexo acento sobre o argumento [...] Aqui o *script* desvanece-se e fica só a sombra e a solidão [...]” (João Bénard da Costa). A apresentar em cópia digital.

► Terça-feira [30] 21h45 | Esplanada

KHERS NIST

Ursos Não Há

de Jafar Panahi

com Jafar Panahi, Naser Hashemi, Vahid Mobaseri, Bakhtiar Panjei, Mina Kavani

Irão, 2022 - 107 min / legendado em português | M/12

Escrito, realizado e produzido por Jafar Panahi no Irão, *URSOS NÃO HÁ* foi rodado na clandestinidade, na fronteira com a Turquia, retratando, diz a sinopse, “duas histórias de amor perturbadas por obstáculos inevitáveis, a força da superstição e os mecanismos do poder”. Trata-se de novo corajoso filme do grande Jafar Panahi, que durante largos anos escolheu a liberdade de filmar no seu país pagando o custo da vigilância apertada do regime, das circunstâncias opressivas, da clausura. Neste filme interpreta um cineasta com o seu nome que dirige, à distância, uma filmagem no outro lado da fronteira à volta de um casal de refugiados que aguarda a fuga para França. “Uma forma de rebelião contra uma ordem social hipócrita que é um eco premonitório das atuais revoltas das mulheres no Irão. Ao tirar o *hijab* elas dizem à sua maneira: circulem, não há nada para ver, não há ursos” (*Cahiers du cinéma*). Primeira apresentação na Cinemateca.

► Terça-feira [02] 21h45 | Esplanada

L'ANGLAISE ET LE DUC

A Inglesa e o Duque

de Éric Rohmer

com Jean-Claude Dreyfus, Lucy Russell, Alain Libolt, Charlotte Véry

França, 2001 - 129 min / legendado em português | M/12

Em mais um meandro inesperado na sua obra, Rohmer aborda, à sua maneira, o “filme histórico”. Na verdade, nos seus trabalhos para a televisão nos anos 60, realizou muitas obras pedagógicas, das quais há certos resíduos neste filme. Situado durante a Revolução Francesa, o filme gira em torno da amizade entre uma inglesa instalada em Paris e o Duque de Orléans, que tenta manobrar no meio da tempestade política e entrou para a história com o cognome de “Philippe Égalité”, por ter votado a morte do seu primo, o rei Luís XVI. Ao invés de reconstituir cenários de época, Rohmer filma em interiores e utiliza, para os exteriores, trucagens em computador que ecoam as técnicas dos primórdios do cinema.

► Quinta-feira [11] 21h45 | Esplanada

LA CINA È VICINA

China Vizinha

de Marco Bellocchio

com Glauco Mauri, Elda Tattoli, Paolo Graziosi

Itália, 1967 - 108 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Depois de uma estreia ribombante, com *I PUGNI IN TASCA*, Bellocchio decidiu aprofundar a sua crítica ao modelo de família burguesa, refletindo sobre o contexto politicamente

conturbado da Itália – da Europa e do mundo – no final dos anos 60. Bellocchio dissecou, como que com um bisturi, a rede de relações de uma família atravessada por vários desaguisados sentimentais e políticos, em que se destaca a luta fratricida entre o abastado Professor Vittorio (Glauco Mauri), candidato socialista nas próximas eleições autárquicas, e Camillo (Pierluigi Aprà), um inveterado maoísta. Comédia negra absolutamente implacável, que, à época, valeu a Bellocchio o Prémio Especial do Júri do Festival de Veneza em *ex aequo* com *LA CHINOISE* de Godard, filme-irmão pré-Maio de 68.

► Segunda-feira [15] 21h45 | Esplanada

SEDUTO ALLA SUA DESTRA

de Valerio Zurlini

com Woody Strode, Franco Citti, Jean Servais, Pier Paolo Capponi

Itália, 1967 - 90 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Inicialmente previsto como um dos filmes de episódios de *AMORE E RABBIA* como alegoria sobre a vida de Cristo através do martírio de um dirigente dos movimentos de emancipação dos povos africanos (evocação do assassinio de Patrice Lumumba), *SEDUTO ALLA SUA DESTRA* é o mais militante dos filmes de Zurlini. A encabeçar o elenco, o fordiano Woody Strode.

► Sexta-feira [26] 21h45 | Esplanada

JA KUBA / SOY CUBA

“Sou Cuba”

de Mikhail Kalatozov

com Sergio Corrieri, Luz Maria Collazo, José Gallardo, Raul Garcia

URSS, Cuba, 1964 - 140 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Ao que parece, muitos cubanos referem-se a este monumento do *kitsch* comunista como “Não Sou Cuba”... Mikhail Kalatozov (*QUANDO PASSAM AS CEGONHAS*), um realizador de prestígio na URSS, conta aqui quatro histórias situadas no período final da ditadura de Fulgencio Batista, que mostram que a revolução era necessária. As histórias são entremeadas com poemas de Evgueni Evtuchenko lidos em *off*. Na última história, um camponês vai juntar-se à guerrilha de Fidel Castro e o filme chega ao fim com a revolução às portas de Havana. A mistura de pesada propaganda política e rebuscado estetismo (lentes deformadoras, ângulos insólitos, hipertrofia dos ruídos) cria um objeto insólito, em que Cuba é mostrada como uma espécie de terra virgem antes do começo da História (comunista, claro está). É ver para crer. A exibir em cópia digital.

► Quarta-feira [31] 21h45 | Esplanada

BORN IN FLAMES

de Lizzie Borden

com Honey, Adele Bertei, Kathryn Bigelow

Estados Unidos, 1983 - 90 min / legendado eletronicamente em português | M/16

Quarenta anos depois de ter sido feito, em moldes radicalmente independentes, *BORN IN FLAMES* tornou-se um marco histórico do cinema americano de inspiração – ou afirmação – feminista. Primeira ficção de Lizzie Borden, inventa um estilo que por vezes se aproxima do falso documentário para descrever um futuro politicamente distópico e investigar qual seria nesse contexto o lugar dos grupos e sectores sociais tradicionalmente subjugados – não apenas as mulheres, também os afro-americanos, os homossexuais, etc. Violento, anárquico, divertido e imaginativo, é um dos últimos grandes momentos da tradição *agitprop* no cinema. A exibir em cópia digital.

COMUNIDADE

Em julho prolongamos várias vertentes distintas de um cinema comunitário ou feito de comunidades. Do uso dos recursos estéticos do cinema para a criação de movimentos corais que extravasam o individual como, de modo tão diferente, fizeram King Vidor, Howard Hawks, ou Frank Capra no período áureo do cinema clássico norte-americano; ao retrato por Roberto Rossellini de S. Francisco e da primeira comunidade de frades que o acompanharam, num realismo poético despojado; ou a muito recente “história” de Ihjãc Krahô e da sua comunidade indígena filmada por João Salaviza e Renée Nader Messoria. A estes olhares somamos o mundo estilizado de Aki Kaurismäki no segundo capítulo da sua trilogia portuária e as gravuras animadas por Regina Pessoa, dois filmes que traduzem perspetivas acutilantes sobre a diferença face a comunidades hostis.



TOIVON TUOLLA PUOLEN

► Quarta-feira [03] 21h45 | Esplanada

AN AMERICAN ROMANCE

de King Vidor

com Brian Donlevy, Ann Richards, Walter Abel

Estados Unidos, 1944 – 121 min / legendado em português | M/12

AN AMERICAN ROMANCE devia ter sido a parte central de uma trilogia idealizada por King Vidor. Depois da celebração da “terra” em OUR DAILY BREAD, Vidor queria “cantar” a odisseia do aço. O filme conta a história de um emigrante que se torna um magnata da produção de aço, culminando com o voo de centenas de aviões rumo ao combate em plena guerra. Apesar de não corresponder ao projeto inicial (de 151 minutos foi cortado para 122) e de Vidor ter sido forçado a aceitar um ator que não queria (Donlevy), AN AMERICAN ROMANCE projeta uma força telúrica e um sentido de comunidade como só Vidor sabia captar.

► Terça-feira [09] 21h45 | Esplanada

ONLY ANGELS HAVE WINGS

Paraíso Infernal

de Howard Hawks

com Cary Grant, Jean Arthur, Richard Barthelmess, Thomas Mitchell, Rita Hayworth

Estados Unidos, 1939 – 120 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Howard Hawks realizou obras-primas em quase todos os géneros do cinema de Hollywood (musicais, comédias, westerns, filmes “negros”) e também em filmes de aviação, de que ONLY ANGELS

HAVE WINGS é exemplo. Protagonista do filme, Cary Grant, explicava assim o segredo da sua atração: “I play myself.” Em ONLY ANGELS HAVE WINGS, ele é o homem que nunca tem lume e atira sempre uma moeda (sem coroa) ao ar perante uma dúvida e é o centro de um coletivo vibrante. A quintessência do cinema de Howard Hawks: um filme de aviadores, de sacrifício por amor, de amizade e de heróis suicidários. Um dos mais belos filmes do mundo, onde Kid morre, na mais bela morte da História do cinema em que “música e murmúrios comandam tudo”.

► Quarta-feira [10] 21h45 | Esplanada

TOIVON TUOLLA PUOLEN

O Outro Lado da Esperança

de Aki Kaurismäki

com Sherwan Haji, Sakari Kuosmanen, Katia Pakarinen

Finlândia, Alemanha, 2017 – 100 min / legendado em português | M/12

Khaled, um refugiado sírio que perdeu quase toda a sua família, procura exílio na Finlândia. A sua história é um retrato dos desafios enfrentados por muitos que se deparam com a burocracia estatal e a xenofobia. A certa altura, Khaled cruza-se com Wikström, um vendedor ambulante que decide mudar radicalmente de vida e investe todo o dinheiro que ganha numa partida de póquer na compra de um pequeno restaurante, onde acaba por empregar Khaled. Entre Wikström e Khaled cresce uma relação de amizade e confiança, que os ajudará a enfrentar os desafios das suas novas vidas, demonstrando como

a aliança poderá fazer a diferença. Vencedor do Urso de Prata para melhor realizador no Festival Internacional de Cinema de Berlim de 2017, O OUTRO LADO DA ESPERANÇA revela como Kaurismäki e a sua equipa de colaboradores habituais criam um mundo próprio em que a realidade é transformada pela fantasia.

► Terça-feira [16] 21h45 | Esplanada

GOLD DIGGERS OF 1933

Orgia Dourada

de Mervyn LeRoy

com Warren William, Joan Blondell,

Aline MacMahon, Ruby Keeler

Estados Unidos, 1933 - 97 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Realizado por Mervyn LeRoy, com canções de Harry Warren e Al Dubin, GOLD DIGGERS OF 1933 é um dos filmes da vertigem caleidoscópica Busby Berkeley dos anos trinta. Em plena Grande



Depressão, é uma produção pré-Código Hays da Warner Bros. Baseada na peça da Broadway (1919) já adaptada ao cinema em 1923 e 1929 (GOLD DIGGERS, de David Belasco, e GOLD DIGGERS OF BROADWAY, de Roy Del Ruth), as "gold diggers" são quatro aspirantes a atrizes. Os famosos números musicais prodigiosamente coreografados são *We're in the Money*, *Pettin' in the Park*, *The Shadow Waltz* e *Remember my Forgotten Man*.

► Quarta-feira [17] 21h45 | Esplanada

FRANCESCO GIULLARE DI DIO

O Santo dos Pobrezinhos

de Roberto Rossellini

com Aldo Fabrizi, Arabella Lemaitre, Frei Nazario Gerardi,

Padre Roberto Sorrentino, Frade Nazareno, Peparuolo e os frades do convento de Maiori e Baronissi

Itália, 1950 - 75 min / legendado em português | M/12

Em FRANCESCO GIULLARE DI DIO contam-se episódios da vida de S. Francisco de Assis e da sua comunidade de seguidores, numa das mais austeras obras de Roberto Rossellini, que aplica à época da ação as "técnicas" neorrealistas de ROMA, CITTÀ APERTA e PAISA. Totalmente filmado em exteriores e só com dois atores profissionais, é uma lição de humildade na forma e

no tema, a propósito do patrono dos simples e dos humildes - "é o estilo que também é franciscano" (Rudolf Thome). Dividido em onze episódios, é um filme de uma limpidez despojada e essencial, que tanto parece antecipar algumas coisas da futura fase "televisiva" de Rossellini como abrir um caminho por onde enveredarão, anos mais tarde, certas obras de Straub e Huillet.

► Terça-feira [23] 21h45 | Esplanada

CHUVA É CANTORIA NA ALDEIA DOS MORTOS

de João Salaviza, Renée Nader Messoria

com Henrique Ijhãc Krahô, Raene Kôtô Krahô

e os habitantes da aldeia Pedra Branca

Portugal, Brasil, 2019 - 114 min / legendado em português | M/12

Após a morte do pai, Ijhãc, um jovem da etnia Krahô, foge para a cidade depois de se recusar a preparar a tradicional festa de fim de luto que permitiria que o espírito do pai pudesse partir para a aldeia dos mortos. Longe do seu povo e da sua cultura, Ijhãc enfrentará as dificuldades de um indígena face ao Brasil contemporâneo. Premiado em 2019 em Cannes na Secção "Un Certain Regard", CHUVA É CANTORIA NA ALDEIA DOS MORTOS é também um documento sobre uma comunidade que a dupla de cineastas conhece muito bem e que enfrenta a destruição das suas práticas ancestrais. Primeira apresentação na Cinemateca.

► Quinta-feira [25] 21h45 | Esplanada

HISTÓRIA TRÁGICA COM FINAL FELIZ

de Regina Pessoa

Portugal, Canadá, França, 2005 - 7 min

IT'S A WONDERFUL LIFE

Do Céu Caiu Uma Estrela

de Frank Capra

com James Stewart, Donna Reed, Lionel Barrymore,

Thomas Mitchell, Gloria Grahame,

Henry Travers, Beulah Bondi

Estados Unidos, 1946 - 129 min / legendado eletronicamente português

duração total da projeção: 136 min | M/12

HISTÓRIA TRÁGICA COM FINAL FELIZ, premiado filme de Regina Pessoa, lida com a diferença e com a singularidade pessoal face à integração social na pele de uma menina "diferente", que se isola face à intolerância da sua comunidade. IT'S A WONDERFUL LIFE marcou o regresso de Frank Capra no pós-Segunda Guerra. Transformou-se num filme de culto. Pode ser a história de um homem que vê o seu mundo desaparecer de súbito. Pode ser a história de um anjo que busca também, desde há muito, a oportunidade de arranjar um par de asas. Pode ser, enfim, a história do mundo saído do pesadelo da guerra, perdidas as ilusões e também em busca de nova oportunidade. Uma obra-prima com "[...] os 'discursos' de Stewart (sempre vagamente demagógicos); o 'point me in the right direction'; o telefonema a três e o beijo a dois (a câmara sem se mexer, num dos mais prodigiosos planos que alguma vez alguém assinou); a 'wedding night'; e o beijo de Ernie a Bert (essa sequência é inadjetivável)" (João Bénard da Costa). A apresentar em cópias digitais.

FUTURO

Em julho, o eixo do FUTURO estrutura-se em redor do subtítulo “Começos e Recomeços”. Para isso convocamos uma série de títulos que, aproveitando o contexto do cinema na Esplanada da Cinemateca, nos apresentam personagens em momentos de encruzilhada: ora o espírito de devoção maternal pelo anticristo, ora o desejo de pertença (a um ninho, a uma casa) e o desejo de liberdade, ora o grito festivo da estrada, ora uma carreira que se levanta (e cai), ora as etapas veranís do crescimento, ora ainda o gatilho atrevido de uma mudança de vida.



► **Sábado [06] 21h45 | Esplanada**

ROSEMARY'S BABY

A Semente do Diabo

de Roman Polanski

com Mia Farrow, John Cassavetes, Ruth Gordon, Sidney Blackmer

Estados Unidos, 1968 - 135 min

legendado eletronicamente em português | M/16

Uma das obras mais influentes do cinema americano dos anos sessenta. Praticamente todo o cinema de terror que a partir da década seguinte se vulgarizou nasce com este primeiro filme feito por Polanski nos Estados Unidos e ambientado no famoso edifício Dakota em Nova Iorque. Mia Farrow é a jovem portadora da “semente do diabo”, vendida pelo marido em troca de sucesso na carreira. Visto no contexto do “futuro”, este é um filme sobre a promessa de uma renovação (se bem que satânica - mas, não se pode ter tudo...). Talvez o ponto mais alto da obra de Roman Polanski.

► **Segunda-feira [08] 21h45 | Esplanada**

TURDUS MERULA LINNAEUS, 1758

de João Pedro Rodrigues

Portugal, 2020 - 13 min

DESASSOSSEGO

de Catarina Mourão

Portugal, 2003 - 77 min

duração total da projeção: 90 min | M/12

Realizado durante a pandemia (e a convite do projeto Sala de Projeção, que a Cinemateca Portuguesa organizou durante o confinamento), TURDUS MERULA LINNAEUS, 1758 retrata

18 dias durante os quais um melro macho cuida e garante a segurança dos seus filhotes, até que soltem o ninho - sendo que o dia do primeiro voo é o 25 de Abril. Já em DESASSOSSEGO, Catarina Mourão conta três histórias urbanas que têm como pretexto a mudança de casa. A primeira história centra-se numa agência imobiliária. A segunda tem como protagonista uma jovem mãe que se está a mudar. A terceira foca-se numa empresa de mudanças. Que novos mundos se projetam através de uma casa?

► **Sábado [13] 21h45 | Esplanada**

WILD AT HEART

Um Coração Selvagem

de David Lynch

com Nicolas Cage, Laura Dern, Willem Dafoe, Isabella Rossellini, Harry Dean Stanton

Estados Unidos, 1990 - 123 min / legendado em português | M/16

Ele chama-se Elvis (e acaba de sair da prisão) e ela Marilyn, e ambos estão em fuga ao longo de uma estrada a caminho de Oz ou do Inferno, abençoados por uma fada saída diretamente do filme de Victor Fleming. David Lynch revisita a mitologia clássica de Hollywood (e a iconografia de O FEITICEIRO DE OZ), através de dois extraordinários atores de corpos convulsos: Nicolas Cage e Laura Dern. A estes junta-se um elenco fabuloso (Willem Dafoe, Isabella Rossellini, Harry Dean Stanton) num filme insólito e brutal, onde a promessa de um recomeço se encontra - talvez - no horizonte da intimidade.

► **Sábado [20] 21h45 | Esplanada**

BOOGIE NIGHTS

Jogos de Prazer

de Paul Thomas Anderson

com Mark Wahlberg, Julianne Moore, Burt Reynolds,
John C. Reilly, Don Cheadle,
William H. Macy, Philip Seymour Hoffman

Estados Unidos, 1997 - 165 min / legendado em português | M/16

BOOGIE NIGHTS celebra o êxtase e a queda do período de ouro do cinema pornográfico norte-americano (a década de setenta), oferecendo, através de um extraordinário elenco, um olhar eufórico e tumular sobre uma família de personagens que deu a sua vida para viver a sua ficção, numa obra onde Paul Thomas Anderson homenageia, também, as referências cinematográficas do seu país (como Martin Scorsese ou Robert Altman). Um filme sobre o desejo de sucesso de um novato (particularmente dotado para a indústria da pornografia) e as inevitáveis curvas e contracurvas que se lhe apresentam.

► **Segunda-feira [22] 21h45 | Esplanada**

ENTRECAMPOS

de João Rosas

com Francisco Melo, Francisca Alarcão,
João Simões, Miguel Carmo

Portugal, 2012 - 32 min

MARIA DO MAR

de João Rosas

com Francisco Melo, Miguel Carmo, Mariana Galvão,
Miguel Plantier, Paola Giuffrida, Mestre André

Portugal, 2015 - 33 min

CATAVENTO

de João Rosas

com Francisco Melo, Francisca Alarcão, Rita Poças, Simão
MárCIA, Beatriz Forjaz

Portugal, 2020 - 41 min

duração total da projeção: 106 min | M/12

Ao longo de quase uma década, o realizador João Rosas acompanhou o crescimento de Francisco Melo, aliás, Nicolau. Ele e a sua amiga Mariana (Francisca Alarcão/Mariana Gaivão) são retratados em três curtas, que os apanham aos 11, aos 14 e aos 19 anos. Poder-se-ia chamar, como o livro de Tolstói, "Infância, Adolescência, Juventude", mas na verdade, Rosas está mais próximo de Richard Linklater ou Céline Sciamma e este é, até certo ponto, o BOYHOOD/GIRLHOOD português. São três filmes sobre as várias etapas do crescimento e, como afirmou o realizador, "sobre a curiosidade pelo mundo e a ânsia pela descoberta". Uma trilogia do crescimento para uma noite de verão.

► **Sábado [27] 21h45 | Esplanada**

JACKIE BROWN

Jackie Brown

de Quentin Tarantino

com Pam Grier, Samuel L. Jackson, Robert Forster,
Robert De Niro, Bridget Fonda

Estados Unidos, 1997 - 154 min / legendado em português | M/16

É tido pelo menos Tarantino dos filmes de Tarantino - mas é, possivelmente, aquele que o próprio realizador mais gosta e defende (o seu recente livro *Cinema Speculation* é, até certo ponto, um ensaio autobiográfico em torno das referências que deram origem a JACKIE BROWN). Filme de homenagem aos *blaxploitation* dos anos 1970, é também um filme dedicado à grande atriz desse subgénero, Pam Grier. Adaptado de um romance de Elmore Leonard, Tarantino deu uma pistola à protagonista e pô-la num labirinto de violência onde vários grupos se confrontam. Uma mulher perante uma escolha (trair a máfia e entregar-se à polícia ou deixar-se capturar e permanecer em silêncio) tem de decidir o seu destino.





Em agosto, com os dias longos a apelar a desfrutar do cinema ao ar livre, continuam as sessões de cinema na esplanada da Cinemateca (com horário antecipado para as 21h30), mas haverá também mais uma sessão ao final do dia na sala M. Félix Ribeiro. Ambas as sessões serão exclusivamente preenchidas com filmes programados no âmbito dos quatro eixos do Ciclo “Que Farei Eu com Esta Espada?” dedicado aos 50 anos do 25 de Abril, iniciado em janeiro e que se prolongará até ao final de 2024.

LIBERDADE

Sempre no espírito da celebração de Abril de 1974, a *liberdade* corre em agosto ao lado dos demais subprogramas de 2024, “Que Farei Eu com Esta Espada?”: são seis propostas a ver, ou na Esplanada ou no escuro da sala M. Félix Ribeiro, combinando as linhas, várias, que têm tecido o programa feito de fugas para a liberdade, pulsões de liberdade, criatividade artística vanguardista. A constelação de agosto agrupa a corrente de Cocteau com Renoir e o beijo pioneiro de Edison, e ainda Godard, Fassbinder, mas também a irrisão de Billy Wilder e, noutra vertente, o realismo de Ken Loach.

- ▶ Quinta-feira [01] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [22] 21h30 | Esplanada

LE SANG D'UN POÈTE

de Jean Cocteau

com Enrique Rivero, Pauline Carton, Odette Talazac

França, 1930 - 55 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Das primeiras incursões de Cocteau no cinema, LE SANG D'UN POÈTE contém elementos autobiográficos que voltam em várias das suas obras e algumas das suas obsessões, como os espelhos e a passagem para “o outro lado”. Cocteau é um dos grandes poetas do século XX, qualidade que se estende aos seus filmes, de uma muito peculiar carga poética. LE SANG D'UN POÈTE viria a ser o primeiro título da “Trilogia de Orfeu” também composta por ORPHÉE (1950) e LE TESTAMENT D'ORPHÉE (1959). A apresentar em cópia digital.

- ▶ Sábado [03] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [19] 21h30 | Esplanada

THE KISS

de William Heise (catálogo Thomas Edison)

com May Irwin, John C. Rice

Estados Unidos, 1896 - 1 min, mudo / sem intertítulos

LE DÉJEUNER SUR L'HERBE

de Jean Renoir

com Paul Meurisse, Catherine Rouvel, Fernand Sardou

França, 1959 - 93 min / legendado eletronicamente em português

duração total da projeção: 94 min | M/12

No princípio era o comboio, saídas de fábrica, vistas Lumière, prestidigitadores Méliès. Depois foi o beijo: tão lenda e realidade como os motivos e filmes pioneiros anteriores, THE KISS é o primeiro beijo filmado da História do cinema. Trata-se da encenação do beijo da cena final do musical *The Widow Jones*, em abril de 1896, nos estúdios Edison, entre May Irwin e John C. Rice. O catálogo Edison anunciava-o assim - “Prepararam-se para se beijarem, começaram a beijar-se, e beijaram-se e beijaram-se de uma maneira tal que a casa vem sempre a baixo.” A publicidade seria enganosa mas a “anatomia de um beijo” que o *New York World* reportou indicava, e visionária, que “a ideia do beijo cinetoscópico tem possibilidades ilimitadas”. LE DÉJEUNER SUR L'HERBE é dos filmes mais livres de Jean Renoir, na linha impressionista de PARTIE DE CAMPAGNE, com piquenique e vendaval, chamando à colação um cientista que acredita numa cura para a paixão e pondo, sobretudo, em cena, a natureza e a natureza humana. Um filme espantosamente jovem, um canto à vida e à natureza no ritmo rápido de um bailado. A apresentar em cópias digitais.

- ▶ Segunda-feira [05] 21h30 | Esplanada
- ▶ Segunda-feira [12] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

STALAG 17

Inferno na Terra

de Billy Wilder

com William Holden, Don Taylor, Otto Preminger,
Robert Strauss, Peter Graves, Neville Brand, Sig Ruman

Estados Unidos, 1953 - 120 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Tudo pode ser alvo da ironia do mestre da comédia que é Billy Wilder, mesmo situações dramáticas como a de STALAG 17, ambientado num campo de prisioneiros americanos na Alemanha, no Natal de 1944. Trata-se de um dos filmes mais irreverentes de Wilder, que veio quebrar a imagem estabelecida sobre os campos de prisioneiros, e abalar o mito da solidariedade. Em STALAG 17, a sorte protege os «empreendedores» e o seu sucesso provoca não poucas invejas, o que serve de pretexto para um ajuste de contas, num espaço exclusivamente masculino, no qual a presença feminina é uma *pin-up* pregada na parede. “E STALAG 17, que alguns consideram a obra-prima do cineasta, não deixa nesse aspecto dúvidas a ninguém. O mundo concentracionário “pintado” por Wilder é um dos mais sombrios e nenhuma das personagens se salva dum tratamento bastante cruel e bastante cáustico.” (João Bénard da Costa)

- ▶ Terça-feira [06] 21h30 | Esplanada
- ▶ Terça-feira [13] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

PIERROT LE FOU

Pedro, O Louco

de Jean-Luc Godard

com Jean-Paul Belmondo, Anna Karina, Samuel Fuller

França, 1965 - 109 min / legendado em português | M/12

Emblema dos anos sessenta, emblema do cinema moderno, PIERROT LE FOU adquiriu há muito o estatuto de clássico. O mais famoso filme de Godard, de “uma beleza sublime” no dizer de Louis Aragon, continua a entusiasmar as novas gerações que o descobrem. Pierrot e Marianne, deixam subitamente Paris e saem pelas estradas de França, “vivendo perigosamente até ao fim”. Amam-se e matam(-se), mas principalmente recusam a civilização tal como o pequeno-burguês a concebe, vivendo o instante e o dia-a-dia. A fotografia a cores de Raoul Coutard é um compêndio de muitas tendências estéticas dos anos sessenta. É aqui que Godard filma Fuller a afirmar que “o cinema é como um campo de batalha. Amor. Ódio. Ação. Violência. Morte. Numa palavra: emoção”. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Segunda-feira [12] 21h30 | Esplanada
- ▶ Segunda-feira [19] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

FAUSTRECHT DER FREIHEIT

O Direito do Mais Forte à Liberdade

de Rainer Werner Fassbinder

com Rainer Werner Fassbinder, Peter Chatel,
Ulla Jacobsen, Karlheinz Böhm

Alemanha, 1975 - 125 min / legendado em português | M/16

É um dos mais célebres Fassbinder, que também desempenha o papel principal. O DIREITO DO MAIS FORTE À LIBERDADE foi feito a seguir à descoberta, pelo realizador, do cinema de Douglas Sirk, cujo universo cinematográfico transpõe de modo muito particular. Retrato impiedoso da sociedade alemã do pós-Guerra, combina o melodrama, a crítica à sociedade capitalista, o motivo da manipulação dos sentimentos: um proletário que ganha na lotaria, torna-se amante de um burguês cujos negócios não correm bem. O filme começa como um sonho e acaba em pesadelo: depois de explorado até ao último tostão, o proletário é abandonado, num desenlace nada feliz. “Trata-se de uma história de amor em que uma pessoa explora o amor da outra. Na verdade, é essa a história que eu conto sempre.” (Fassbinder)

- ▶ Terça-feira [13] 21h30 | Esplanada
- ▶ Terça-feira [20] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

LAND AND FREEDOM

Terra e Liberdade

de Ken Loach

com Ian Hart, Rosana Pastor, Frederic Pierrot, Tom Gilroy,
Iciar Bollain

Reino Unido, Espanha, Alemanha, 1995 - 109 min / legendado em português | M/12

Narrado num longo *flashback*, ambientado em 1936, o filme de Ken Loach com argumento de Jim Allen segue a história de David Carr, um trabalhador desempregado e membro do partido comunista britânico que decide combater o fascismo na Guerra Civil Espanhola pelos republicanos, trocando Liverpool pela frente de Aragão e depois Barcelona. Prémio da Crítica em Cannes 1995. “Um filme independente é uma vozinha no coro do discurso público. Mas existem estruturas de poder que sancionam a opressão do trabalhador e prioridades que produzem pobreza. É meu dever assinalá-las. Mas fui aprendendo que a investigação tem de ser cuidadosa porque será contestada, e serei acusado de fabricar ficção, e haverá hostilidade.” (Ken Loach)



REVOLUÇÃO

Para agosto, mais um punhado de filmes que refletem sobre a revolução e as inspirações revolucionárias, vindos de várias partes do mundo. De Cuba, o filme único (em vários sentidos) que é *DE CIERTA MANERA*, de Sara Gómez; do Reino Unido, um semi-clássico sobre as revoltas juvenis e estudantis (no mesmo ano do Maio de 68 no outro lado da Mancha), o *IF...* de Lindsay Anderson. Em *CEDDO*, o senegalês Ousmane Sembène criava um pequeno escândalo ao propor que a islamização do continente africano equivalia a uma operação colonizadora tão profunda como a dos europeus ou mais ainda. Do México, um olhar romântico (e “pacificador”) sobre a revolução mexicana, o fabuloso *ENAMORADA* de Emilio Fernández, obra de génio com a genial Maria Félix no zénite da sua glória. Do Chile, o tríptico (que na Cinemateca nunca tinha passado integralmente) com que Patricio Guzmán examinou a sociedade chilena durante o curto tempo de Salvador Allende no poder. Do Canadá, *24 HEURES OU PLUS*, o mais polémico filme de Gilles Groulx sobre o sentimento do Québec e dos francófonos face ao domínio da maioria anglófona. De França, *LES AMANTS RÉGULIERS*, a meditação mais completa de Philippe Garrel sobre Maio de 68, uma meditação diferida e dorida mas com uma capacidade espantosa de fazer reviver o sentido das possibilidades da juventude da época.

► Sexta-feira [02] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

► Terça-feira [20] 21h30 | Esplanada

DE CIERTA MANERA

de Sara Gómez

com Mario Balmaseda, Yolanda Cuellar

Cuba, 1977 - 78 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um filme, e uma realizadora, muito singulares no panorama do cinema cubano de inspiração revolucionária. Sara Gómez foi a única mulher cineasta cubana da sua geração, e *DE CIERTA MANERA* devia ter sido apenas a sua primeira longa-metragem. Mas Gómez morreu súbita e precocemente, com apenas 31 anos, em 1974, sem ter concluído o filme, que depois foi terminado por colaboradores seus e estreado postumamente em 1977. O filme mistura brilhantemente a ficção (a relação entre uma professora primária e um motorista de autocarro) e um estilo documental de ataque à realidade, para um exame dos bairros suburbanos de Havana e da relação entre as condições “objetivas” (isto é, materiais) da Revolução e as condições “subjetivas” (as mentalidades), num olhar crítico e transversal sobre a sociedade cubana no princípio dos anos 1970. A exibir em cópia digital. Primeira apresentação na Cinemateca.

► Sábado [03] 21h30 | Esplanada

► Sábado [10] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

IF...

Se...

de Lindsay Anderson

com Malcom McDowell, David Wood, Richard Warwick

Reino Unido, 1968 - 110 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Situado num rico colégio interno, o filme de Lindsay Anderson é uma magnífica representação da revolta da juventude dos anos 60 e das suas causas. O sistema disciplinar e hierárquico é demasiado rígido para a evolução da sociedade. Os alunos acabam por se revoltar contra as autoridades, de modo muito mais violento do que em *ZÉRO DE CONDUITE*, de Jean Vigo, a cujo

desenlace *IF...* faz uma alusão transparente. No papel principal, Malcom McDowell, a futura vedeta de *A CLOCKWORK ORANGE*. A exibir em cópia digital.

► Terça-feira [06] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

► Quarta-feira [28] 21h30 | Esplanada

CEDDO

de Ousmane Sembène

com Tabata Ndiaye, Madir Fatim Fall, Ismaila Diagne, Matoura Dia

Senegal, França, 1976-77 - 116 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um filme que causou polémica à época, sobretudo nos meios muçulmanos, o que serviu de pretexto para a sua proibição



no Senegal (além de um suposto erro de ortografia na palavra “ceddo”, que se escreveria com um só d...). O filme irritou profundamente os críticos e cineastas árabes, pois Sembène equipara a chegada do Islão à África a uma forma de colonialismo, comparável ao europeu (no filme, uma das crianças negras convertida, à revelia, ao Islão recebe o nome de Ousmane...). Quando o rei dos Ceddo parte para a guerra, um sacerdote muçulmano converte à força toda a sua tribo, exceto a filha do rei e o homem que a raptou, à guisa de protesto. Apesar da vitória do Islão, a filha do rei terá um combate singular com o sacerdote muçulmano, numa das cenas mais fortes e mais despojadas do cinema de Ousmane Sembène. Em vez de realizar um “épico”, um filme repleto de batalhas e figurantes, o realizador senegalês preferiu uma *mise en scène* reduzida, que tem algo de brechtiano, pois apresenta um caso exemplar.

► Quarta-feira [07] 21h30 | Esplanada

► Quarta-feira [14] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

ENAMORADA

Enamorada

de Emilio Fernández

com Maria Félix, Pedro Armendáriz, Fernando Fernández, José Morcillo, Miguel Inclán

México, 1946 – 99 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Nos anos 40 e 50, o cinema mexicano era feito em moldes industriais e era exportado para vários países do mundo. ENAMORADA é um dos grandes clássicos deste cinema (foi inclusive objeto de um *remake* em Hollywood), realizado pelo cineasta mais célebre do país, com duas das suas maiores vedetas e a magnífica fotografia de Gabriel Figueroa. Trata-se da história de uma personagem à Pancho Villa, que ocupa uma pequena cidade, onde se apaixona pela vulcânica filha de um dos homens mais ricos da terra, que o trata literalmente com os pés. Mas, quando o homem bate em retirada, a mulher segue-o, no plano final, plagiado de MOROCCO, de Sternberg. A exhibir em cópia digital, cedida pelo ACERVO FILMOTECA UNAM.

► Quarta-feira [21] 21h30 | Esplanada

► Terça-feira [27] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro

LES AMANTS RÉGULIERS

Os Amantes Regulares

de Philippe Garrel

com Louis Garrel, Clotilde Hesme, Julien Lucas

França, 2005 – 178 min / legendado em português | M/12

LES AMANTS RÉGULIERS é o mais aclamado filme de Philippe Garrel de entre a sua produção recente. Foi-lhe atribuído o prêmio Louis Delluc, e Garrel recebeu também o Leão de Prata no festival de Veneza de 2005. Trata-se de uma reconstituição do Maio de 68 (com os tumultos encenados a preto e branco) e do relato de uma história de amor adolescente que decorre nesse contexto. Ao mesmo tempo, da parte de Garrel, a evocação do tempo e do cinema da *Nouvelle Vague*.

► Quinta-feira [22] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

► Segunda-feira [26] 21h30 | Esplanada

24 HEURES OU PLUS

de Gilles Groulx

Canadá, 1973 – 113 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Gilles Groulx (1931-1994) foi um dos mais brilhantes cineastas canadianos da sua geração, autor de filmes belíssimos, altamente devedores da modernidade europeia dos anos 60, sobre a condição e o sentimento *québécois* (como, nomeadamente, essa obra-prima que é LE CHAT DANS LE SAC, 1964). 24 HEURES OU

PLUS foi um dos seus filmes mais polémicos e viu-se envolvido numa controvérsia com algum ineditismo: a própria instituição que o produziu (o Office National du Film du Canada) proibiu a sua estreia, a pretexto de ver nele uma “rejeição total do sistema político e económico do Canadá”. O olhar de Groulx é sem dúvida “militante”, eventualmente de inspiração marxista, e o seu filme, rodado num período temporal bastante curto (outubro e novembro de 1971), faz uma espécie de ponto da situação dos sentimentos da população francófona do Canadá face ao domínio da maioria inglesa. A exhibir em cópia digital.

► Quinta-feira [29] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

LA BATALLA DE CHILE I: LA INSURRECCIÓN DE LA BURGUESÍA

de Patricio Guzmán

Chile, 1976 – 98 min / legendado eletronicamente em português | M/12

LA INSURRECCIÓN DE LA BURGUESÍA é a primeira parte de um documentário histórico realizado por Patricio Guzmán, que revela como meses antes do golpe de Estado de 1973 a sociedade chilena se preparava para uma decisiva eleição em que a Direita se preparava para derrotar a Esquerda de Salvador Allende. Esta primeira parte do que seria uma trilogia, termina com o assassinato do jornalista Leonardo Heinrichsen, que encena a sua própria morte, antecipando o que lhe iria acontecer alguns meses depois. Só tendo sido projetado no Chile em 1990 o filme tem circulado pelo mundo inteiro. A produção é de Chris Marker.

► Sexta-feira [30] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

LA BATALLA DE CHILE II: EL GOLPE DE ESTADO

de Patricio Guzmán

Chile, 1976 – 91 min / legendado eletronicamente em português | M/12

EL GOLPE DE ESTADO é a segunda parte do documentário de Guzmán e retrata o ponto crítico do golpe da Direita chilena que, face à impossibilidade vencer o governo socialista nas urnas, leva a sua oposição às ruas. Ao longo do filme assistimos ao desencadear do golpe, com a morte de Allende e a criação de uma junta militar encabeçada por Augusto Pinochet. Adotando uma posição muito clara, Guzmán documenta as discussões internas da Esquerda e a estratégia implacável da Direita que conduziu à sublevação de setembro de 1973.

► Sábado [31] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

LA BATALLA DE CHILE III: EL PODER POPULAR

de Patricio Guzmán

Chile, 1979 – 80 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Com EL PODER POPULAR conclui-se a trilogia de Patricio Guzmán sobre o período em que Salvador Allende dirigiu o Chile. O filme centra-se nos movimentos operários e noutras formas de mobilização popular (cooperativas industriais e rurais, associações comunitárias) com que o povo chileno acompanhou o ímpeto político de Allende. Este último tomo da trilogia é inédito na Cinemateca.

COMUNIDADE

A aventura comanda o núcleo das comunidades projetadas, em agosto, no ramo do programa “Que Farei Eu com Esta Espada?” dedicado à organização no coletivo, à união por traços comuns. Em modo Robin dos Bosques, na versão de Michael Curtiz e William Keighley, com Errol Flynn e Olivia de Havilland; revisitando a ímpar Americana de Ford que retrata Lincoln dando-lhe a figura de Henry Fonda; mergulhando numa família do bairro de Watts, no sul de Los Angeles, no registo “L.A. Rebellion” de Billy Woodberry; seguindo a sensibilidade do olhar de Kinuyo Tanaka num retrato das comunidades marginalizadas de mulheres japonesas no pós-Guerra; revisitando a experiência revolucionária da comunidade piscatória algarvia da Meia Praia, filmada por Cunha Telles depois de 1974; seguindo viagem com as vistas Lumière que agregaram comunidades dispersas pelo mundo, formando uma comunidade de cinema.

- ▶ Quinta-feira [01] 21h30 | Esplanada
- ▶ Quinta-feira [08] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

YOUNG MR. LINCOLN

A Grande Esperança

de John Ford

com Henry Fonda, Alice Brady, Marjorie Weaver,
Donald Meek, Ward Bond

Estados Unidos, 1939 - 100 min / legendado em português | M/12

Inspirando-se num episódio da vida de Abraham Lincoln no começo da sua carreira de advogado, John Ford dirige um dos filmes maiores da sua obra e um dos mais pessoais. Para muitos, é mesmo a sua obra-prima absoluta. Eisenstein referiu-se a YOUNG MR. LINCOLN como o filme que gostaria de ter feito. O retrato mítico de Lincoln assenta numa narrativa de descoberta e ascensão do jovem Lincoln, na qual a política emerge como a arte do indivíduo em ligação estreita com a sua comunidade.

- ▶ Segunda-feira [05] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [27] 21h30 | Esplanada

ONNA BAKARI NO YORU

Mulheres da Noite

de Kinuyo Tanaka

com Chisako Hara, Akemikita, Yôsuke Natsuki

Japão, 1961 - 92 min / legendado em português | M/12



No Japão do pós-II Guerra e do pós-lei anti-prostituição de 1956, esta produção Toho filmada à largura TohoScope foi laboriosamente trabalhada pela realizadora Kinuyo Tanaka com a argumentista Sumie Tanaka (sua colaboradora em PARA SEMPRE MULHER e argumentista regular de Mikio Naruse), no curso de uma investigação nos centros ditos de reabilitação de trabalhadoras do sexo que, procurando outros caminhos, se viam perseguidas pelo estigma do passado. É um retrato de comunidades femininas, de dificuldades reiteradas, percursos solitários, discriminações recorrentes, solidariedades renovadas, que adota a perspetiva das mulheres e mantém a imunidade do julgamento moral. A história fixa-se na personagem de uma rapariga que sai de um desses centros para trabalhar

numa mercearia, numa fábrica, numa estufa de rosas e por fim ao lado de outras trabalhadoras da dura arte tradicional de mergulhadoras *ama*. Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.

- ▶ Quarta-feira [07] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [29] 21h30 | Esplanada

BLESS THEIR LITTLE HEARTS

de Billy Woodberry

com Kaycee Moore, Nate Hardman, Angela Burnett,
Ronald Burnett, Kimberley Burnett

Estados Unidos, 1984 - 80 min / legendado eletronicamente em português | M/12

COM A PRESENÇA DE BILLY WOODBERRY NA SESSÃO DE DIA 7

Com argumento e fotografia de Charles Burnett, a primeira longa-metragem de Billy Woodberry é um título fundamental do cinema independente americano. É uma obra indissociável do “L.A. Rebellion”, termo que consagrou o trabalho do grupo de cineastas afro-americanos saídos da UCLA entre as décadas de sessenta e oitenta. BLESS THEIR LITTLE HEARTS foi realizado no contexto da UCLA (depois estreado em 1984) e protagonizado por Kaycee Moore, atriz de KILLER OF SHEEP (Burnett, 1978): um retrato da vida de uma família do bairro de Watts, no sul de Los Angeles, afetada pelas consequências devastadoras das suas duras condições, que são temperadas pelo sentido de humor. Num luminoso preto e branco, é um filme de rara intensidade. “A sua poesia reside na exaltação dos pormenores do quotidiano” (Jim Ridley, *The Village Voice*). A apresentar em cópia digital.

- ▶ Quinta-feira [08] 21h30 | Esplanada
- ▶ Segunda-feira [26] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

CONTINUAR A VIVER - OS ÍNDIOS DA MEIA PRAIA

de António da Cunha Telles

com José Veloso, José Romão/Foinhas, Fernando Romão,
pescadores da Meia Praia

Portugal, 1976 - 108 min | M/12

Cunha Telles filmou a experiência levada a cabo após o 25 de Abril de 1974 na comunidade piscatória da Meia Praia, em Lagos: entre 74 e 76 foi ensaiado um projeto que implicou a substituição das casas tradicionais por moradias de pedra e a tentativa de criação de uma cooperativa de pesca. OS ÍNDIOS DA MEIA PRAIA conta com a célebre e lindíssima canção de Zeca Afonso com o mesmo título. “CONTINUAR A VIVER, num visionamento contemporâneo, impressiona pela sua profunda ligação afetiva aos lugares e às pessoas. O ‘povo’, aqui, não é uma massa anónima e cinzenta, não é sequer um conceito político mais ou menos abstrato, mas faz-se de indivíduos, de rostos e de vozes.” (Luís Miguel Oliveira)

- Sábado [17] 21h30 | Esplanada
► Sábado [24] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE ADVENTURES OF ROBIN HOOD

As Aventuras de Robin dos Bosques
de Michael Curtiz, William Keighley
com Errol Flynn, Olivia de Havilland,
Claude Rains, Basil Rathbone

Estados Unidos, 1938 - 102 min / legendado eletronicamente em português | M/6

O definitivo Robin dos Bosques com Errol Flynn (num dos seus melhores papéis) no modelo perfeito para o herói, como Olivia de Havilland o é para Lady Marian. Claude Rains é o ganancioso príncipe John e Basil Rathbone é o "mau da fita" no papel de Xerife de Nottingham que persegue Robin Hood e os seus amigos pela floresta de Sherwood. Um dos melhores filmes de aventuras de sempre. Uma festa, na apreciação entusiasmada de Manuel Cintra Ferreira: "[...] trata] da luta contra as ambições de um ditador como os que nos anos 1930 se espalhavam pela Europa, imagem que se reproduz do personagem do príncipe John. Robin organiza a resistência, mais do que uma luta de libertação à escala geral, e aqui aproxima-se da versão de Dwan [ROBIN HOOD, 1922]. Sherwood é uma "zona libertada" onde têm abrigo os perseguidos pelo regime." A apresentar em cópia digital.

- Sexta-feira [23] 21h30 | Esplanada

LUMIÈRE! L'AVENTURE COMMENCE

Lumière! A Aventura Começa
de Thierry Frémaux

França, 2016 - 90 min / legendado em português | M/12

Composto e comentado por Thierry Frémaux, mais conhecido como programador e diretor do Festival de Cannes e do Instituto Lumière de Lyon, LUMIÈRE! é um filme-compilação de 108 dos 1422 títulos do catálogo Lumière, os irmãos pioneiros que inventaram o cinematógrafo, inauguraram as projeções de cinema em 1895, em Paris, enviaram operadores aos quatro cantos do mundo, ensaiaram os fundamentos da linguagem cinematográfica em vistas de cinquenta segundos. É simultaneamente a celebração do princípio de uma bela aventura, um trabalho sobre o património, a oportunidade de um renascimento, em projeção, das vistas cinematográficas rodadas entre 1895 e 1905. Organizado por motivos, a viagem pelo catálogo Lumière, segue uma narrativa que elucida as suas origens, progressos, variantes, dando a ver comunidades trabalhadoras ou recreativas e artísticas. Um documentário cheio de ficção. Primeira apresentação na Cinemateca.

FUTURO

No mês de agosto, o eixo do Futuro apresenta sete filmes em torno da ideia de "recomeço", partindo para isso da mui frequente situação-tipo: a saída da prisão (quase sempre cadeias de facto, por vezes cadeias psicológicas). Depois de um longo enclausuramento, estes sete homens têm um mundo de possibilidades à sua disposição. Mas não serão elas apenas aparentes? É sequer possível começar de novo? Não será a nostalgia do passado a mais segura das prisões?

- Sexta-feira [02] 21h30 | Esplanada
► Sexta-feira [09] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE LUSTY MEN

Idílio Selvagem
de Nicholas Ray
com Robert Mitchum, Susan Hayward, Arthur Kennedy,
Arthur Hunnicutt

Estados Unidos, 1953 - 110 min / legendado eletronicamente em português | M/12

THE LUSTY MEN é uma espécie de *western* moderno, cuja ação é situada na época da rodagem. Mitchum é uma ex-vedeta de *rodeos*, que inicia um *cowboy* nesta atividade. Atraído pela mulher deste, morre ao participar num último *rodeo*. Um dos mais belos filmes de Ray e um dos grandes papéis de Mitchum, na pele de um homem que tenta voltar ao passado para conquistar o futuro, mas fracassa, pois "you can't go home again".

- Sexta-feira [09] 21h30 | Esplanada
► Sexta-feira [16] 18h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LE CERCLE ROUGE

O Circulo Vermelho
de Jean-Pierre Melville
com Alain Delon, Bourvil, Yves Montand, François Périer,
Gian Maria Volonté

França, 1970 - 150 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Uma das duas grandes obras-primas de Melville, ao lado do mais abstrato LE SAMOURAÏ. A narrativa é um mecanismo perfeito,

como a de todo o grande filme policial. Na véspera da sua libertação, após cinco anos preso, o ladrão Corey (Alain Delon) é contactado por um guarda da prisão que lhe propõe um assalto a uma joalharia. É preciso ver a fabulosa sequência da evasão de Vogel (Gian Maria Volonté) do comboio e a do assalto para se ter a noção do que é o cinema de Melville: uma organização onde nada falha e tudo está no seu lugar. Excepcional presença dos três atores principais: Alain Delon frio e determinado, Yves Montand, arrombador de cofres alcoólico e Bourvil, célebre ator cômico, que faz aqui a sua despedida do cinema no pungente papel de um polícia solitário. A exhibir em cópia digital.

- Sábado [10] 21h30 | Esplanada
► Sábado [17] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE GETAWAY

Tiro de Escape
de Sam Peckinpah
com Steve McQueen, Ali McGraw, Ben Johnson,
Sally Struthers, Slim Pickens

Estados Unidos, 1972 - 122 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Adaptado de um romance de Jim Thompson por Walter Hill, THE GETAWAY é um dos *thrillers* que, ao lado de DIRTY HARRY, mais reuniram a tradição do género na década de 70. Steve McQueen, num papel carismático, é um presidiário libertado sob palavra em troca da colaboração num assalto. O que aproveita para ajustar contas com quem o traiu, ficando com o saque e passando a ser o alvo de uma implacável perseguição ao lado da mulher.



- ▶ Quarta-feira [14] 21h30 | Esplanada
- ▶ Quarta-feira [21] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

BUFFALO '66

Buffalo 66

de Vincent Gallo

com Vincent Gallo, Christina Ricci, Ben Gazzara,
Mickey Rourke, Angelica Huston, Rosanna Arquette

Estados Unidos, 1998 - 110 min / legendado em português / M/16

BUFFALO '66 é a longa-metragem de estreia de Gallo como realizador, sucedendo a algumas experiências mais curtas. O elenco de luxo contribui para que seja um dos mais aclamados filmes *indie* da década de noventa. O próprio Gallo contracenou com Christina Ricci, a jovem que Billy Brown rapta ao sair da prisão para persuadir os pais (Ben Gazzara e Angelica Huston) de que tinha uma namorada e que levava uma vida "normal", uma tentativa de corrigir o passado para assegurar, cinicamente, um "novo começo". Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Sexta-feira [16] 21h30 | Esplanada
- ▶ Sexta-feira [23] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

JAILHOUSE ROCK

O Prisioneiro do Rock and Roll

de Richard Thorpe

com Elvis Presley, Judy Tyler,
Mickey Shaughnessy, Vaughn Taylor

Estado Unidos, 1957 - 96 min / legendado eletronicamente em português / M/12

"Elvis Presley at his greatest", como diz a frase publicitária do cartaz de JAILHOUSE ROCK, terceiro filme de/com Elvis (pouco antes tinha-se estreado como estrela de cinema com LOVE ME TENDER e LOVING YOU). Elvis veste aqui a pele de Vince

Everett, personagem que segue de perto a imagem pública do cantor, compondo, por outro lado, um ícone entre os dos jovens rebeldes dos anos 1950. Vince é condenado por homicídio involuntário e vai parar à prisão. É lá que aprende a tocar guitarra e isso muda-lhe a vida. Os sorrisos do destino são insondáveis.

- ▶ Sábado [24] 21h30 | Esplanada
- ▶ Sábado [31] 21h30 | Esplanada

THE LIMEY

O Falcão Inglês

de Steven Soderbergh

com Terence Stamp, Peter Fonda,
Luis Guzmán, Lesley Ann Warren

Estado Unidos, 1999 - 89 min / legendado em português / M/16

O ator inglês Terence Stamp (o inesquecível "visitante" de TEOREMA) dá corpo a Wilson, um ex-presidiário que, depois de nove anos atrás das barras, sai com um propósito único: vingar a enigmática morte da sua filha. Para isso viaja de Inglaterra para a América e acende o caos de uma investigação feita com sangue e pólvora. Steven Soderbergh faz de THE LIMEY uma homenagem ao "cinema de vingança" dos anos 1970, só que agora transida pelo seu olhar iconoclasta. A paisagem urbana de Los Angeles transforma-se num território de desapego, onde o passado e o futuro se (con)fundem através da fragmentação temporal da montagem. Estreado no festival de Cannes, este é um dos filmes maiores dos anos 90. Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Quarta-feira [28] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [30] 21h30 | Esplanada

I VITELLONI

Os Inúteis

de Federico Fellini

com Franco Interlenghi, Alberto Sordi, Franco Fabrizi

Itália, 1953 - 107 min / legendado em português / M/12

"I VITELLONI é uma viagem ao tempo amargo e absurdo da juventude", declarou Ennio Flaiano, um dos três argumentistas do filme, com Tullio Pinelli e o próprio Fellini. O filme é uma projeção autobiográfica das memórias da juventude do realizador, em Rimini. Numa indefinida cidade de província, um grupo de rapazes eternamente ociosos e imaturos ("os inúteis" no título português, literalmente "os bezerrões" no original) preenche o vazio dos dias de farra em farra, de namoro em namoro. Até que um deles percebe que aquela pasmaceira é uma forma de prisão. Há que sair dali e mudar de vida. Apanha um comboio e vai para Roma - essa personagem é o *alter ego* do realizador. Um dos melhores Fellinis e porventura o mais agriado. Este foi o filme que consagrou o nome do realizador pois obteve o Leão de Prata no Festival de Veneza e foi o seu primeiro filme a ter distribuição internacional. A exibir em cópia digital.



No primeiro dos últimos quatro meses dedicados ao programa com que celebramos ao longo de 2024 os 50 anos do 25 de Abril apresentamos a proposta de filmes para a *Liberdade* e a *Revolução*, eixos que encerraremos em novembro (alternando, em outubro e dezembro, com os eixos *Comunidade* e *Futuro*).

LIBERDADE

A fuga marca o elogio da liberdade de setembro em sete sessões que giram à volta de espaços concentracionários ou do trabalho, percursos condicionados e libertações. Os filmes chamados ao diálogo

“Que Farei Eu Com Esta Espada?” são dos irmãos Lumière, Jean Renoir, Sacha Guitry, Luis Buñuel, Don Siegel, Amir Naderi, Edgar Pêra, Jerzy Skolimowski, Edgar Feldman e Luís Filipe Rocha, estes dois últimos num uníssono que evoca a histórica evasão de António Dias Lourenço do Forte de Peniche em dezembro de 1954.

► Segunda-feira [02] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Quarta-feira [04] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

EL ÁNGEL EXTERMINADOR

O Anjo Exterminador

de Luis Buñuel

com Claudio Brook, Enrique Rambal,
Jacqueline Andere, Silvia Pinal

México, Espanha, 1962 - 93 min / legendado em português | M/12

“A melhor explicação para EL ÁNGEL EXTERMINADOR é que, racionalmente, não tem nenhuma.” Assim “explica” Luis Buñuel a sua obra-prima e o penúltimo filme que dirigiu no México, fábula feroz sobre a burguesia presa dos seus conceitos, preconceitos e ideias feitas, em que um grupo de pessoas é misteriosamente impedido de sair de um jantar. Recapitulação ou inventário de toda a obra de Buñuel, na opinião avalizada de vários, é um filme profundamente livre que, pela liberdade, o próprio realizador punha a par de UN CHIEN ANDALOU e VIRIDIANA. A apresentar em cópia digital.

► Segunda-feira [02] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Quinta-feira [19] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

ESCAPE FROM ALCATRAZ

Os Fugitivos de Alcatraz

de Don Siegel

com Roberts Blossom, Patrick McGeehan,
Clint Eastwood, Fred Ward, Jack Thibaut

Estados Unidos, 1979 - 112 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Baseado no livro homónimo de J. Campbell Bruce onde se registam factos verídicos, ESCAPE FROM ALCATRAZ segue a história da fuga de Frank Morris e dos irmãos John e Clarence Anglin, presumivelmente os únicos prisioneiros que conseguiram fugir da prisão-ilha de alta segurança de Alcatraz, antes de esta ser fechada. A perigosa fuga pela parede exterior da prisão rumo ao mar foi interpretada sem duplos por Eastwood, Fred Ward e



Jack Thibaut. Rodado em Alcatraz, o último dos cinco filmes da parelha Eastwood-Siegel, firmada em 1968 (COOGAN'S BLUFF) e “em alta” em 1971 (DIRTY HARRY e THE BEGUILLED), define-se pela eficácia da ação, o gosto pelo realismo e a austeridade da *mise-en-scène*. A apresentar em cópia digital.

► Terça-feira [03] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Quinta-feira [12] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

DÉSIRÉ

de Sacha Guitry

com Sacha Guitry, Jacqueline Delubac, Jacques Baumer,
Pauline Carton, Saturnin Fabre, Arletty

França, 1937 - 92 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Neste filme, Sacha Guitry é Désiré Tronchais (em português, “desejo decapitado”), o criado de Odette Cléry (a personagem de Madame, em nova composição da sua então mulher Jacqueline Delubac), dois protagonistas que sonham juntos debaixo do mesmo teto. O argumento parte de uma peça de Guitry dez anos anterior ao filme; a adaptação sublinha as diferenças dos dois mundos que habitam a mesma casa, o dos senhores e o dos criados, com um olhar sobre o espaço que antecede o de Jean Renoir de LA RÉGIE DU JEU. Comédia romanesco-onírico-erótica, é um dos mais originais e celebrados Guitry dos anos trinta do século XX.

► Quinta-feira [12] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Segunda-feira [30] 19h30 | Sala Luís de Pina

O TRABALHO LIBERTA?

de Edgar Pêra

com Paulo Varela Gomes, António Vaz Pinto,
Paulo Borges, Agostinho da Silva, António Bracinha
Vieira, Herman José, Ruben de Carvalho

Portugal, 1993 - 25 min

SORTIE DES USINES LUMIÈRE À LYON

de catálogo Lumière

França, 1895 - 50 seg / mudo, sem intertítulos

ON PURGE BÉBÉ

de Jean Renoir

com Marguerite Pierry, Jacques Louvigny, Michel Simon

França, 1931 - 52 min / legendado eletronicamente em português

duração total da projeção: 78 min | M/12

No filme-ensaio em vídeo O TRABALHO LIBERTA? Edgar Pêra propõe uma interrogação sobre o poder emancipatório do trabalho. Para o fazer coloca a demolidora questão - ensombrada pela sua associação aos campos de concentração da Alemanha nazi - a várias figuras portuguesas. SORTIE DES USINES LUMIÈRE À LYON é o título mítico inaugural do cinematógrafo Lumière, uma tomada de vista de que existem três versões filmadas, a primeira em 19 de março de 1895, captando uma saída dos operários da fábrica Lumière, em que estes envergam os aventais de trabalho; e as duas outras, em meses seguintes, captadas ao domingo e com os operários em "traje de domingo". ON PURGE BÉBÉ é o primeiro filme sonoro de Jean Renoir, com ruídos de penicos e autoclismos, uma comédia teatral adaptada de uma peça de Georges Feydeau sobre um bebé a cuja obstipação é preciso acudir. É simultaneamente um retrato trocista da burguesia francesa imaginado e realizado por Renoir em três semanas, a pensar em LA CHIENNE. Renoir sempre subestimou ON PURGE BÉBÉ como um filme de passagem ou conveniência. Falsas aparências, viu João Bénard da Costa: "acima de tudo, um prodigioso exercício de direcção de actores [...] só não se desmancham as aparências que, desde o início, estavam desmanchadas."

► Sábado [14] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sexta-feira [20] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

ESSENTIAL KILLING

Matar para Viver

de Jerzy Skolimowski

com Vincent Gallo, Emmanuelle Seigner,
Zach Cohen, Ifatch Ophir

Polónia, Noruega, Hungria, Irlanda, 2010 - 83 min
legendado eletronicamente em português | M/16

Escrito e realizado por Jerzy Skolimowski para um solo de Vincent Gallo, ou quase. É dele o papel de um homem capturado pelo exército norte-americano no Afeganistão e enviado algures para a Europa de Leste que consegue fugir nessa travessia. ESSENTIAL KILLING é o filme de uma branca paisagem de neve, do gelo, de uma fuga solitária, silenciosa, de uma experiência de sobrevivência a enfrentar os limites. "É um filme sobre a redução do homem à animalidade, quer dizer, sobre a redução do homem à sua essência. Dito doutro modo, um filme sobre 'o que é preciso fazer', no mais primordial sentido que a expressão pode ter." (Luís Miguel Oliveira)

► Sábado [14] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Segunda-feira [16] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro

DAVENDEH

"O Corredor"

de Amir Naderi

com Madjid Niroumand, Abbas Nazeri, Musa Torkizadeh

Irão, 1984 - 94 min

legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

A obra-prima autobiográfica de Amir Naderi, montada pelo realizador Bahram Beyzaie, é um título fundamental do cinema iraniano pós-revolução islâmica e o primeiro visto internacionalmente, marcando o início da vaga de bons filmes que emergiram nos anos 1980 e 90. O protagonista, Amiro, é um adolescente órfão que tenta melhorar a sua vida aprendendo a ler. DAVENDEH mantém-se simultaneamente aberto - como

as suas paisagens do Golfo Pérsico - e abstrato, como a luta de Amiro para compreender e conquistar um mundo cercado pela hostilidade e indiferença. Realizado num período em que o sul do Irão sofria bombardeamentos constantes por parte do regime de Saddam Hussein, é um triunfo glorioso do cinema sobre o desespero, e da vida sobre a destruição. A apresentar em cópia digital.

► Sábado [28] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

O SEGREDO

de Edgar Feldman

com António Dias Lourenço

Portugal, 2008 - 25 min

A FUGA

de Luís Filipe Rocha

com Luís Alberto, José Viana, Miguel Franco,

Carlos César, Maria do Céu Guerra, Costa Ferreira

Portugal, 1977 - 109 min

duração total da projeção: 134 min | M/12

PROJEÇÃO SEGUIDA DE CONVERSA COM
EDGAR FELDMAN E LUÍS FILIPE ROCHA

A fuga do preso político antifascista António Dias Lourenço (1915-2010) do Forte de Peniche em dezembro de 1954 está no centro de O SEGREDO, de Edgar Feldman, e de A FUGA, de Luís Filipe Rocha. Essa fuga solitária do histórico dirigente comunista é a mais espetacular das fugas portuguesas, um extraordinário feito de coragem e um símbolo da luta pela liberdade, do combate e da resistência à repressão do Estado Novo. Feldman filma o testemunho de Dias Lourenço, aos 94 anos, evocando os anos de prisão da cadeia de alta segurança de Peniche e a evasão após um mês de castigo na cela-cubículo sem luz conhecido como "segredo". Inspirado na experiência do mesmo Dias Lourenço, a primeira obra de ficção de Luís Filipe Rocha é um importante título da "filmografia de Abril", filmado em Lisboa, Caxias e Peniche pouco tempo após o fim do jugo da ditadura portuguesa. A narrativa segue o quotidiano de um preso político, o seu julgamento em tribunal plenário, as torturas que lhe foram infligidas ou a fuga por mar, concentrando-se na questão do encarceramento e no espaço concreto daquele lugar de cárcere recentemente transformado em Museu Nacional Resistência e Liberdade. A FUGA a exibir em cópia digital.



REVOLUÇÃO

Mais um programa de filmes que refletem sobre revoluções, inspirações e figuras revolucionárias, ou que se inserem eles próprios num movimento revolucionário. É este, sobretudo, o caso das curtas-metragens de Santiago Álvarez, o mais emblemático dos cineastas da revolução cubana, embora, com outro tipo de distância (às vezes mais aberta à ambiguidade), COMMENT YUKONG DÉPLAÇA LES MONTAGNES, de Joris Ivens e Marceline Loridan, seja também um testemunho *in loco* de uma “revolução dentro da revolução” (a China no élan da Revolução Cultural de Mao). Os outros filmes reconstituem momentos históricos: as lutas contra o colonialismo escravagista no Brasil do século XVIII (em GANGA ZUMBA), a revolução mexicana (VIVA VILLA!), a unificação italiana (1860, de Blasetti), a vida de uma figura tão poderosamente implantada no imaginário das lutas pela justiça racial e social nos Estados Unidos (no MALCOLM X de Spike Lee). Num espaço um pouco à parte, como meditação sobre uma educação política e sentimental, o programa completa-se com PRIMA DELLA RIVOLUZIONE, de Bertolucci, talvez o mais belo filme do seu autor.



- Segunda-feira [02] 19h30 | Sala Luís de Pina
► Terça-feira [24] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

NOW

de Santiago Álvarez
Cuba, 1965 - 6 min

HANOI MARTES 13

de Santiago Álvarez
Cuba, 1967 - 38 min

HASTA LA VICTORIA SIEMPRE

de Santiago Álvarez
Cuba, 1967 - 20 min

LBJ

de Santiago Álvarez
Cuba, 1968 - 18 min

79 PRIMAVERAS

de Santiago Álvarez
Cuba, 1969 - 25 min

duração total da projeção: 107 min
legendados eletronicamente em português | M/12

Santiago Álvarez encarnou como ninguém o cinema político, provocador, panfletário, da Cuba revolucionária, com a sua coleção de filmes curtos, incisivos (e explosivos, como granadas), muito devedores das lições de montagem do cinema soviético dos anos 20. Mais que filmes sobre Cuba, são filmes sobre as guerras frias e quentes que naquelas épocas dividiam o mundo em dois blocos. NOW passa, precisamente, as fronteiras da ilha para criar um astucioso trabalho de montagem sobre as lutas raciais nos EUA. HANOI MARTES 13 é, como o título

indica, o retrato de uma terça-feira, num Vietname ocupado, e dos atos de guerra que sobre ele recaem, enquanto que HASTA LA VICTORIA SIEMPRE é um olhar raro e direto sobre Che Guevara, feito a partir de atualidades e discursos do próprio. LBJ, serve para traçar uma crítica à política dos EUA (na figura de Lyndon B. Johnson), à sociedade de consumo e à segregação racial vigente na época. 79 PRIMAVERAS é uma evocação da personalidade do lendário líder vietnamita Ho Chi Minh por altura da sua morte em 1969, a partir de imagens de arquivo e material filmado durante as suas cerimónias fúnebres.

- Terça-feira [03] 19h30 | Sala Luís de Pina

COMMENT YUKONG DÉPLAÇA LES MONTAGNES

de Joris Ivens, Marceline Loridan

China, França, 1976 - 98 min
legendado eletronicamente em português | M/12

COMMENT YUKONG DÉPLAÇA LES MONTAGNES é um filme constituído por 12 partes autónomas que versam sobre a vida quotidiana na China após a Revolução Cultural e que vai buscar o seu título a uma antiga narrativa chinesa. Apresentamos dois dos seus episódios: LA PHARMACIE N. 3: SHANGHAÏ (79 minutos) e HISTOIRE D'UN BALLON, LE LYCÉEN N°31 À PÉKIN (19 minutos). No primeiro, Ivens e Loridan filmam uma farmácia-piloto que não se limita a distribuir medicamentos, uma vez que todos se esforçam para melhorar o serviço em prol do bem da coletividade. HISTOIRE D'UN BALLON, LE LYCÉEN N°31 À PÉKIN centra-se, por sua vez, no debate ideológico entre um professor e um aluno a partir dum incidente no recreio com uma bola.

- **Quarta-feira [04] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**
 ► **Sexta-feira [27] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

VIVA VILLA!

Viva Villa!

de Jack Conway

com Wallace Beery, Fay Wray, Leo Carrillo

Estados Unidos, 1934 - 115 min
 legendado eletronicamente em português | M/12

VIVA VILLA! foi um filme crucial para a criação de uma mitologia de Pancho Villa, aqui fixada a partir dos traços de Wallace Beery (e duas décadas depois, o VIVA ZAPATA!, de Elia Kazan, foi um eco explícito deste filme). Uma produção ambiciosa de David O. Selznick, rodada quase integralmente no México, mas muito acidentada - os trabalhos duraram cerca de dois anos (prazo nada habitual no rápido regime hollywoodiano daquela época), houve trocas de atores, várias reescritas do argumento (que na base era um trabalho de Ben Hecht), e uma sucessão de realizadores (antes de Jack Conway, trabalharam no filme Howard Hawks e William Wellman). Apesar das vicissitudes, foi um razoável sucesso na bilheteira, e nem falhou o encontro com o certificado de "prestígio" de várias nomeações para os Oscars, incluindo a de melhor filme.

- **Segunda-feira [09] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro**
 ► **Sábado [28] 19h30 | Sala Luis de Pina**

1860

de Alessandro Blasetti

com Aida Bellia, Giuseppe Gulino, Gianfranco Giachetti

Itália, 1933 - 80 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um dos trabalhos mais famosos de Alessandro Blasetti, precursor do neorrealismo, e o filme que abriu o período de reconstituições históricas na década de 30. 1860 conta um episódio da campanha de Garibaldi na Sicília, para a libertação da Itália do domínio dos Bourbons, sendo a ação vista através dos olhos de um camponês, testemunha dos eventos.

- **Sexta-feira [13] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**
 ► **Segunda-feira [30] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

PRIMA DELLA RIVOLUZIONE

Antes da Revolução

de Bernardo Bertolucci

com Adriana Asti, Francesco Barilli, Morando Morandini

Itália, 1964 - 100 min / legendado em português | M/12

"Quem nunca viveu antes da revolução, não conheceu a doçura de viver." A célebre frase de Talleyrand (que se referia especificamente à Revolução Francesa) é citada em epígrafe nesta segunda longa-metragem de Bertolucci, à qual também serve de título. O filme é a história da educação sentimental de

um jovem burguês de Parma, às voltas com um envolvimento sentimental incestuoso com a tia e com a relação com o seu mentor intelectual, um pensador marxista. Um filme ao mesmo tempo confessional e intelectual, magnificamente realizado, talvez a obra-prima do realizador, então com 24 anos.

- **Terça-feira [17] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**
 ► **Quarta-feira [25] 19h30 | Sala Luis de Pina**

GANGA ZUMBA

de Carlos Diegues

com António Pitanga, Léa Garcia, Luiza Maranhão

Brasil, 1964 - 100 min | M/12

Primeira longa-metragem de Carlos Diegues (que tinha 24 anos na altura), GANGA ZUMBA foi um título fundamental do Cinema Novo Brasileiro, e uma manifestação do interesse desta geração de cineastas pela interrogação da complexidade das origens do Brasil moderno. GANGA ZUMBA baseia-se na vida da figura epónima, líder do mais célebre quilombo das últimas décadas do século XVIII (no Brasil colonial, os quilombos eram comunidades autónomas formadas por escravos fugidos da sua condição), foco de resistência não apenas à escravatura mas a toda a estrutura colonial do território brasileiro. Rodado em paisagens naturais, GANGA ZUMBA tem também um elemento de recolha etnográfica, sobretudo através da presença dos rituais, da dança e da música (entre os atores, conta-se a presença do célebre músico Cartola). Primeira apresentação na Cinemateca.

- **Quarta-feira [18] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

MALCOLM X

Malcolm X

de Spike Lee

com Denzel Washington, Angela Bassett, Delroy Lindo

Estados Unidos, 1992 - 202 min / legendado em português | M/12

Do ponto de vista da ambição, da escala de produção e do orçamento, MALCOLM X foi por certo o mais grandioso projecto de Spike Lee. Na base estava um argumento (escrito por James Baldwin no princípio da década de 70) que adaptava a autobiografia de Malcolm X escrita pelo próprio em colaboração com Alex Haley. O produtor Marvin Worth, que encomendara o argumento a Baldwin, andou duas décadas a tentar montar o projeto, até que finalmente, com Spike Lee, a empresa foi concretizada (mas depois de tantas reescritas, o nome de Baldwin desapareceu dos créditos, a pedido expresso dos seus herdeiros). É um *biopic* monumental do lendário ativista pelos direitos da população negra americana, desde a infância até ao seu assassinato em 1965. Quem lhe dá corpo, num papel que foi o da sua plena consagração, é Denzel Washington. A exibir em cópia digital.



No antepenúltimo dos últimos meses dedicados ao programa com que celebramos ao longo de 2024 os 50 anos do 25 de Abril apresentamos a proposta de filmes para a *Comunidade e Futuro*, eixos que encerraremos em dezembro (alternando, em novembro, com os eixos *Liberdade e Revolução*).

COMUNIDADE Em outubro, este núcleo de oito títulos em sete sessões distintas sobre a ideia de *Comunidade* concentra-se em “belas equipas” de pioneiros a desbravar território (STAGECOACH, Ford), trabalhadores em coletivo fraternal (LA BELLE ÉQUIPE, Duvivier), trabalhadoras no pós-Guerra japonês (AKASEN CHITAI, Mizoguchi), mulheres-atrizes em reflexão sobre o seu trabalho (SOIS BELLE ET TAIS-TOI!, Seyrig); também no embate de um forasteiro com uma comunidade que lhe resiste (WILD RIVER, Kazan) ou na incursão de um viajante numa comunidade de afetos (O DIA EM QUE ELE CHEGA, Sang-soo); e no diálogo entre autores e filmes de movimentos ancestrais (“AS ESTAÇÕES”, Pelechian, e TRÁS-OS-MONTES, Reis e Cordeiro).

► Terça-feira [01] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

STAGECOACH

A Cavalgada Heróica

de John Ford

com John Wayne, Claire Trevor, George Bancroft, Thomas Mitchell, John Carradine, Andy Devine, Tim Holt

Estados Unidos, 1939 - 95 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Em 1939 nasce o *western* moderno pela mão de John Ford, estreando a paisagem que se tornará no símbolo do realizador e do género: Monument Valley. STAGECOACH segue a odisseia de um grupo humano, que é um microcosmos social, cruzando o deserto numa diligência, enfrentando os rigores da natureza e um espetacular ataque de índios no final. A primeira grande criação de John Wayne: Ringo. A apresentar em cópia digital.

► Quarta-feira [02] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sexta-feira [04] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

WILD RIVER

Quando o Rio se Enfurece

de Elia Kazan

com Montgomery Clift, Lee Remick, Jo Van Fleet, Bruce Dern

Estados Unidos, 1960 - 110 min

legendado em espanhol e eletronicamente em português | M/12

“Este filme devia simplesmente contar a minha história de amor com o *New Deal*, a minha história de amor com as regiões mais remotas deste país, eu queria dizer como os amava e como os admirava”, conta Kazan numa entrevista. O realizador parte de um velho conflito: a chegada do homem novo a uma sociedade que, antiga, lhe resiste. Muitos *westerns* se baseiam nisso. Mas esta epopeia moderna é a epopeia dolorosa do homem problemático. E o homem que surge aqui é um homem magoado. Montgomery Clift chegava depois do seu acidente, a sua personagem vem participar de um retrato do Sul dos Estados Unidos nos anos 1930, desencadeando uma reação por parte da comunidade que se une para reagir à construção de uma barragem que põe em risco o seu equilíbrio. “WILD RIVER é uma extraordinária ‘pintura’ de um tempo e de um lugar no momento em que se dá uma rutura com o passado.” (Luís Miguel Oliveira)

► Quarta-feira [02] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

VREMENA GODA

“As Estações”

de Artavazd Pelechian

URSS, 1972 - 29 min / sem diálogos

TRÁS-OS-MONTES

de António Reis, Margarida Cordeiro

com habitantes de Bragança e Miranda do Douro

Portugal, 1976 - 111 min

duração total da projeção: 140 min | M/12

“Pelechian parece só filmar gestos essenciais (primordiais) da integração do homem no cosmos. Ao mesmo tempo, produz sobre eles uma sistemática operação de desbanalização [...]. O túnel que homens e animais atravessam nas ‘ESTAÇÕES’ é um túnel do tempo que nos atira para fora do tempo.” (José Manuel Costa) Juntos, António Reis e Margarida Cordeiro assinaram uma das mais singulares obras do cinema português, construída nos anos 1970/80 em TRÁS-OS-MONTES, ANA e ROSA DE AREIA. Sobre TRÁS-OS-MONTES, canto de amor a uma região e uma das obras máximas do cinema português, observou Fernando Lopes: “É talvez a primeira vez no cinema português que um filme estabelece uma síntese dialética ambiciosa quanto ao que os sociólogos chamam de cultura popular.”

► Quinta-feira [03] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Terça-feira [29] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

AKASEN CHITAI

A Rua da Vergonha

de Kenji Mizoguchi

com Machiko Kyo, Ayako Wakao, Aiko Mimasu

Japão, 1956 - 85 min / legendado em português | M/12

A última obra-prima de Mizoguchi, que morreu nesse mesmo ano, é um *gendai-geki*, uma obra de tema contemporâneo, e uma história de prostitutas, como outros dos seus filmes e de tantos cineastas japoneses. AKASEN CHITAI (“a zona da linha vermelha”) concentra-se nas personagens de cinco mulheres que trabalham numa casa de uma rua de bordéis situada na histórica zona de prostituição em Tóquio. No contexto dos anos 1950 do pós-Guerra japonês, quando a lei (anti)prostituição, aprovada em 1956, estava a ser debatida no parlamento. A discussão participa do filme, no sentido alargado da devastação sócioeconómica que atinge as cinco mulheres: Hanae, Yumeko, Yorie, Yasumi e Mickey têm naturezas singulares e vivem

realidades diferentes, partilhando aquele espaço de trabalho e a severidade das suas vidas. O humanismo é a marca do filme, em que não se vislumbra um laivo moralista. "Raras vezes o cinema nos terá dado figuras tão abstratas (recusa a qualquer psicologismo) com tanta carne, sexo e alma." (João Bénard da Costa) A apresentar em cópia digital.

► **Sexta-feira [04] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

► **Quinta-feira [31] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

LA BELLE ÉQUIPE

Uma Mulher que Não Vence

de Julien Duvivier

com Jean Gabin, Charles Vanel, Raymond Aimos, Viviane Romance, Micheline Cheirel

França, 1936 - 103 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Nome maior do "Realismo Poético", Julien Duvivier assinava em 1936 um dos grandes sucessos populares à época, muito devido ao carisma de Jean Gabin, ator que acabou por rodar sete vezes sob a batuta deste mesmo cineasta, a quem ficou a dever porventura o seu papel mais marcante, como o anti-herói de PÉPÉ LE MOKO. O motor da narrativa - argumento coescrito por Charles Spaak - é a amizade masculina tornada parceria e negócio. A sorte de cinco homens pobres e em apuros muda quando lhes sai a sorte grande na lotaria. A "bela equipa" junta-se e investe na criação de um gigantesco bar popular (*guinguette*), apostando na ideia de um coletivo de trabalho que será perturbada com a entrada em cena de uma mulher (Viviane Romance). Um belo filme. A apresentar em cópia digital.

► **Terça-feira [15] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

► **Quarta-feira [30] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

BOOK CHON BANG HYANG

"O Dia em que Ele Chega"

de Hong Sang-soo

com Yoo Joon-Sang, Kim Sang-Jung, Kim Bo-kyeong

República da Coreia, 2011 - 79 min / legendado em português | M/12

Num preto-e-branco invernoso, o filme segue um realizador de cinema "em sabática" ao cabo de quatro filmes, que vive no campo, no momento em que vai a Seul visitar um amigo, crítico de cinema, residente na zona de Bukchon, conhecida pela arquitetura tradicional das suas casas. É nela que o realizador vagueia, elege um restaurante e um bar, se cruza repetidamente com um grupo de pessoas, encontra o amigo. No bar chamado "Novela" em que conversam e bebem, a dona é estranhamente parecida com a ex-namorada do "ex"-realizador (personagens interpretadas pela mesma atriz). A repetição de situações e cenários com pequenas variantes aponta para o comportamento padronizado do protagonista, incapaz de se libertar do passado e privilegiar o presente. Complexa e ambígua, a construção de THE DAY HE ARRIVES (versão internacional do título) deixa em aberto a hipótese de se tratar de uma sucessão de acontecimentos repetitivos ou alternativos. A apresentar em cópia digital.



AKASEN CHITAI



TRÁS-OS-MONTES



LA BELLE ÉQUIPE

► **Segunda-feira [28] 22h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

► **Quarta-feira [30] 19h30 | Sala Luís de Pina**

SOIS BELLE ET TAIS-TOI!

de Delphine Seyrig com a colaboração de Carole Roussopoulos, Ioana Wieder

França, 1976 - 110 min / legendado eletronicamente em português | M/12

É o filme mais conhecido dos filmes desconhecidos de Delphine Seyrig realizadora, que aqui entrevista 24 atrizes sobre a sua experiência profissional, papéis desempenhados, relações com encenadores, realizadores e equipas de trabalho. Um retrato coletivo no feminino que reflete, em 1976, o balanço negativo de uma profissão que remete as mulheres a personagens estereotipadas num mundo dominado pelo imaginário masculino. As perguntas de Seyrig vão ao fulcro da questão. Por exemplo: "Se fosses homem, terias escolhido igualmente ser ator?"; "Alguma vez representaste uma cena com outra mulher e, se sim, o papel dela foi o de rival ou confidente?". O título exclamativo vem do filme realizado por Marc Allégret em 1958. Entre as convocadas, Ellen Burstyn, Barbara Steele, Jill Clayburgh, Juliet Berto, Shirley MacLaine, Marie Dubois, Jane Fonda, Maria Schneider, Viva, Anne Wiazemsky. A apresentar em cópia digital.

FUTURO

Na continuação do que havia sido a última edição do eixo, no passado mês de agosto, apresentam-se filmes em torno da ideia de “novos rumos”. São nove títulos (três deles curtos) unidos por uma dúvida: o que fazer com a liberdade? Em todos, um presidiário depara-se com a crueldade do mundo exterior e o fardo de uma pena impossível de cumprir na totalidade.

- ▶ Terça-feira [08] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [17] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

UÇ MAYMUN

Os Três Macacos

de Nuri Bilge Ceylan

com Yavuz Bingöl, Hatice Aslan, Rifat Sungar,
Ercan Kesal, Cafer Köse, Gürkan Aydın

Turquia, França, Itália, 2008 - 109 min / legendado em português | M/12

Eyüp assume a culpa de um atropelamento para salvar a reputação do amigo político, Servet, e em troca de uma recompensa monetária que irá ajudar a melhorar a vida da sua mulher e filho. Só que quando sai da prisão descobre que o seu sacrifício foi em vão. A conhecida fábula dos Três Macacos, que dá o título ao quinto filme do realizador turco Nuri Bilge Ceylan, enquadra a ação dramática de uma trama de mentiras decantada pelo olhar rigoroso e distanciado do realizador, onde a elipse é a forma dominante. Como na fábula, a estrutura familiar funda-se no lema: “Não ver, não ouvir, nem falar do mal.”



STRAIGHT TIME



SWEET SIXTEEN



- ▶ Quarta-feira [09] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [29] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

ONCE A THIEF

de Ralph Nelson

com Alain Delon, Ann-Margret, Van Heflin, Jack Palance

França, Estados Unidos, 1965 - 107 min

legendado eletronicamente em português | M/12

A figura misteriosa de Zekial Marko atravessa ONCE A THIEF no corpo de Alain Delon. Ator falhado convertido em escritor e argumentista, Marko era próximo de Allen Ginsberg e Jack Kerouac e restante trupe *Beat*. O seu segundo romance, *The Big Grab* foi adaptado ao cinema como *MÉLODIE EN SOUS-SOL* (1963), transformando-se num dos maiores sucessos da carreira de Alain Delon. Assim, o ator insistiu na parceria e desse encontro surgiu ONCE A THIEF, o primeiro filme americano de Delon onde Marko adapta o seu próprio romance, *Scratch a Thief*. Distribuído em França como “Les Tueurs de San Francisco”, o filme acompanha as dificuldades de integração do ex-presidiário Eddie Pedak, entalado entre um polícia vingativo e um irmão envolvido no submundo dos assaltos. Nem de propósito, Zekial Marko seria preso durante a rotação do filme. Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Quinta-feira [10] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [18] 19h30 | Sala Luís de Pina

STRAIGHT TIME

de Ulu Grosbard

com Dustin Hoffman, Theresa Russell, Gary Busey,
Harry Dean Stanton, Edward Bunker

Estados Unidos, 1978 - 114 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Ao fim de seis anos de presídio, Max Dembo (Dustin Hoffman) sai em liberdade condicional. Só que as restrições impostas são asfixiantes: tem de viver numa casa de recuperação, não se pode relacionar com amigos ou conhecidos do passado, nem pode conduzir e ou tomar drogas. A partir de um guião onde Michael Mann meteu o dedo, Dustin Hoffman foi originalmente convidado a protagonizar e realizar (tendo chegado a dirigir alguns dias de rotação). No entanto, a produção substituiu-o por Ulu Grosbard quando o ator se mostrou incapaz de assumir o duplo papel (decisão que propiciou uma disputa em tribunal). Apesar das atribulações de produção, STRAIGHT TIME é um *thriller* duro e humanista como raramente se viu no cinema norte-americano – muito por causa do tocante desempenho de Dustin Hoffman. Primeira exibição na Cinemateca.

► Quarta-feira [16] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Quinta-feira [31] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

GÖTTER DER PEST

"Os Deuses da Peste"

de Rainer W. Fassbinder

com Harry Baer, Hanna Schygulla, Margarethe von Trotta, Günther Kaufmann, Ingrid Caven

Alemanha, 1969 - 91 min / legendado eletronicamente em português | M/12

No começo da sua carreira, Fassbinder realizou três peculiares filmes de *gangsters*: "O AMOR É MAIS FRIO DO QUE A MORTE", "OS DEUSES DA PESTE" e "O SOLDADO AMERICANO". "OS DEUSES DA PESTE" é um filme talvez ainda mais desencantado do que "O AMOR É MAIS FRIO DO QUE A MORTE". Franz Walsch (Harry Baer) - homem mudo e soturno - sai da prisão para descobrir que a cidade de Munique se tornou decadente e perversa. Fassbinder assina a sua variação irônica e homoerótica sobre o *film noir*, com uma *femme fatale* (Hanna Schygulla), um homicídio, um detetive, uma nova amante (Margarethe von Trotta) e uma mulher misteriosa (Ingrid Caven). É a história de um mundo onde não há redenção, onde o amor é impotente, é a história de um destino que se fecha sobre a sua vítima como numa tragédia clássica, mesmo quando os "deuses" que regem este destino são humanos. A apresentar em cópia digital.

► Quarta-feira [16] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

ESPELHO MÁGICO

de Manoel de Oliveira

com Ricardo Trêpa, Leonor Silveira, Marisa Paredes, Leonor Baldaque, Glória de Matos, Lima Duarte, Michel Piccoli, Luís Miguel Cintra, Duarte de Almeida

Portugal, 2005 - 137 min | M/12

ESPELHO MÁGICO é a última incursão de Manoel de Oliveira pela escrita de Agustina Bessa-Luís, adaptação de *A Alma dos Ricos*, o segundo tomo da trilogia *O Princípio da Incerteza*. A protagonista é Alfreda (Leonor Silveira), mulher tão abastada quanto excêntrica. Esta vive com uma ideia que a obceca: espera uma aparição da Virgem Maria e, sendo rica, acredita que essa aparição lhe é devida. Para aliviar o martírio da senhora, Touro Azul (Ricardo Trêpa, acabado de sair da prisão depois do incêndio que encerra o filme anterior, *O PRINCÍPIO DA INCERTEZA*) junta-se a um falsificador (Luís Miguel Cintra) e tentam forjar uma falsa aparição com uma "Virgem Maria" chamada - apropriadamente - Abril. Mas nem o milagre nem o embuste chegam realmente a acontecer. Tudo aqui é "a visão especular de um mundo que só como espelho existe." (João Bénard da Costa)

► Segunda-feira [07] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Segunda-feira [28] 19h30 | Sala Luís de Pina

SWEET SIXTEEN

de Ken Loach

com Martin Compston, Michelle Coulter, Annmarie Fulton, William Riane, Michelle Abercromby

Reino Unido, 2002 - 106 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Segundo tomo da "Trilogia de Glasgow" de Ken Loach - entre MY NAME IS JOE (1998) e AE FOND KISS (2004) -, SWEET SIXTEEN marca o regresso do realizador britânico ao universo da adolescência inquieta que marcou o seu filme mais aclamado, KES. Continuamos na cidade operária de Glasgow, mas entre 1969 e 2002 deu-se uma enorme transformação nos modos e costumes. Porém, se o panorama é outro, os dilemas sociais e familiares são os mesmos: há um adolescente (à espera que a mãe saia da prisão a tempo do seu 16.º aniversário) que não escapa à fatalidade dos seus sonhos. Um dos melhores exemplos do realismo britânico que lançou o ator Martin Compston - num desempenho que foi comparado, à época, ao do jovem Jean-Pierre Léaud em LES QUATRE CENTS COUPS. Primeira exibição na Cinemateca.

► Terça-feira [29] 19h30 | Sala Luís de Pina

TRILOGIA DO TIO RUI

TIO RUI

MARIA SEM PECADO
A VOLTA DA REVOLTA

filmes de Mário Macedo

Portugal, 2011/16/18 - 32, 29, 27 min
duração total da projeção: 88 min | M/12

Mário Macedo, jovem realizador português já com uma série de curtas-metragens (venceu o prémio de Melhor Realizador no festival Curtas Vila do Conde em 2021 com o belíssimo TERCEIRO TURNO), apresentou-se com a *Trilogia do tio Rui*. Composta ao longo de oito anos, os filmes retratam o tio do realizador durante e após o seu aprisionamento. No primeiro tomo, o realizador acompanha as 72 horas de liberdade condicional do tio (e de toda a família que o rodeia). No segundo, o tio já cumpriu a sua pena de dez anos e está agora a viver com a mãe que, durante a sua ausência, desenvolveu doença de Alzheimer e já tem dificuldades em reconhecê-lo. Por fim, passados quinze anos da sentença, Rui regressa à sua rotina. Numa tentativa de se libertar dos fantasmas do passado, faz uma viagem, física e espiritual, pelos locais que mudaram a sua vida. Três filmes que demonstram o olhar atento de um cineasta. A VOLTA DA REVOLTA é uma primeira apresentação na Cinemateca.





o penúltimo mês do programa que celebra os 50 anos do 25 de Abril, apresentamos as derradeiras propostas de filmes para os eixos “Liberdade” e “Revolução”.

LIBERDADE

Para não acabar com a *Liberdade*, o último núcleo deste eixo da programação “Que Farei Eu com Esta Espada?” convoca o amor, o desembaraço, a disponibilidade criativa. “No estado de quem não está preso, detido ou em cativeiro” – devolve o dicionário para *liberdade* –, A INVENÇÃO DO AMOR de António Campos alinha com UNE FEMME EST UNE FEMME de Jean-Luc Godard, variando, com Jacques Rozier, DU CÔTÉ D’OROUËT, ou com Philippe Garrel, LIBERTÉ LA NUIT. JAIME de António Reis e LIBERTÉ ET PATRIE de Jean-Luc Godard e Anne-Marie Miéville refletem universos originais. VISITA OU MEMÓRIAS E CONFISSÕES de Manoel de Oliveira e BRANCA DE NEVE de João César Monteiro são duas obras indissolúveis de gestos radicais dos seus autores, que realizaram um filme para uma posteridade que implicou décadas de pousio nos cofres e um filme que, a meio do caminho, se tornou numa obra “a negro”. No desfecho, o delírio de W. C. Fields apõe-se ao de Luis Buñuel, rimando o nunca suficiente amado THE DENTIST com o mal-amado LE FÂNTOME DE LA LIBERTÉ.

► Segunda-feira [04] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Quarta-feira [06] 19h30 | Sala Luís de Pina

A INVENÇÃO DO AMOR

de António Campos

com Maria Carolina, Quiné,

Manuel Catarro, Francelino Barros

Portugal, 1965 – 29 min

UNE FEMME EST UNE FEMME

Uma Mulher É Uma Mulher

de Jean-Luc Godard

com Jean-Claude Brialy, Anna Karina, Jean-Paul Belmondo

França, 1961 – 77 min / legendado em português

duração total da projeção: 106 min | M/12

António Campos conta-nos a história de um casal, constantemente em fuga, acossado e perseguido pela população por ter inventado o amor. Esta ficção, que adapta o poema homónimo de Daniel Filipe, é um elo decisivo na obra do realizador, que à época foi visto por muito poucos e durante muito tempo permaneceu invisível por opção do autor (dada a inevitável interdição de censura que vigorou em Portugal até Abril de 1974). A INVENÇÃO DO AMOR partilha a “década de nascimento” com a segunda longa-metragem de Jean-Luc Godard, com a qual rima nesta sessão: UNE FEMME EST UNE FEMME é uma homenagem ao musical americano, filmada em CinemaScope e com cores sumptuosas, encenando um daqueles triângulos em que a obra do cineasta é fértil. Premiado no Festival de Berlim por ter “abanado as regras da comédia cinematográfica”, trata-se de um filme de extrema leveza e elegância, onde Anna Karina tem uma das suas melhores aparições no cinema.

► Terça-feira [05] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Quinta-feira [21] 21h45 | Sala M. Félix Ribeiro

DU CÔTÉ D’OROUËT

de Jacques Rozier

com Danièle Croisy, Françoise Guégan, Caroline Cartier,
Bernard Menez, Patrick Verde

França, 1969 – 150 min / legendado eletronicamente em português | M/12



Posterior em seis anos a ADIEU PHILIPPINE, a segunda longa-metragem para cinema de Jacques Rozier foi o seu primeiro filme com som direto e mantém-se um título admiravelmente secreto. Numa descrição brevíssima que lhe passa ao lado, é o filme em que três raparigas estão em férias de verão à beira-mar. Rodado em 16 mm, especialmente atento aos exteriores do cenário marítimo e às cores fortes que casam com o mar, a casa, a juventude das raparigas e dos rapazes, DU CÔTÉ D’OROUËT propõe uma crónica sentimental ao correr dos dias. Foi mostrado em Cannes em 1971 e circulou discretamente por essa altura, mas só estreou verdadeiramente em Paris, em 1996, em 35 mm, quase trinta anos depois ter sido concluído. “Com o tempo [DU CÔTÉ D’OROUËT] ganha uma dimensão ‘à procura do tempo perdido’”, disse Jacques Rozier. E ganha.

► Quinta-feira [07] 19h30 | Sala Luís de Pina

BRANCA DE NEVE

de João César Monteiro

com as vozes de Maria do Carmo, Reginaldo da Cruz, Ana Brandão, Luís Miguel Cintra, Diogo Dória, João César Monteiro

Portugal, 2000 - 75 min | M/12

A BRANCA DE NEVE de João César Monteiro adapta uma peça de Robert Walser que retoma o conto dos irmãos Grimm: salva pelo beijo do Príncipe ao sono das trevas, Branca de Neve confronta a madrasta e o caçador que esta incita a apunhalar a enteada. João César Monteiro deixou a tela quase sempre negra, com raras imagens de outra cor e as imagens sonoras (as vozes dos atores). Na altura deu brado e foi o escândalo, mas já não vale a pena voltar a ele. Vale a pena é voltar a ver BRANCA DE NEVE, outra vez e outra vez, no escuro da sala, no quarto escuro.

► Segunda-feira [11] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Segunda-feira [25] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LIBERTÉ, LA NUIT

de Philippe Garrel

com Emmanuelle Riva, Maurice Garrel, Christine Boisson

França, 1983 - 82 min / legendado eletronicamente em português | M/12

LIBERTÉ, LA NUIT decorre durante a guerra da Argélia. A narrativa segue duas personagens e a chegada de uma terceira: após muitos anos de vida em comum um casal enfrenta a separação. Ele é professor, ela dedica-se à costura. Ambos se envolvem com a Frente da Libertação Nacional. Eles são as personagens de Maurice Garrel e Emmanuelle Riva num dos mais secretos - e menos vistos - filmes de Philippe Garrel. Um filme belíssimo com um forte contexto político, construído num 35 mm preto e branco noturno rasgado pela luz.

► Sexta-feira [22] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

JAIME

de António Reis

Portugal, 1974 - 35 min

LIBERTÉ ET PATRIE

de Jean-Luc Godard, Anne-Marie Miéville

França, 2002 - 22 min / legendado eletronicamente em português

duração total da projeção: 57 min | M/12

Um dos primeiros trabalhos do poeta do cinema português, António Reis, JAIME, documentário sobre o falecido doente psiquiátrico - também pintor - Jaime Fernandes, irrompeu na nossa cinematografia como um gesto único de solidez e força instintiva. Embora Margarida Cordeiro esteja não creditada, é a primeira colaboração no cinema de Reis e Cordeiro. O máximo de originalidade com o máximo de modernidade. LIBERTÉ ET PATRIE, uma colaboração Godard/Miéville, é um pequeno filme sobre a criação artística, baseado num livro de Ramuz (escritor que Godard muito apreciava) sobre o pintor suíço Aimé Pache.

► Sábado [23] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

VISITA OU MEMÓRIAS E CONFISÕES

de Manoel de Oliveira

com Manoel de Oliveira, Maria Isabel Oliveira, Urbano Tavares Rodrigues, Teresa Madruga, Diogo Dória

Portugal, 1982 - 68 min | M/12

Realizado no início dos anos 1980 para ser visto como filme póstumo, VISITA OU MEMÓRIAS E CONFISÕES levou Manoel de Oliveira a filmar a casa da Rua Vilarinha, no Porto, projetada pelo arquiteto José Porto, que fez construir e foi a

sua casa de família desde que se casou, em 1940, e durante cerca de quatro décadas mas foi forçado a vender (a "casa da Vilarinha" viria a ser classificada imóvel de interesse público, também pela sua histórica ligação ao modernismo português e pela singularidade como obra arquitetónica, a que estiveram ligados, além de José Porto, Viana de Lima e Cassiano Branco). Entre os momentos associados à vida nessa casa está a reconstituição da detenção de Oliveira pela PIDE, em 1963, altura em que conheceu o escritor Urbano Tavares Rodrigues. Na obra de Oliveira, é o filme seguinte a FRANCISCA, a partir de um argumento próprio com texto de Agustina Bessa-Luís, fotografia de Elso Roque, som de Joaquim Pinto e montagem coassinada com Ana Luisa Guimarães. VISITA OU MEMÓRIAS E CONFISÕES é um filme autobiográfico, de "memórias e confissões", facto que esteve na origem da vontade do realizador em mantê-lo inédito durante o seu tempo de vida. "Uma casa é uma relação íntima, pessoal, onde se encontram as raízes", "a meu pedido, a Agustina fez um texto, muito bonito, a que chamou *Visita*. E eu acrescentei-lhe algumas reflexões sobre a casa e sobre a minha vida" (Manoel de Oliveira).

► Sábado [30] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE DENTIST

de Leslie Pearce

com W. C. Fields, Babe Kane,

Elise Cavanna, Dorothy Granger

Estados Unidos, 1932 - 21 min

LE FANTÔME DE LA LIBERTÉ

O Fantasma da Liberdade

de Luis Buñuel

com Jean-Claude Brialy, Monica Vitti, Milena Vukotic,

Michel Piccoli, Adriana Asti, Adolfo Celi,

Paul Frankeur, Michel Lonsdale

França, 1974 - 104 min / legendado em português

duração total da projeção: 125 min | M/12

THE DENTIST é um filme pré-Código Hays escrito e protagonizado por W. C. Fields numa das suas quatro associações com Mack Sennett (creditado como produtor da Paramount). São vinte e um minutos em modo *slapstick*, numa torrente de ideias e tiradas que atingem o seu auge na cena do gabinete do dentista. Um pequeno delírio que, na sessão, dá lugar a um outro: penúltimo filme de Luis Buñuel, LE FANTÔME DE LA LIBERTÉ faz - tão admirável quanto subtilmente - uma síntese de toda a carreira deste cineasta único e impar. Paradoxalmente foi, e provavelmente ainda é, um dos seus filmes menos amados. "O FANTASMA DA LIBERDADE é uma imitação dos mecanismos do acaso. Foi escrito num estado consciente. Não é um sonho, nem uma corrente delirante de imagens" (Buñuel).



REVOLUÇÃO

Este périplo de um ano por manifestações e olhares cinematográficos sobre o tema da revolução conclui-se com um punhado de filmes muito diferentes e de épocas muito distintas, mas todos fortemente ancorados na História do século XX. O díptico de Mikhail Romm sobre Lenine, encomenda oficial para assinalar o 20º aniversário da Revolução de Outubro; o filme de Xie Jin, "A CIDADE DOS HIBISCOS", um dos primeiros exames críticos da Revolução Cultural no cinema da China Popular; um clássico do cinema "libertário" dos anos 1970, os MISTÉRIOS DO ORGANISMO, de Dusan Makavejev; o PANTHER, de Mario van Peebles, a contar a história dos Black Panthers; e o BUONGIORNO, NOTTE, de Marco Bellocchio, primeiro mergulho do realizador italiano no traumático caso do rapto e assassinio de Aldo Moro pelas Brigadas Vermelhas.



- ▶ Sábado [02] 19h30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Quinta-feira [14] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

FU RONG JEN

"A Cidade dos Hibiscos"

de Xie Jin

com Jian Wen, Liu Xiaqing

China, 1986 - 164 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um dos primeiros filmes que, na China Popular, procederam a um exame crítico (e em larga medida condenatório) do período da Revolução Cultural, numa tendência da produção chinesa que foi fomentada até à década de 1990. "A Cidade dos Hibiscos", realizado pelo "histórico" Xie Jin, conta a história de um grupo de personagens, marginalizado e violentado durante a Revolução Cultural (apesar do seu entusiasmo pelo processo) e o modo como sobreviveram nos anos seguintes. Foi um grande sucesso de público na China, mas quase não foi visto no estrangeiro.

- ▶ Segunda-feira [04] 19h30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Segunda-feira [11] 19h30 | Sala Luís de Pina

LENIN V OKTIABR

"Lenine em Outubro"

de Mikhail Romm

com Boris Chtchukine, Nicolai Okhlopov, Vassili Vanine

URSS, 1937 - 110 min / legendado em português | M/12

Uma encomenda oficial para o 20º aniversário da Revolução de Outubro, que faz parte de um díptico realizado por Mikhail Romm, um dos eminentes cineastas da sua geração que, como quase todos, teve de pagar o seu tributo aos ditames políticos. LENIN V OKTIABR conta a história do regresso de Lenine da Finlândia para a Rússia e as tentativas do poder burguês para o assassinar antes de tomar na mão a insurreição operária e levar os bolchevistas à vitória.

- ▶ Quarta-feira [06] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [27] 22:00 | Sala M. Félix Ribeiro

BUONGIORNO, NOTTE

Bom Dia, Noite

de Marco Bellocchio

com Maya Sansa, Luigi Lo Cascio, Roberto Herlitzka, Paolo Briguglia, Pier Giorgio Bellocchio

Itália, 2003 - 106 min / legendado em português | M/12

Uma ficção baseada em factos reais: o rapto, e subsequente assassinio, de Aldo Moro pelas Brigadas Vermelhas em 1978. Um filme inspirado por um evento trágico que traumatizou Itália e que, com a singularidade que é característica de Bellocchio, se centra no ponto de vista de Chiara, uma das revolucionárias, que tem por função vigiar o prisioneiro.

- ▶ Quinta-feira [07] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [27] 19h30 | Sala Luís de Pina

W.R.: MISTERIJE ORGANIZMA

W.R.: Os Mistérios do Organismo

de Dusan Makavejev

com Milena Dravic, Jago Da Kaloper, Ivica Vidovic, Zoran Radmilovic, Miodrag Andric

Jugoslávia, 1971 - 84 min / legendado em português | M/12

Reflexão, entre a anarquia e o vanguardismo, das teses do psicanalista Wilhelm Reich sobre a repressão sexual, as suas consequências na personalidade e a forma como se relacionam com a atividade política, realizada pelo mais célebre e cosmopolita realizador da ex-Jugoslávia. O filme integra imagens do cinema de propaganda estalinista, ao modo de uma colagem.

- ▶ Terça-feira [12] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [25] 19h30 | Sala Luís de Pina

PANTHER

de Mario Van Peebles

com Kadeem Hardison, Courtney B. Vance, Marcus Chong, Angela Bassett

Estados Unidos, 1995 - 123 min
legendado eletronicamente em português | M/12

A primeira tentativa cinematográfica de contar a História do movimento dos Black Panthers, ainda que numa versão semi-romanceada (aspecto, de resto, muito criticado na época da estreia). Mario Van Peebles adapta um livro escrito pelo seu pai (o lendário Melvin Van Peebles, também realizador, pioneiro do "black cinema" americano), Courtney B. Vance e Marcus Chong dão corpo a Bobby Seale e Huey P. Newton, fundadores dos Black Panthers, e o elenco está repleto de atores reconhecíveis e bastante famosos, de Angela Bassett a Chris Rock.

► Quarta-feira [13] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Quinta-feira [28] 19h30 | Sala Luís de Pina

LENINE V 1918 GODU

"Lenine em 1918"

de Mikkail Romm

com Boris Chtchukin, Nikolai Bogoliubov

URSS, 1938 - 112 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Depois de adaptar em 1934, BOULE DE SUIF de Maupassant, Romm assinou em 1937 e 1938 os seus dois famosos filmes biográficos sobre Lenine, em que, pela primeira vez, a figura de Vladimir Ilitch foi interpretada por um ator: Boris Chtchukin. LENINE EM OUTUBRO (1937) teve estreia de gala no Bolshoi, a 7 de novembro desse ano, comemorando o 20º aniversário da revolução. "Lenine em 1918" foi igualmente muito apreciado. Mas como o lugar de Estaline era demasiado evidente, em 1956 foi remontada uma nova versão do filme, com sete minutos a menos. Estaline desapareceu. Mas conservou-se a versão de 38, que é a que veremos, ainda com o "pai dos povos" como filho bem-amado de Lenine.



A fechar o programa com que celebrámos ao longo de todo o ano o 50º aniversário do 25 de Abril apresentamos as derradeiras propostas de filmes para concluir os eixos dedicados às ideias de "Comunidade" e de "Futuro".

COMUNIDADE O que pode uma comunidade? A resposta, procurámo-la ao longo destes meses de 2024 em filmes de King Vidor, John Ford, Robert Flaherty, Pelechian, Shinsuke Ogawa, Manoel de Oliveira, Jean-Marie Straub e Danièle Huillet, Cecilia Mangini, etc. etc. etc. Procurámo-la em obras que, de diferentes formas, espelham uma ideia ou ideias de comunidades fortes. Contrariando o enfraquecimento das comunidades tradicionais, insistimos nestas comunidades retratadas ou mesmo constituídas pelo cinema, que, nas suas diferentes configurações, envolvem uma realidade partilhada com outros, o estabelecer de laços próprios do viver em comum. No fecho do programa em dezembro, a ideia de comunidade conjuga-se com dez filmes que cruzam vozes distintas para equacionar a questão: convocam-se comunidades rurais ou citadinas, comunidades de sábios, de trabalhadores, comunidades de mulheres, ou as comunidades em formação que presidem ao cinema de Jacques Tourneur. Comunidades reais ou imaginárias, mas também imaginadas por aqueles que delas fazem parte, envolvendo um necessário sentimento de pertença, cimentado pelo cinema.

- **Terça-feira [03] 22h00 | Sala M. Félix Ribeiro**
► **Segunda-feira [30] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

SEVEN WOMEN

Sete Mulheres

de John Ford

com Anne Bancroft, Margaret Leighton, Sue Lyon,

Flora Robson, Mildred Dunnock, Anna Lee, Betty Field,

Eddie Albert, Mike Mazurky

Estados Unidos, 1966 - 85 min / legendado em português | M/12

O último filme de John Ford é também dos mais importantes, expondo, com inesperado vigor, aquilo que esteve sempre mais ou menos presente na sua obra: uma atmosfera sensual, marcada pelos estigmas do recalcamento sexual, que no caso se manifesta perante a intrusão de um elemento estranho: a uma missão religiosa, composta por mulheres, na China sujeita aos horrores da guerra civil de meados dos anos 1930 (filmada em grande parte na claustrofobia do espaço interior da missão), chega uma médica não crente (Anne Bancroft, numa das suas melhores criações) cuja maneira de ser vai marcar decisivamente os acontecimentos e as demais personagens – “Tudo o que faço, faço em excesso.”

- **Segunda-feira [09] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**
► **Segunda-feira [23] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

BALL OF FIRE

Bola de Fogo

de Howard Hawks

com Barbara Stanwyck, Gary Cooper, Oskar Homolka,

Dana Andrews, Dan Duryea

Estados Unidos, 1941 - 110 min / legendado eletronicamente em português | M/12

De todos os realizadores do período clássico de Hollywood, Howard Hawks é tido como o único que fez obras-primas em todos os grandes géneros: comédias, musicais, *westerns*, *noir*, filmes de *gangsters*. BALL OF FIRE é uma brilhantíssima comédia em que tudo é dito sem ser dito, como impunha a censura de Hollywood e prescrevia a imaginação de argumentistas e realizadores. Nesta história sobre o sexo, um grupo de sábios que parece ter pouca experiência no assunto vê-se às voltas com uma cantora (chamada Sugarpuss O'Shea) que é catedrática na matéria. Tudo se passa numa casa, onde a “comunidade de sábios” vive enclausurada há anos, concentrada no projeto de uma enciclopédia.

- **Quarta-feira [11] 19h30 | Sala Luís de Pina**
► **Segunda-feira [16] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

WEDDINGS AND BABIES

de Morris Engel

com Viveca Lindfors, John Myhers,

Chiarina Barile, Leonard Elliott

Estados Unidos, 1958 - 81 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Em WEDDINGS AND BABIES (Prémio da Crítica de Veneza 1958), o bairro italiano de Manhattan torna-se personagem ao lado do casal protagonista – um fotógrafo nova-iorquino que ganha a vida a fotografar casamentos e a namorada e assistente de origem sueca, duas personagens com perspetivas assaz diferentes sobre a ideia de casar e ter filhos. É em Little Italy que boa parte do filme é ambientado, captando o quotidiano do bairro e as festividades de San Gennaro. O retrato da comunidade é poderoso. Rodado com câmara à mão e aberto à improvisação, é um dos importantes trabalhos, no cinema, de Morris Engel que, em dupla com Ruth Orkin, se distinguiu na fotografia de rua do pós-Guerra e pela singularidade de filmes seminais como LITTLE FUGITIVE e LOVERS AND LOLLIPOPS.

- **Quinta-feira [12] 18h30 | sala M. Félix Ribeiro**

BARRONHOS - QUEM TEVE MEDO DO PODER POPULAR?

de Luís Filipe Rocha

Portugal, 1976 - 52 min | M/12

COM A PRESENÇA DE LUÍS FILIPE ROCHA

BARRONHOS... parte de um assassinato ocorrido num bairro da periferia de Lisboa para prosseguir uma investigação sobre o bairro no contexto social e político pós-revolucionário, que se vivia no Portugal de meados da década de 1970. Luís Filipe Rocha vê-o como o seu primeiro filme, “um documentário dramatizado sobre um crime de morte num bairro de lata, durante o Verão Quente de 1975”. A apresentar em nova cópia digital. À projeção segue-se uma conversa entre Luís Filipe Rocha, o arquiteto Ricardo Santos (autor de uma investigação publicada sobre as operações SAAL), o engenheiro Albano Pereira e o arquiteto José Cid.

- **Segunda-feira [16] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

HARLAN COUNTY U.S.A.

de Barbara Kopple

Estados Unidos, 1976 - 103 min / legendado eletronicamente em português | M/12

O filme de estreia de Barbara Kopple é um dos clássicos do cinema documental americano. Rodado ao longo de três anos, entre 1973 e 1976, numa região de minas de carvão no Kentucky, HARLAN COUNTY U.S.A. começou por documentar as reivindicações sindicais dos trabalhadores, mas mudou de rumo com o início de uma greve que viria a ser longa e violenta. Todas as etapas do acontecimento são filmadas de perto, com duas câmaras, inclusive as cenas de repressão policial, que culminam numa morte, mergulhando o espectador naquilo que vê. Outro elemento decisivo são as canções *folk* cujo lugar no filme evoca as greves dos anos 1930 no Harlan, associando os tempos presente e passado. Na Cinemateca, foi apresentado uma única vez em 2009. A apresentar em cópia digital.

- **Terça-feira [17] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**
► **Sexta-feira [27] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

CANYON PASSAGE

Amor Selvagem

de Jacques Tourneur

com Dana Andrews, Susan Hayward,

Brian Donlevy, Ward Bond

Estados Unidos, 1946 - 92 min / legendado em português

THE IMMIGRANT

O Emigrante

de Charles Chaplin

com Charles Chaplin, Edna Purviance, Kitty Bradbury

Estados Unidos, 1917 - 19 min

mudo, intertítulos em inglês e legendagem eletrônica em português

duração total da projeção: 111 min | M/12

Magnífico *western* sobre uma história de interesses e paixões rivais, entre pioneiros no Oregon, e pondo em conflito dois amigos que acabam separados pelo ouro e por uma mulher. Dana Andrews tem um dos seus melhores papéis neste filme, em que Tourneur, mestre da série B, pôde filmar num belíssimo Technicolor. “O que CANYON PASSAGE celebra, e desse modo é o filme que anuncia STARS IN MY CROWN ou WICHITA, é o papel que a comunidade tem na narrativa. Tudo se centra à sua volta, na sua construção e na imposição de regras que permitam que ela funcione até à aparição de instrumentos legais. Os *westerns* de Tourneur são filmes sempre à volta de comunidades em formação [...].” (Manuel Cintra Ferreira) THE

IMMIGRANT é um clássico e não edulcora a realidade: o filme mostra-nos Charlot num barco de emigrantes (uma situação que Chaplin experimentou na vida real) e a sua chegada a Nova Iorque, onde sobrevive sem um tostão, como em tantos dos seus filmes. Uma das obras-primas absolutas de Chaplin, misto de desencanto e ironia. THE IMMIGRANT é apresentado em cópia digital.

► Terça-feira [17] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

DAVID HARUM

de Allan Dwan

com William H. Crane, Harold Lockwood, May Allison

Estados Unidos, 1915 – 68 min, mudo
legendado eletronicamente em português

FARPÕES BALDIOS

de Marta Mateus

Portugal, 2017 – 25 min

duração total da projeção: 93 min | M/12

**DAVID HARUM É ACOMPANHADO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO
COM A PRESENÇA DE MARTA MATEUS**

A importância de DAVID HARUM é histórica e transcende a obra de Allan Dwan. No mesmo ano de THE BIRTH OF A NATION, Dwan, de modo discretíssimo, trazia para o cinema americano um processo revolucionário: o movimento de câmara “vertical”, para a frente e para trás, ao longo da profundidade do campo (e já não apenas “lateral”, como se praticava desde os primórdios), numa cena em que se segue o percurso do protagonista ao longo de toda uma rua. “Foi a primeira vez que mexemos a câmara. E não recebemos muitos elogios por isso – pelo contrário, só insultos. [...] em vez de elogios, tivemos reprimendas. Mas aperfeiçoámos

o processo e passámos a usá-lo.” A comunidade da cidadezinha americana retratada em DAVID HARUM rima, na sessão, com a comunidade alentejana filmada por Marta Mateus quase um século depois em FARPÕES BALDIOS, o seu primeiro filme, em que pelo menos um *travelling* corresponde a uma viagem no tempo: “No final do século XIX, os trabalhadores rurais em Portugal iniciaram uma corajosa luta por melhores condições de trabalho. [...] Diz-se no Alentejo, que quando se perde alguma coisa, quem procura deverá começar a andar para trás e voltar ao princípio. [...] Os protagonistas deste filme, resistentes desta velha luta, a quem foi roubada a infância e a escolaridade, contam a sua história às gerações de hoje.” Marta Mateus está presente na sessão para uma conversa no final da projeção.

► Sábado [28] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Segunda-feira [30] 19h30 | Sala Luís de Pina

D’EST

de Chantal Akerman

França, Bélgica, 1993 – 117 min / sem diálogos | M/12

Um belíssimo filme pós-queda do Muro de Berlim que se abeira das transformações do quotidiano nos países de Leste, encetando uma viagem da fronteira da Alemanha à Rússia, e do fim do verão ao mais profundo inverno. Trata-se de uma espécie de diário da viagem, de recordações e pessoas que aparecem em estações, paragens de autocarro, ou em longas filas de espera, com tudo o que tais situações evocam. Sem qualquer comentário e recorrendo a uma série de planos fixos e lentos *travellings* que alcançam um efeito quase hipnótico, D’EST é uma das mais emblemáticas obras dos anos 1990 de Chantal Akerman, um expoente do seu trabalho. A apresentar em cópia digital.



FUTURO Era o alemão Siegfried Kracauer quem, no seu clássico de 1960 *Theory of Film: The Redemption of Physical Reality*, enaltecia a capacidade intrínseca ao cinema de capturar “o fluxo da vida”, isto é, a vida no seu *continuum* e em todas as suas manifestações, transformações ou mudanças. Os filmes deste programa enaltecem a possibilidade de o cinema ser uma janela para o mundo, comprimindo o tempo como poucas artes conseguem. Toda uma vida ou uma “fatia de vida” vertida numa longa-

-metragem é a proposta de obras tão disparees como as assinadas por Paul Almond, Michael Apted, Hiroshi Shimizu, Terrence Malick e Richard Linklater. Todavia, se o cinema tem, de facto, essa capacidade de comprimir o tempo, fazendo-nos viajar nele ou através dele em “lampejos de vida”, a escola é um espaço privilegiado, porque concentracionário, para se antecipar, perspetivar ou “fabricar” o futuro: os dois documentários de Wiseman e a ficção de raiz documental do recentemente falecido Laurent Cantet falam-nos de jovens perante professores, professores perante jovens, uma comunidade lidando com a possibilidade de um futuro em que os pupilos não sejam meros “corpos com funções”, mas pessoas inteiras e com sonhos, aptas a não se deixarem afogar no “fluxo da sociedade”.

► Segunda-feira [02] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Quinta-feira [19] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

KIRI NO OTO

O Som do Nevoeiro

de Hiroshi Shimizu

Japão, 1956 - 84 min / legendado em português | M/12

Uma história de amor maior do que a vida liga um homem a uma mulher ao longo do tempo nesta obra-prima de Hiroshi Shimizu, um dos segredos mais bem guardados na História do cinema clássico japonês. Na origem, está um desencontro sentimental entre um homem casado e a sua amante que, ao se aperceber dos estragos provocados no casamento daquele, bruscamente interrompe a relação. Se há desencontro no amor, há um encontro insistente e persistente com a paisagem: uma cabana no coração dos Alpes japoneses, onde a memória vai reacender o amor antigo. “Apesar da ciclicidade estrutural e narrativa de *O SOM DO NEVOEIRO*, Shimizu parece acreditar – com o plano de abertura e de fecho que encerram o filme numa total circularidade – na máxima heraclitiana da univocidade do tempo: nenhum homem se pode banhar duas vezes no mesmo rio” (Ricardo Vieira Lisboa, *À pala de Walsh*). Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.

► Segunda-feira [02] 19h30 | Sala Luís de Pina

► Sexta-feira [6] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

HIGH SCHOOL

de Frederick Wiseman

Estados Unidos, 1968 - 75 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Filmando ao longo de cinco semanas em 1968, *HIGH SCHOOL* retrata o quotidiano de um grupo de estudantes no Northeast High School de Filadélfia, Pensilvânia. O filme documenta o modo como o sistema escolar existe não apenas assente em “factos” mas também para transmitir valores sociais de geração em geração. Fazendo parte do ambicioso projeto de Wiseman de representação das grandes instituições americanas, *HIGH SCHOOL* apresenta uma série de encontros entre professores, estudantes, encarregados de educação e administradores do liceu em causa.

► Terça-feira [03] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Quinta-feira [26] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE TREE OF LIFE

A Árvore da Vida

de Terrence Malick

com Brad Pitt, Sean Penn, Jessica Chastain, Fiona Swaw

Estados Unidos, 2011 - 138 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um filme que acompanha a existência de Jack (Hunter McCracken enquanto jovem, Sean Penn em adulto) desde o



seu nascimento, nos anos 1950, até à idade adulta, da perda da inocência ao cinismo de um homem maduro. Jack, o mais velho de três irmãos, cresce dividido entre duas visões divergentes da realidade: o autoritarismo de um pai, ambicioso e descrente (Brad Pitt), com quem vive em perpétuo conflito, e a generosidade e candura de uma mãe (Jessica Chastain), que lhe dá conforto e segurança. Refletindo sobre a origem do universo e de como a tragédia da vida de um ser humano pode ser tão diminuta quando vista a uma escala global, *THE TREE OF LIFE* (Palma de Ouro em Cannes) é exemplo maior do lirismo do cinema de Malick: “Perante uma obra destas, perante a sua incomensurável beleza, e sobretudo numa primeira visão, a primeira coisa que se pede (ou melhor, se exige) ao espectador é que abra os olhos, ouvidos e todos os demais sentidos (...) e deguste, desfrute o que vai ver e ouvir durante 138 minutos” (João Pedro Bénard)..

► Terça-feira [03] 18h00 | Sala Luís de Pina

► Sábado [14] 19h30 | Sala Luís de Pina

HIGH SCHOOL 2

de Frederick Wiseman

Estados Unidos, 1994 - 220 min / legendado eletronicamente em português | M/12

26 anos depois de *HIGH SCHOOL*, somente a sua segunda longa-metragem, Frederick Wiseman lançou uma sequência desenrolada numa escola etnicamente diversa, em que a educação se cumpre num regime de intensa interação entre professores, estudantes e pais. No primeiro *HIGH SCHOOL*, o assunto da guerra no Vietname acabava aflorado pela diretora da escola, na Pensilvânia, num discurso autogalvanizador que, para algumas sensibilidades, denunciava tudo o que estava errado no sistema de ensino americano. No segundo filme e nesta segunda escola, localizada no Spanish Harlem, o tema candente é outro – o assassinio de Rodney King às mãos da polícia – e implica os professores numa crescente consciencialização

política, presente na própria prática pedagógica, expondo, enfim, os seus riscos e promessas. A exibir em cópia digital.

► **Quarta-feira [04] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

► **Sábado [21] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

BOYHOOD

Boyhood: Momentos de Uma Vida

de Richard Linklater

com Ellar Coltrane, Patricia Arquette, Ethan Hawke

Estados Unidos, 2014 - 165 min / legendado eletronicamente em português | M/12

A vida, simplesmente, é o principal efeito especial deste ambicioso filme de Richard Linklater, realizador americano que sempre gostou de complexificar a fórmula narrativa do seu cinema mas que aqui a leva ainda mais longe, ao ter filmado durante 12 anos o crescimento de um rapaz chamado, no filme, Mason (é Ellar Coltrane na vida real), da infância à adolescência. Os seus pais, encarnados por Ethan Hawke e Patricia Arquette, e a própria filha do realizador, Lorelei Linklater, são também documentados pela câmara em cada salto temporal ou em cada novo cabelo branco. "O que é muito bonito em BOYHOOD, desde logo, é a forma como o filme se mostra: como se se apagasse, como se apagasse os sinais de acontecimento, de filme-conceitual, que corre o risco de criar", escreveu à época da sua estreia comercial o crítico do jornal *Público* Vasco Câmara. Primeira apresentação na Cinemateca.

► **Quinta-feira [05] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

► **Quinta-feira [26] 18h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

ENTRE LES MURS

A Turma

de Laurent Cantet

com François Bégardeau, Agame Malembo-Emene, Angélique Sancio

França, 2008 - 130 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Nascido em 1961, Laurent Cantet tornou-se conhecido com

RESSOURCES HUMAINES (1999), que descreve uma greve operária, numa narrativa onde mistura elementos documentais e de ficção, técnica que volta a utilizar em ENTRE LES MURS (Palma de Ouro em Cannes). Baseado no romance de um professor do ensino secundário, François Bégardeau (que, aliás, protagoniza brilhantemente este filme), obra para a qual transpõe a sua própria experiência no liceu de um subúrbio "difícil", o filme mostra o desfasamento entre os alunos desse meio e o sistema de ensino, mas também afirma, nas palavras do realizador, "a indissolubilidade do compromisso do cinema com o compromisso da educação".

► **Sábado [14] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

SEVEN UP!

de Paul Almond

Reino Unido, 1964 - 40 min

7 PLUS SEVEN

de Michael Apted

Reino Unido, 1970 - 53 min

duração total da projeção: 93 minutos / legendados eletronicamente em português | M/6

Dois episódios que marcam o lançamento da série documental UP, iniciada em 1964 com a realização do canadiano Paul Almond, mas ativamente participada por um jovem estudante de Cambridge chamado Michael Apted, e continuada, de sete em sete anos, por este último já na realização, fazendo-nos regressar às mesmas histórias de vida das crianças outrora com apenas sete anos. A série permanece ainda por concluir, mesmo na ausência física, mas não espiritual, de Apted. O objetivo, pelo menos inicial, passava por verificar a forma como a proveniência social e económica determinava o discurso e o percurso de vida de cada criança, algo que fica já visível - além do facto de as imagens adquirirem cor - no "salto" dos 7 para os 14 anos de idade. Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópias digitais.



PROGRAMA SUJEITO A ALTERAÇÕES

Preço dos bilhetes: 3,20 Euros

Sessões Cinemateca Júnior (até 16 anos) - 1,10 euros

Estudantes/Cartão jovem, Reformados e Pensionistas > 65 anos - 2,15 euros

Amigos da Cinemateca/Estudantes de Cinema - 1,35 euros

Amigos da Cinemateca / marcação de bilhetes: tel. 213 596 262

Horário da bilheteira: Segunda a Sexta - feira, 14h30-15h30 e das 17h30 - 22h

Sábados 14h-21h30

Tel. 213 596 262

Venda online em cinemateca.bol.pt

Classificação Geral dos Espetáculos: IGAC

BIBLIOTECA

Segunda - feira/Sexta - feira, 14h - 19h30

ESPAÇO 39 DEGRAUS

Livraria LINHA DE SOMBRA | Segunda - feira/Sábado, 14h - 22h (213 540 021)

Restaurante-Bar, Segunda - feira/Sábado, 12:30 - 01h

Transportes: Metro: Marquês de Pombal, Avenida

Bus: 736, 744, 709, 711, 732, 745

Disponível estacionamento para bicicletas

Rua Barata Salgueiro, 39 - 1269 - 059 Lisboa | www.cinemateca.pt